

revista

Beija-Flor

Janeiro 2002

uma escola de vida



Nota 10 em evolução.



2432 1111
Aberto até 21h

Jagger 
Avenida das Américas, 6455

Carro abre-alas.



Mercedes-Benz

BARRA
AYRTON SENNA, 9001
2421 1500

COPACABANA
PRADO JÚNIOR, 145
2275 0997

BARRA
AV. DAS AMÉRICAS, 645
2493 1500

BLINDADOS
AGÔ
LIGUE HOJE: 2493 3133

Convidados por Anizio Abrão David para executar o projeto da revista **Beija-Flor — uma escola de vida**, concebido em parceria com o radiologista Hilton Abi Riham, fomos tomados por um sentimento de euforia. Afinal, seria um grande desafio abraçar um projeto inédito e grandioso como esse, em que teríamos que apresentar a um público variado — e de maneira imparcial e objetiva — a história da maior escola de samba da atualidade, situando-a no contexto da própria história do carnaval.

Por isso, pela grandeza do projeto, mergulhamos fundo na sua produção. E nesse mergulho fomos descobrindo, em cada conversa com o Anizio, com o pessoal da Comissão de Carnaval, da bateria, das alas, da comunidade... uma Beija-Flor especial.

Uma Beija-Flor que transborda vida e esperança, muito mais grandiosa que os seus grandiosos desfiles na Sapucaí.

Uma Beija-Flor que trouxe para si a responsabilidade social de ser o instrumento de oportunidades na educação, na cultura, no esporte, no lazer e na vida profissional de milhares de crianças, jovens e adultos que vivem em Nilópolis.

Fomos conhecendo uma Beija-Flor que é construída dia-a-dia por centenas de anjos anônimos, que dão um pouco de si pela escola e pela sua comunidade... e com muita alegria.

Uma alegria contagiante, e que é evidente quando visitamos a quadra da escola, em Nilópolis, e encontramos as pessoas celebrando na sua dança e no seu canto, essa alegria que vem do fundo do coração.


Por tudo que vivemos nesses meses, falar sobre a Beija-Flor de maneira imparcial é uma tarefa inglória. Como calar nosso coração já conquistado por ela?

Hoje, temos certeza de que após a produção da revista **Beija Flor — uma escola de vida**, já não somos mais os mesmos. E é isso que esperamos para você: que a leitura dessa revista também o transforme.

Sobre a revista **Beija-Flor — uma escola de vida**, o que podemos dizer é que ela traça um breve mas essencial perfil do nosso povo, com seus sonhos, suas realizações, sua dor e alegria, que se traduzem em uma de suas mais viscerais expressões: o carnaval das escolas de samba.

Hilton Abi Riham e Ricardo Fonseca
Editores





Apresentar a revista **Beija-Flor — uma escola de vida** é motivo de muita alegria. Alegria porque agora poderemos divulgar para todo o Brasil, o significado da Beija-Flor e sua importância para o carnaval brasileiro.

Essa revista concretiza um desejo antigo de ver uma publicação com um conteúdo jornalístico e uma apresentação gráfica à altura da escola de samba que revolucionou nosso carnaval. Nela, iremos dar prioridade ao samba, ao carnaval e às suas raízes, resgatando as suas histórias, os seus grandes momentos e os grandes poetas populares, que jamais deveriam ser esquecidos. Em nossa revista, eles serão sempre lembrados.

Fico feliz em saber que essa obra está chegando às suas mãos porque me faz pressentir que cada um de vocês será presenteado com um pouco da magia que envolve a Beija-Flor. Magia essa que me envolveu há 34 anos e que tem proporcionado a todos os que se aproximam da escola, muitos momentos de sensibilidade, alegria e realização.

Sem a Beija-Flor, certamente, nossas vidas seriam mais vazias.

Em sua generosidade, a Beija-Flor muito tem nos ensinado.

A cada dia nossa escola tem nos dado um pouco de esperança, coragem e força para viver. Basta ir à nossa quadra para ver no semblante da comunidade que ensaia e canta nosso samba-enredo, a emoção transbordando em suas vozes, em sua dança e no brilho de seus olhares... e na alegria como vivem suas vidas.

E com a Beija-Flor, todos temos aprendido muito. A lição de ser irmão, de querer realizar o sonho dos outros, de perseverar, de lutar para mudar as coisas que desejamos ver mudadas...

Ver que esse sonho pode ser multiplicado na revista **Beija-Flor — uma escola de vida**, é uma satisfação especial para mim que dediquei, e ainda dedico, parte da minha vida à essa escola.

Afinal, a Beija-Flor é isso, muito mais que uma escola de samba. A Beija-Flor é uma escola de vida.

Anizio Abrão David

EXPEDIENTE

Conselho Editorial
Hilton Abi Riham
Ricardo Fonseca

Projeto Editorial
Ricardo Fonseca
Isabella Eckstein

Produção e Marketing
Designum Comunicação

Jornalista responsável
Isabella Eckstein

Edição
Antonio Claudio Zamagna
Isabella Eckstein

Redação
Claudia Pinheiro
Tatiana Gandelman

Projeto Gráfico
Renata Pinheiro

Arte
Renata Pinheiro
Fernando Lima

Colaboradores
Hiram Araújo
Sérgio Cabral
Alessandra Eckstein
Denise Carla
Marco Antonio Barbosa

Revisão de Texto
Mariflor Rocha

A revista **Beija-Flor** - **uma escola de vida** é uma publicação do Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis. As opiniões emitidas nas entrevistas concedidas e os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, a posição dos editores. É permitida a reprodução parcial ou total das matérias, desde que citada a fonte.
Edição histórica - Janeiro de 2002 - Tiragem: 60 mil exemplares



DESIGNUM
Comunicação

www.designum.com.br
e-mail: designum@designum.com.br

Rio de Janeiro
Álvaro Alvim 27 gr. 33
Centro - RJ
Telefone/fax:
(21) 2220-8841
(21) 2220-8827

Brasília
SRTV/S 701
Centro Empresarial Assis
Chateaubriand
Bloco 1 - sala 622
Tel./fax: (61) 321-3667

CAPA

Foto: Henrique Matos
Arte: Fernando Lima



Uma escola
de vida
10

Anizio: a mão que toca
o samba e a comunidade
46



Arquivo Nacional



Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor

SEÇÕES

Uma escola fazendo história	10
O desfile	30
Anizio: a mão que toca o samba e ...	46
Ajudar o próximo: uma tradição...	52
Família Abrão David	54
História do carnaval	60
Beija-Flor de todos os tempos	70
Carnaval 2002	91
A família Beija-Flor	98

**A origem do carnaval
e as escolas de samba**
60

**Beija-Flor de
todos os tempos**
70



Arquivo Nacional

Acervo Secretaria Municipal de Cultura de Nilópolis



LOTERJ. VOCÊ APOSTA, O RIO TODO GANHA.

Quando você tenta a sorte em um jogo da Loterj, mais de 13 milhões de pessoas saem ganhando. É que a renda obtida com a Raspadinha, o Toto Bola e os Bingos autorizados pela Loterj é revertida para a Vida Obra Social do Governo do Estado do Rio de Janeiro. O prêmio pode sair em forma de casas populares, ambulâncias e tudo o que for preciso para tornar melhor e mais digna a vida do povo do nosso Estado. Loterj. Sorte de quem mora no Rio.



Beija-Flor, sim, de Nilópolis

O Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor não tem em seu nome o que todo mundo diz que tem. Quer dizer: tem, mas não tem! Complicado? Não. Explica-se. A identidade entre a agremiação e o município de Nilópolis é tão acentuada, que o seu atual presidente de honra, Anizio Abrão David, determinou que a escola de samba fosse chamada "Beija-Flor de Nilópolis". E assim ficou. Uma das escolas de samba de maior torcida no Brasil, é ela a responsável pelo fato de Nilópolis ser um dos municípios fluminenses mais conhecidos em nosso país.

Localizados na Baixada Fluminense, Nilópolis e Beija-Flor têm hoje em comum a manutenção de projetos arrojados de crescimento.

Durante a década de 80 e o início dos anos 90, o município fluminense destacou-se pelo seu elevado nível na qualidade de vida, fator que hoje busca resgatar. De forma paralela, a Beija-Flor também alcançou grande destaque na mesma época e, durante os últimos 10 anos, foi a única agremiação a figurar sempre no Desfile das Campeãs, estando, portanto, entre as cinco melhores de cada ano.

Coincidência, ou não, tanto a Beija-Flor quanto Nilópolis desenvolvem em comum também uma vocação para o arrojado, para a vanguarda, trabalhando para que, naquilo que fazem, o amanhã seja melhor do que o hoje. Mas é inevitável lembrar que ombreada ao progresso, caminha a preocupação social, marca inquestionável da agremiação e do município, por sua atual Administração.

Assim é concebida a revista **Beija-Flor — uma escola de vida**, com o mesmo olhar de vanguarda, o mesmo ímpeto de superação, levando mais uma vez o nome de Nilópolis a cada canto do país como sinônimo de alegria, progresso e inovação.

Farid Abrão

Presidente Administrativo

Uma escola de vida

Isabella Eckstein

Passados 53 anos da fundação do bloco Associação Carnavalesca Beija-Flor, é fácil constatar a dimensão e a importância que ele alcançou no cenário nacional e internacional. Basta que se diga o nome atual da escola de samba em que o pequeno bloco se transformou cinco anos depois de fundado: Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis

Seis vezes campeã, desde 1976 — quando conquistou seu primeiro campeonato no Grupo I — a Beija-Flor só não esteve entre as cinco primeiras colocadas uma única vez. Fenômeno no carnaval do Rio de Janeiro, ganhou o mundo e fez muito gringo cair no samba durante apresentações nos mais diferentes lugares — da Argentina à Alemanha, dos Estados Unidos ao Marrocos, do Caribe à Inglaterra, de Portugal à Cisjordânia.

Sob o comando da família Abrão David, a Beija-Flor deixou de ser simplesmente uma opção de lazer para os moradores de Nilópolis, ou a representante do município da Baixada Fluminense no Desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Ela foi mais longe, superou expectativas. Passou a oferecer oportunidades,

criar esperanças, concretizar sonhos. Tornou-se o orgulho de um povo e um exemplo a ser seguido. Fez-se uma escola de vida.

Para conhecer as origens do G.R.E.S Beija-Flor de Nilópolis é preciso voltar alguns anos no tempo, até o dia 25 de dezembro de 1948. Pois foi durante um bate-papo entre amigos num dia de Natal que surgiu o embrião daquela que se tornaria uma das principais potências do carnaval carioca.

Reunidos numa das esquinas da rua Mirandela, tradicional ponto de encontro de sambistas de Nilópolis, Milton de Oliveira (Negão da Cuíca), Edson Vieira Rodrigues (Edinho do Ferro-Velho), Helles Ferreira da Silva, Walter da Silva, Hamilton Floriano e José Fernandes da Silva, entre outros, batucavam na mesa de um bar quando um deles sugeriu a formação de um bloco carnavalesco para ocupar a lacuna surgida na região com o fim dos blocos do Irineu Perna-de-Pau e dos Teixeira. Aprovada por unanimidade a sugestão, logo dava-se por fundada a Associação Carnavalesca Beija-Flor.

Várias são as versões para a escolha do nome do bloco. A maioria delas sustenta a influência de dona Eulália, mãe de Milton de Oliveira, que, segundo contam, adorava pássaros e possuía na varanda de sua casa vários bebedouros para beija-flores. Ela também poderia ter se inspirado no nome de um rancho existente em Marquês de

Valença, Minas Gerais. Há aqueles que garantem que a fonte de inspiração seria um rancho carnavalesco que desfilava pelas ruas de Mesquita, na Baixada Fluminense, enquanto outros afirmam que o aparecimento de um beija-flor durante a discussão do nome do bloco teria sido entendido como um sinal. No fim das contas, o que se pode dizer, com certeza, é que foi com esse nome que a Azul-e-Branco de Nilópolis criou asas e voou para o topo das escolas de samba do carnaval carioca.

A Associação Carnavalesca Beija-Flor desfilou em Nilópolis pela primeira vez durante o carnaval de 1949, quando cerca de 40 foliões botaram o bloco na rua com instrumentos herdados das agremiações anteriores, sem fantasias, mas com muita animação. No ano seguinte, já vestidos de azul e branco, conquistaram o público: "Foi um sucesso. A Mirandela inteira parou para ver a gente passar. Todo mundo queria sair no Beija-Flor", recorda dona Lindalva Teixeira, a Caçulinha, única componente do bloco que permanece na escola até hoje. Mas, como ela mesma conta, teve muita gente que ficou com água na boca: "Para fazer parte do grupo, tinha que ser de família conhecida. Os rapazes tinham que ter moral. Era muito organizado, não entrava qualquer um não", assegura.

Indo de vento em popa, o bloco não tardaria a virar escola de samba. Em 1953, por iniciativa de Silvestre David dos Santos, integrante da ala dos compositores, o Beija-Flor foi inscrito na Confederação das Escolas de Samba como Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor para o desfile do ano seguinte no Grupo II. A estréia no Rio de Janeiro não poderia ter sido melhor: com o enredo "O Caçador de esmeraldas", a escola conquistou a primeira colocação no carnaval de 1954 e garantiu o direito de desfilarem no Grupo I em 1955.

Competindo com grandes agremiações, como Império Serrano, Acadêmicos do Salgueiro e Estação Primeira de Mangueira, a Beija-Flor se manteve no Primeiro Grupo até 1963, tendo conseguido uma segunda colocação no ano anterior com o enredo "O Dia do Fico". Depois disso, veio uma fase muito difícil e a escola, que já tinha caído para o Grupo II, desceu para o Grupo III.

Nessa época, Anizio Abrão David, um apaixonado por samba, nascido e criado em Nilópolis, começou a se aproximar da escola de samba da cidade. Foi presidente da Beija-Flor no período de 1967 a 68 e conseguiu fazer com que



Jóia rara: a primeira formação da Beija-Flor, ainda nos tempos de bloco

ela retornasse ao Segundo Grupo. Quatro anos mais tarde, ele estaria de volta à agremiação ao lado do irmão Nelson Abrão David, que havia se casado com Marlene Sennas, destaque da escola e filha do primeiro presidente da Beija-Flor, José Rodrigues Sennas. Juntos, Nelsinho e Anizio começaram a desenvolver um trabalho que ultrapassaria as fronteiras do carnaval.

"A Beija-Flor teria acabado se não fosse a família Abrão David", afirma Aloizio Ribeiro, presidente da Velha-Guarda há 19 anos. "Eles botaram ordem na casa, fizeram eventos para arrecadar dinheiro, construíram uma nova quadra e levaram a escola definitivamente para o Primeiro Grupo".

De fato, desde 1974, a Beija-Flor mantém uma trajetória impecável, que contabiliza nada menos que seis títulos e dez vice-campeonatos. Só ficou de fora do Desfile das Campeãs uma única vez, em 1992, quando perdeu pontos por causa de um destaque que desfilou sem o tapa-sexo.

Mas a grande virada só veio a acontecer realmente no desfile de 1976. "Depois do carnaval de 75, o Joãozinho Trinta, que tinha acabado de conquistar o campeonato pelo Salgueiro, me procurou e disse que gostaria de trabalhar numa escola pequena. Fiz o convite para ele trabalhar conosco, apenas deixando claro que já tínhamos o enredo para o ano seguinte, que seria sobre a vida do Natal da Portela. Ele me perguntou se poderia acrescentar alguma coisa e nós saímos em 1976 com "Sonhar com rei dá leão" e conquistamos nosso primeiro campeonato", conta Anizio.

Carnavalesco vitorioso na agremiação da Tijuca, o jovem maranhense João Jorge Trinta dava início, na Beija-Flor, a uma verdadeira revolução nos padrões estéticos do desfile. "Com as arquibancadas cada vez mais altas, as



Componentes desfilam debaixo de forte chuva no ano de 1986

escolas eram vistas muito do alto, o que obrigou o espetáculo a crescer para cima. Esse crescimento vertical é o que chamamos de estilo barroco clássico, que foi lançado em 1976 pela Beija-Flor com o trabalho desenvolvido por Joãozinho Trinta", afirma o pesquisador de carnaval Hiram Araújo, diretor Cultural da Liga Independente das Escolas de Samba.

O abençoado desfile de 1976 também seria marcado pela estréia em dose dupla de Luís Antônio Feliciano Marcondes, que anos mais tarde se transformaria num dos principais ícones da escola sob o apelido com o que se consagrou: Neguinho da Beija-Flor. Além de ser um dos compositores do samba vitorioso, Neguinho fez o público delirar com seu carisma e sua voz marcante, ganhando, por essa razão, o posto de puxador oficial da escola, onde já está há 27 anos.

Cada vez mais luxuosa, a Beija-Flor voltou com tudo em 1977, já contando com mais um reforço proveniente do Salgueiro: o respeitado e competente diretor de Harmonia Luiz Fernando Ribeiro do Carmo, o Laíla. O resultado não poderia ser outro: bicampeã com o enredo "Vovó e o rei da Saturnália na corte egípcia". A consagração veio em 78 com "A criação do mundo na tradição nagô" e a conquista do terceiro título consecutivo.

Nessa ocasião, além de firmar-se como uma grande escola, a Beija-Flor passou a

funcionar como locomotiva para Nilópolis, como ressalta o irmão mais novo de Nelson e Anízio, atual presidente administrativo da escola e prefeito da cidade, Farid Abrão: "O tricampeonato contribuiu muito para o desenvolvimento de Nilópolis. O crescimento da escola deu maior visibilidade ao município e abriu caminhos para que ele fosse visto com mais carinho pelas autoridades e passasse a receber mais recursos do governo federal."

E a Beija-Flor seguiu pela década de 80 sempre entre as primeiras colocadas, a cada ano trazendo uma novidade que surpreendia o público. Para o compositor Ary Carobinha, a espinha dorsal das escolas de samba se manteve com o passar dos anos, apenas foi se adaptando aos novos tempos: "Era tudo igualzinho a hoje, com as alas, carros alegóricos e tudo mais. Só mudaram as regras. Os carros não podiam levar pessoas, apenas alegorias; também não podiam ter mais de dois metros de comprimento, nem três de altura; as baianas eram obrigadas a desfilarem em fileiras nas laterais da escola. Não podíamos fugir disso", recorda Carobinha, que aponta Joãozinho Trinta como o maior responsável pela transformação do carnaval. "Foi ele que colocou as mulheres nos carros, fez alegorias da altura do relógio da Central do Brasil, quer dizer, anarquizou o troço todo e se deu bem porque o povo gostou e aplaudiu", afirma, categórico.

Foi, sem dúvida, um casamento que deu certo.

Farid, Anízio e outros integrantes da Beija-Flor acompanham a apuração do desfile de 1999, "Araxá, lugar alto onde primeiro se avista o sol"



Joãosinho tinha idéias, novos conceitos, e a Beija-Flor lhe deu liberdade e recursos para que pudesse colocar em prática toda sua criatividade. A história certamente não teria o mesmo final se Anizio não fosse seu cúmplice: "O Joãosinho imaginava as coisas e eu topava e partia junto. Quando fizemos o "Ratos e urubus larguem a minha fantasia", a diretoria inteira foi contra e eu botei o carnaval na rua, no peito."

Realmente, ninguém se esqueceu do memorável desfile de 1989, quando a Beija-Flor deixou de lado o luxo que lhe é tão característico e ousou ao levar para a avenida componentes vestidos de mendigos, a diretoria em uniforme de gari e uma réplica do Cristo que, condenada pela Igreja, entrou coberta e com uma faixa na qual se podia ler: "Mesmo proibido, olhai por nós". Apesar da apresentação apoteótica, que fez a platéia delirar, a escola perdeu no desempate para a Imperatriz Leopoldinense.

Polêmica, inovadora e sempre muito alegre, a Beija-Flor fez carnavais inesquecíveis, desfilando à noite, de manhã, com sol ou com chuva. Foi, aliás, debaixo de um verdadeiro dilúvio que ela fez outra de suas melhores apresentações. Em 1986, com a Passarela do Samba alagada por uma chuva forte que durou quase todo o tempo de desfile da escola, a comunidade nilopolitana demonstrou toda sua garra em "O mundo é uma bola". Mais uma vez, no entanto, ficou em segundo lugar.

Ainda durante os anos 80, Nelsinho deixou a presidência da Beija-Flor em 1983 e foi substituído por Farid nos quatro anos seguintes. Anizio assumiu o cargo em 88. Como que em um gesto de despedida, Nelsinho voltou à escola em 91, ano de seu falecimento. No biênio seguinte, a família ficou afastada da direção da escola, que ficou sob o comando de Luiz Carlos Batista. Em 1994, Farid foi eleito presidente novamente e mantém até hoje a bem-sucedida parceria Abrão David-Beija-Flor.

Em 1990, foi criado o Grupo Especial e a Beija-Flor investiu nos recursos tecnológicos em "Todo mundo nasceu nu". Em 1992, ela obteve seu pior resultado entre as escolas grandes: sétimo lugar, com o enredo "Há um ponto de luz na imensidão", o que ocasionou a saída de Joãosinho Trinta. A carnavalesca Maria Augusta assumiu seu lugar e a escola obteve a terceira colocação no carnaval de 1993 com "Uni-duni-tê, a Beija-Flor escolheu você". Nova mexida nos

quadros da agremiação e o jovem carnavalesco Milton Cunha foi encarregado de desenvolver os quatro desfiles seguintes, conquistando dois terceiros lugares, um quinto e um quarto. Em seu último ano na Beija-Flor, Milton levou para o Sambódromo uma comissão de frente totalmente inusitada, composta por 15 bailarinas clássicas. A fusão do samba com o balé desenvolvida pela coreógrafa Ghislaine Cavalcanti enlouqueceu o público e, de lá para cá, vem garantindo notas máximas para a escola.

Após o carnaval de 97, por iniciativa de Laíla, já diretor Geral de Carnaval da escola, a Beija-Flor passou por uma grande revolução interna. A figura do carnavalesco foi substituída por uma comissão de carnaval composta por sete pessoas, sob a coordenação de Laíla: Em 98, já com essas novidades, a escola entrou para ganhar com "Pará: o mundo místico dos caruanas nas águas do patu-anu" e sagrou-se campeã ao lado da Mangueira.

Nos últimos três anos, o que parecia ser impossível aconteceu: apesar dos carnavais maravilhosos que apresentou, a Beija-Flor obteve três vice-campeonatos consecutivos. E — o que é mais insólito — nas três vezes perdeu o título por uma diferença de apenas meio ponto para a tricampeã Imperatriz Leopoldinense.

Este ano, para afastar de vez a falta de sorte, a escola promete um desfile mais forte e cheio de garra do que nunca. Com "O Brasil dá o ar de sua graça — de Ícaro a Ruben Berta, o ímpeto de voar", a Beija-Flor vai contar a história daqueles que viveram para realizar o sonho de voar e, se Deus quiser, vai bater asas novamente rumo à vitória. ■

Zico é um dos grandes personagens da história da Beija-Flor. Apaixonado, desfila na escola há mais de 20 anos



Nilópolis

Capital da Nação Beija-Flor

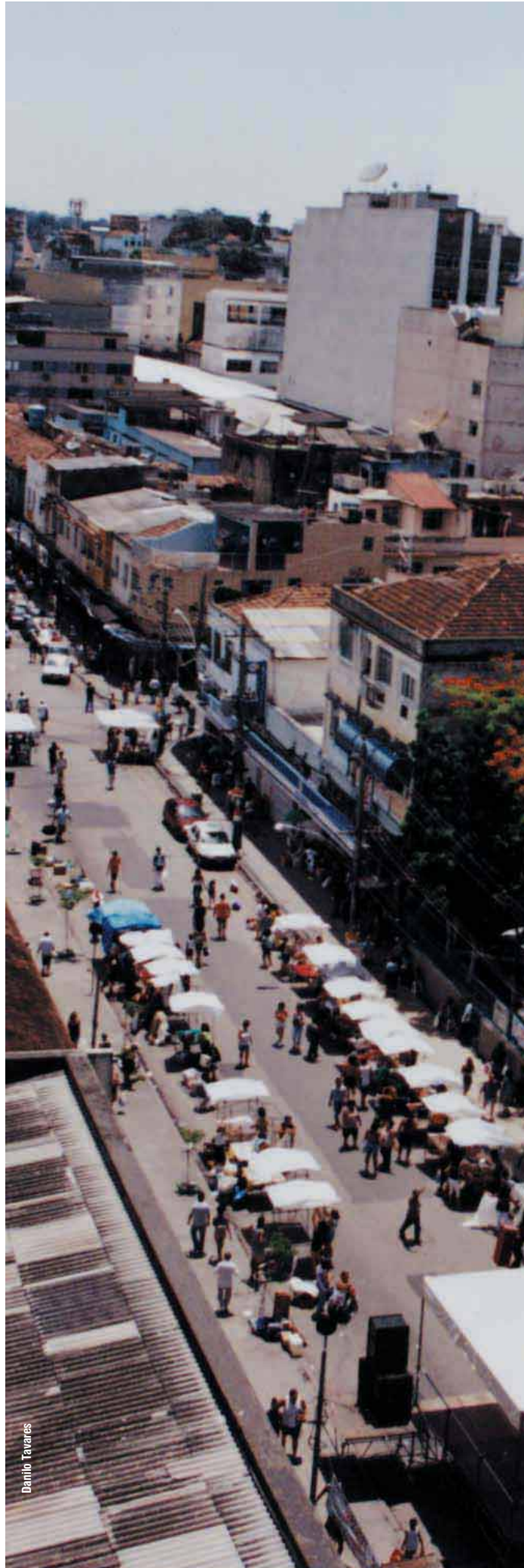
Claudia Pinheiro

Berço e morada da escola de samba mais criativa e majestosa que o mundo já viu desfilar, Nilópolis é da Beija-Flor tanto quanto a Beija-Flor — como seu próprio nome proclama — é de Nilópolis. Município e agremiação têm quase a mesma idade: a emancipação política nilopolitana se deu em 1947, bem a tempo de arrumar a casa para receber a Beija-Flor, que nasceu um ano depois, ainda em feitiço de bloco carnavalesco. "É impossível pensar na escola sem associá-la à cidade, e vice-versa", resume o prefeito Farid Abrão David, também presidente da Beija-Flor.

Ao longo dos anos, a escola de samba foi crescendo e ganhando fama, tornando também famosa a comunidade — que, com muito empenho e com o apoio dos que tão bem têm sabido liderá-la, é a grande responsável por todo esse sucesso. O tricampeonato conquistado pela Beija-Flor nos carnavais de 1976, 1977 e 1978 projetou de vez a cidade no cenário nacional e internacional. "Esse crescimento da escola foi essencial", como enfatiza Farid Abrão, "para que a cidade recebesse mais recursos do governo federal."

Situada na Baixada Fluminense, a cerca de

A cidade da Beija-Flor



Denildo Tavares

50 quilômetros do Rio de Janeiro, Nilópolis tem aproximadamente 180 mil habitantes, concentrados numa superfície de nove quilômetros quadrados. A área original do município era de 22,5 quilômetros quadrados, mas 60% desse território são hoje ocupados pelo Campo de Instrução de Gericinó, vinculado ao Exército. Essa perigosa vizinhança com um campo de operações militares é um sério problema para os nilopolitanos, ao mesmo tempo que, por outro lado, a utilização mais racional desse espaço seria a solução para o desenvolvimento da cidade.

Nilópolis ganhou esse nome em 1921, numa homenagem a Nilo Peçanha, político fluminense que por duas vezes chegou à Presidência da República. Por essa época, chegaram à cidade os Abrão David, família de importância vital para o desenvolvimento político, econômico e social da cidade. Pouco a pouco, essa gente trabalhadora e solidária foi se destacando, primeiramente na direção da escola de samba, com os irmãos Anizio e Nelson, e depois na política - tanto na esfera municipal quanto na estadual e na federal, mas sempre priorizando a defesa dos interesses nilopolitanos. No período de 1982 a 1988, Miguel Abrão David, já falecido, foi prefeito de Nilópolis. Já o deputado federal Simão Sessim, primo dos Abrão David, que também já foi prefeito da cidade, esteve no legislativo estadual algumas vezes antes de ir para o Congresso Nacional. Na política local, quem se destaca atualmente, além de Farid Abrão, é seu filho, Ricardo, que vem se preparando

para assumir responsabilidades legislativas.

Em um ano à frente da Prefeitura, Farid já conseguiu enxugar o orçamento e aumentar o que o município arrecada. "Nossa arrecadação

mensal, que era de R\$ 2,8 milhões, hoje já chega a R\$ 3,3 milhões, o que vem permitindo a implementação de novos projetos para a comunidade", conta o vice-prefeito Oswaldo Costa, o Ratinho.

Os resultados já podem ser notados pela população: a cidade está mais limpa e com novas opções de lazer; a saúde pública, mais eficiente; e o funcionalismo, com salários em dia. Eliana Rodrigues, de 39 anos e há 30 morando em Nilópolis, confirma que hoje Nilópolis está, de fato, muito mais limpa: "Ultimamente, o caminhão de lixo passa todos os dias na porta da minha casa." Já Valéria Cristina Batista, de 40 anos, nascida e criada na cidade, destaca os novos espaços de lazer. "Agora, temos até praças para as crianças brincarem." ■



Ricardo e Farid Abrão, na Prefeitura de Nilópolis

Gericinó, campo fértil para o desenvolvimento

Com poucas e pequenas indústrias em seu território, Nilópolis não tem também áreas disponíveis para atrair grandes investimentos industriais. A solução desse problema, na opinião do prefeito Farid Abrão, estaria na utilização de uma pequena parte da área hoje ocupada pelo Campo de Instrução de Gericinó, pertencente ao Exército. "É uma faixa de terreno junto à divisa com o nosso município. Não representa mais que 20% dos 13,5 quilômetros quadrados do campo", explica Farid, acrescentando que desde meados dos anos 70 Nilópolis vem solicitando às autoridades militares a cessão do terreno.

A esperança de resolução do problema, agora, está depositada nas mãos do presidente Fernando Henrique Cardoso, que prometeu se empenhar para obter a liberação da área. "Numa audiência que tive com ele em Brasília, o presidente se mostrou simpático à nossa reivindicação e se comprometeu a tentar resolver a questão com o ministro do Exército", conta o prefeito.

Se a área for liberada, Farid Abrão não vê maiores dificuldades para a criação de um poderoso parque industrial no local. "Nossa localização é privilegiada, pois estamos pertinho da Avenida Brasil, e mão-de-obra é o que não falta na cidade. Quanto à infra-estrutura — saneamento básico, pavimentação, iluminação —, a Prefeitura banca", garante o prefeito de Nilópolis.

A Beija-Flor e a Mitologia

Hiram Araújo

Analisar a trajetória da Beija-Flor de Nilópolis à luz da mitologia pode parecer um sortilégio para quem vive ainda sob o império da razão. Mas quem conhece as mudanças ocorridas no mundo após a II Guerra Mundial, e que resultaram na falência do racionalismo e no retorno dos valores pré-modernos, não vê nenhum absurdo na forma como vou tratar a questão. Mitos, contos de fadas, narrativas fantásticas, hoje voltam a ser ouvidos e considerados.

A Beija-Flor, desde a sua criação, vive um conto de fadas. Ela foi feia, borralheira e pobre até encontrar nas cinzas o sapatinho da realeza, o qual, ao servir-lhe no pé, fê-la virar princesa.

Vamos acompanhar essa evolução, do início até hoje.

A data de fundação — Ao receber o 25 de dezembro como dia de sua fundação, a escola de Nilópolis, de imediato, atraiu imagens arquetípicas poderosas, pois a data tem um forte apelo mitológico. Era a 25 de dezembro, depois do solstício do inverno no hemisfério norte, que comemorava-se o *Natalis Solis*, o renascimento do sol, isto é, o início do período em que os povos antigos podiam voltar aos campos para plantar e cuidar dos animais. Os persas, nesse dia, celebravam Mitra, o Deus Sol.

O saudoso Junito de Souza Brandão, no livro 'Mitologia grega', lembra que "o ato fundamental da vida de Mitra foi o sacrifício do touro primitivo, o primeiro ser vivo criado por Ahura-Mazda". De fato, após dominar o

animal e conduzi-lo para seu antro, Mitra, por ordem do sol, o degolou. De seu sangue e de sua medula nasceram os demais animais e os vegetais, malgrado os esforços em contrário da serpente e do escorpião, enviados de Ahriman, entidade que no mazdeísmo simbolizava o mal. Nessa batalha deviam empenhar-se também todos os seguidores de Mitra, pois, se assim o fizessem, o "Invencível" lhes garantiria o acesso à mansão da luz eterna.

O nascimento de Cristo — *Natalis Domini* — foi situado no dia 25 de dezembro, como esclarece Junito, "exatamente para substituir e vencer (e o venceu para sempre) o renascimento do invencível Mitra".

O Mito de Mitra se completa com duas figuras iguais, Cantes e Cantopates, a primeira erguendo uma tocha acesa, representando a vida, e a segunda segurando uma tocha apagada, voltada para baixo, significando a morte. Assim, Mitra, que é formado por uma dupla, nos conduz ao Mito dos Gêmeos, cuja rica simbologia pontua de maneira decisiva — como veremos adiante —, a história da Beija-Flor de Nilópolis.

A escolha do nome — Desde os tempos mais remotos, animais e vegetais tiveram, entre os homens, representações míticas, gerando fetiches e totens. O gato, o boi e a vaca eram bichos sagrados no Egito.

A festa da Deusa Isis e do Boi Apis teve forte representação nos cultos agrários, e muitos autores consideram-na a origem do carnaval.

Maracatus, cordões, frevos e ranchos, muitos deles têm nomes de animais e vegetais: Gaviões do Mar, Rosas de Diamante, Pingo de Romã, Recreio das Flores, Ameno Resedá, Azulões da Torre, Flor da Lira, Mimosas Cravinas, Flor do Abacate, etc. Embora esta norma não tenha passado genericamente para as escolas de samba, a Mangueira ligou seu nome a uma planta, e a Beija-Flor, a um pássaro. Outras o fizeram, emblematicamente, nas suas bandeiras, como a Portela, com a águia; a Tradição, com o condor, e a Unidos da Tijuca, com o pavão.

O vôo — O homem sempre teve ânsias de voar, vencer a força da gravidade. Por isso Ícaro — na mitologia grega, filho de Dédalo, com quem conseguiu escapar do labirinto da ilha de Creta, por meio de asas coladas com cera — voou tão alto que teve suas asas descoladas pelo calor do sol, caindo ao mar. Ícaro é um forte símbolo do que impulsiona o homem para a transcendência, ao mesmo tempo que o limita, já que não pode alcançar o poder dos pássaros. Esse é o motivo de determinadas aves terem sido adoradas em tempos imemoriais, como o falcão, no Egito, e a coruja e o cisne, na Grécia.

Fênix, o pássaro mitológico que vivia muitos séculos queimando-se numa fogueira e renascendo das próprias cinzas, foi um mito muito forte no Egito. Já para algumas tribos do Xingu, o beija-flor é um pássaro sagrado. Por isso, esses índios desenvolveram uma dança inspirada no seu vôo.

Quando a escola de samba de Nilópolis escolheu como epíteto Beija-Flor, levou para si os signos da transmutação e da sacralidade da única ave no mundo que consegue parar no ar, desenvolvendo uma espécie de bailado enquanto suga o néctar das flores. Este ano, a Beija-Flor dedica o seu carnaval à arte de voar, o que será uma reverência ao sagrado pássaro que a identifica e, certamente, trará fluidos de vitória e êxito.

As duplas — Para o carnaval de 1976, o presidente da escola, Nelson Abrão David, se uniu a seu irmão Anizio, formando a dupla administrativa da escola. Ambos foram buscar no Salgueiro outra dupla para a área artística: o carnavalesco Joãozinho Trinta e o diretor Ge-

ral de Carnaval, Laíla. E essas duas duplas, reunidas, elaboraram um projeto sociocultural que uniu uma terceira dupla: a comunidade de Nilópolis e a Beija-Flor, desencadeando o Mito dos Gêmeos que projetou, nacional e internacionalmente, tanto o município como a escola de samba.

Podemos, assim, verificar que há uma constância de duplas ponteando a história da Beija-Flor de Nilópolis. Enquanto município e escola de samba caminhavam isoladamente, marcaram passos em suas evoluções. A junção dos dois, numa integração sociocultural que não parou de evoluir — hoje, o prefeito de Nilópolis é também presidente da Beija-Flor —, permitiu a reafirmação do Mito dos Gêmeos.

Ainda a respeito do assunto Duplas e Mitos, diz Artur da Távola, no livro 'Comunicação e mito': "A dupla, além de representar amizade, ligação entre duas pessoas, realiza, de maneira prática, a representação de partes complementares. São a representação em objetos externos (duas pessoas) de ânsia de integração interna do ser humano. As duplas tornam claras as partes complementares ou em complementação no interior do indivíduo. Permitem visualização precisa e definida. E o fato de aparecerem, concretamente, fora, em duas pessoas diferentes facilita a compreensão dos núcleos internos em processo e conflito para a integração e identidade. É mais fácil aceitar diferentes ou contraditórios através das duplas." ■



Hiram Araújo
é pesquisador de carnaval e diretor Cultural da Liesa

Laíla

O comandante do carnaval da Beija-Flor

Ainda criança, o carioca Luiz Fernando Ribeiro do Carmo conheceu os bastidores de uma escola de samba e a magia do carnaval. Cresceu nesse universo e transformou-se numa das maiores autoridades no assunto, sendo constantemente solicitado para dar palestras pelo Brasil.

Da infância no morro do Salgueiro, ele guarda não só a lembrança de suas primeiras e bem-sucedidas experiências no carnaval, mas também o carinhoso apelido que se tornou sua marca registrada ao longo de mais de 50 anos de dedicação ao samba.

Líder por natureza, Laíla é respeitado no meio carnavalesco e adorado pela comunidade da Beija-Flor de Nilópolis, a quem sempre fez questão de valorizar. Com dinamismo e versatilidade, o diretor Geral de Carnaval da escola comanda desde o trabalho de criação até a evolução dos cerca de 4 mil componentes na avenida. E ainda consegue tempo para fazer a produção musical do disco das escolas de samba, tarefa que desempenha há 30 anos.

Fã confesso de Laíla, o presidente de honra da Beija-Flor, Anizio Abrão David, o considera "um grande baluarte do samba, digno de receber o maior troféu que pudesse existir nessa área". (IE)



Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor

Como se deu o seu envolvimento com o carnaval?

Eu nasci e fui criado no morro do Salgueiro, na Tijuca, onde existiam três escolas de samba: a Depois Eu Digo, a Azul e Branco e a Pinga na Miséria. Eu tinha 7 anos quando comecei a freqüentar a quadra da Depois eu Digo, que ficava a 100 metros lá de casa. Fui levado pela minha mãe, que era destaque da escola, e passei a fazer pequenos trabalhos no barracão. Até que, um belo dia, já com nove anos, resolvi chamar uns garotos para montar uma escola mirim no morro. Criamos a Independentes da Ladeira e fizemos um sucesso enorme durante quatro anos consecutivos. Descíamos a ladeira do morro, tomávamos as ruas da Tijuca e encerrávamos na Praça Saens Peña. O caminho ficava repleto de gente que saía para ver a escolinha passar.

Qual era a estrutura da Independentes da Ladeira?

Tínhamos cerca de 40 crianças. Os instrumentos da bateria eram latas, as fantasias, de papel crepom, e as alegorias, caixotes de feira. Foi uma idéia que deu certo. Tinha mestre-sala e porta-bandeira, diretor de bateria. A condução já era minha: eu dirigia, mandava vir, parar. A Independentes só terminou por causa da interferência dos adultos. Como ela foi ganhando dimensão e aceitação, algumas pessoas quiseram tomar a frente e isso pôs tudo a perder.

A partir daí, que caminho você resolveu seguir?

No terceiro ano da escolinha, a Depois Eu Digo e a Azul e Branco já haviam se juntado e dado origem à Acadêmicos do Salgueiro. Foi nessa ocasião que o presidente da Ala dos Compositores me convidou para integrar o grupo, porque eu cantava e fazia a maioria das letras da Independentes. Eu tinha apenas 12 anos. Eles começaram a me observar em função da organização da escola mirim e do comando que eu já exercia naquela época. Fui convidado para ser o peão, que era o cara que pegava o samba na cabeça da escola e levava até o final e ficava trazendo e levando para não atravessar. Onde estava atravessando, a gente mandava parar. Mais tarde vieram os megafones, e o trabalho ficou mais fácil. Depois disso, cheguei a gravar samba do Salgueiro durante dois anos, mas nunca fui o puxador oficial da escola.

O que mais você viveu de marcante no Salgueiro?

Em 1967 aconteceu minha primeira virada na escola. O Salgueiro vivia uma crise terrível, o presidente caiu e a administração foi entregue a uma junta governativa que decidiu que não colocaria o carnaval na rua naquele ano. Eu liderei a resistência e consegui fazer o desfile. No ano seguinte eu já era o diretor Geral de Carnaval e de Harmonia do Salgueiro. Em 68 a escola foi a terceira colocada, em 69, campeã, em 70, vice, em 71, campeã de novo, e assim foi, sempre entre as primeiras. Foi quando o João Trinta, que era artesão, virou carnavalesco. E esse foi um período muito importante na minha vida, pois eu tive a felicidade de integrar um grupo que tinha Fernando Pamplona como líder, Arlindo Rodrigues, Rosa Magalhães, Maria Augusta, Lícia, Renato Lage, Joãozinho... Enfim, uma gama de pessoas que realmente sabem executar o carnaval.

E a sua vinda para a Beija-Flor?

Depois da conquista dos campeonatos de 74 e 75, houve um grande desentendimento no Salgueiro e muita gente saiu da escola. O João foi para a Beija-Flor em 76, ano em que a escola foi campeã, e eu, ao mesmo tempo em que colaborava com ele, continuei tentando contornar os problemas no Salgueiro. Em 77 é que eu efetivamente assumi a Direção de Harmonia da Beija-Flor, onde fiquei até 1980. Depois de passar pela Unidos da Tijuca e pela Vila Isabel, retornei à Beija-Flor em 88, quando a escola fez seu primeiro grande desfile. Saí em 92, fui para a Acadêmicos do Grande Rio. Em 95, regressei novamente à Beija-Flor, de onde não saí mais.

Foi então que você pôde dar início ao trabalho que hoje está consolidado?

Pois é. Em 95, o Milton Carvalho era o carnavalesco da escola e eu vim como diretor de Harmonia. Em 97, com a saída dele, chamei o Anizio para conversar. Falei que considerava muito alto o preço cobrado pelos carnavalescos e que nós já tínhamos dentro da escola inúmeros talentos que ficavam escondidos atrás de um só grande nome. O Anizio concordou e comprou a briga, já que muita gente foi contra. E assim nasceu a

Uma escola fazendo história

Comissão de Carnaval, abrindo espaço ao povo da escola que sempre esteve junto conosco e nunca tinha tido a chance de mostrar a cara pro mundo.

Essa valorização do pessoal da escola e da comunidade é uma característica que diferencia a Beija-Flor das outras agremiações?

Certamente. Quando voltei em 95, encontrei uma comunidade muito esfacelada, a escola desunida, várias lideranças que deixavam prevalecer suas vaidades pessoais. A gente de Nilópolis estava afastada por não ter condições de comprar fantasia. Comecei, então, a trabalhar para reverter essa situação. Mais uma vez conversei com o Anizio e destaquei a necessidade de se formar uma escola de comunidade. Para mim, o povo é o que faz a diferença, é a grande salvação do carnaval. Por isso é que hoje, nós damos 2.200 fantasias num universo de 3.800 componentes. É um custo muito grande, então é preciso ter coragem para fazer isso e a Beija-Flor está tendo.

Desde 98, você é o diretor Geral de Carnaval da escola. O que isso significa na prática?

Significa que atualmente sou a pessoa responsável pelo barracão, pela Comissão de Carnaval, pelas reuniões com a diretoria e com a comunidade, pelos ensaios, pelo desfile... enfim, por todos os assuntos de carnaval da escola. É lógico que eu divido as tarefas — o diretor de bateria tem a dele, o mestre-sala tem a dele, mas a responsabilidade global é minha. Sou uma pessoa que respeita os limites, o comando e eis a razão por que me faço respeitar. Tudo aqui é planejado, e tenho uma equipe justamente pra isso. Por causa de alguns acontecimentos, fui chamado de brigão. E eu não era o brigão, nunca fui. Defendo a bandeira e o pavilhão de onde estou e o trabalho que eu estiver fazendo.

Como você define o seu relacionamento com Anizio Abrão David?

É o melhor possível. O Anizio é uma pessoa por quem eu tenho um carinho muito grande. Só ele teria peito para fazer o que nós estamos fazendo dentro da Beija-Flor, mais ninguém. Ele banca tudo, ele acredita, ele



Arquivo Beija-Flor

Laíla comandando o desfile da escola

aposta. Nós nos conhecemos há 23 anos e ele nunca alterou a maneira de falar comigo. Há um respeito muito grande de ambas as partes.

O que a Beija-Flor significa para você?

A Beija-Flor me acolheu quando eu saí do Salgueiro, e só fui embora por causa da vaidade dos outros. Todas as vezes que voltei, o Anizio me recebeu como um irmão. Então, a Beija-Flor é para mim, dentro do universo do carnaval, uma escola que me dá o direito de trabalhar com amor e com um prazer muito grande; que proporciona aos artistas a condição de mostrar o seu talento e as idéias que têm na cabeça. Sem vaidades. ■

Beija-Flor do Mundo

Em se tratando de cidades que sediam escolas de samba, é justo admitir que com Nilópolis rivalizam inúmeras metrópoles das Américas, Europa, África e Ásia, incluindo o Oriente Médio. Pois não é que em todas elas, de vez em quando, cintilam representações do mais criativo e irreverente estilo de fazer carnaval — tais como, vamos supor, a Beija-Flor de Guaiaquil, no Equador, a Beija-Flor de Tânger, no Marrocos, a Beija-Flor de Figueira da Foz, em Portugal, ou mesmo a Beija-Flor de Kansas City, nos Estados Unidos?!

Será que o mundo anda clonando a genética carnavalesca superior do povo de Nilópolis?... Não exatamente. O que acontece é que a partir do retumbante tricampeonato de 1976, 77 e 78 a fama da escola correu mundo e não parou mais. Literalmente. De lá para cá, os shows da Beija-Flor têm induzido ao mais delirante reboledo milhares de pacatos cidadãos de diversas localidades da Argentina, Equador, Caribe, Estados Unidos, Portugal, França, Itália, Inglaterra, Bélgica, Marrocos e Cisjordânia, entre muitos outros rincões do planeta.

Uma das apresentações de maior repercussão ocorreu em março de 1999, durante um fes-

tival de hipismo em Zurique, na Suíça. A energia da Beija-Flor foi tão contagiante que o público suíço — geralmente frio e distante — invadiu a pista e caiu no samba. A responsável pela Comissão de Frente da escola, a bailarina e coreógrafa Ghislaine Cavalcanti, lembra que a imprensa suíça também se empolgou com o show: "As críticas foram todas muito favoráveis."

O auge dessas apresentações internacionais se deu na década de 80, quando o grupo chegava a ficar quase seis meses viajando. Pinah, eterna destaque da Beija-Flor, perdeu a conta de suas participações em shows da escola no exterior. "Só na França, me apresentei em mais de cem cidades", calcula. Já a porta-bandeira Selminha Sorriso diz que nessas turnês rodou quase o mundo inteiro. E, pelo visto, não se cansou: "Além de fazer os shows em grupo, também represento a Beija-Flor em eventos como o Carnaval de Kobe, no Japão." (ACZ e CP) ■

A Beija-Flor no show *Ritmos e Rituais do Brasil*, em Zurique, na Suíça, em 1999



A porta-bandeira Selminha Sorriso, à direita, no cartaz de divulgação do carnaval de Kobe, no Japão

Comissão de Carnaval

O bicho de oito cabeças que deu certo

Alessandra Eckstein

Um bicho de oito cabeças. Era assim que integrantes das escolas co-irmãs e mesmo da própria Beija-Flor classificavam a ousada iniciativa do diretor Geral de Carnaval Luiz Fernando Ribeiro do Carmo, o Laíla, de criar uma comissão, extinguindo o cargo de carnavalesco da escola de Nilópolis, em 1997, depois da saída de Milton Cunha. Na verdade, a idéia não era nova. Laíla adaptou um modelo de organização do carnaval que tinha acompanhado nos anos 60, quando estava no Salgueiro, de onde saíram grandes nomes desta que é a maior festa popular do mundo: Joãozinho Trinta, Rosa Magalhães e Maria Augusta, entre outros.

A proposta de Laíla, prontamente aceita pela Presidência da escola, era finalmente dar o devido reconhecimento aos grandes responsáveis pelos desfiles da escola. Para integrar a recém-criada Comissão de Carnaval, Laíla chamou sete profissionais envolvidos com a produção do carnaval que, até então, tinham ficado à sombra da figura do carnavalesco.

O primeiro a ser convidado para fazer par-

te do grupo foi Cid Carvalho, artista plástico capaz de dar forma e cores aos desenhos, em fantasias e alegorias. Ubiratan Silva, o Bira, e Fran-Sérgio fariam os desenhos. Laíla chamou também Néelson Ricardo, na época estudante de artes cênicas da UFRJ que fazia um estágio no barracão da Beija-Flor. Mas e o enredo? Qual seria o enredo do carnaval de 98? A solução foi abrir um concurso para receber sugestões. Chegaram às mãos da comissão nada menos que 62 temas. Um deles falava sobre o estado do Pará, com um tópico sobre a pajelança cabocla. O autor, Amarildo de Mello, passou a integrar a comissão. Durante o processo de seleção do enredo, outros dois talentos foram agregados ao grupo: o desenhista Victor Santos e Paulo Fuhro, historiador. Estava completa a comissão para o carnaval de 98, que trabalharia sob a coordenação de Laíla.

No início foi muito complicado. "Até nós mesmos estranhamos. Não sabíamos como seria fazer um carnaval com tantas pessoas", conta Victor Santos. Foi então que Laíla começou a se destacar como o coordenador da comissão, possibilitando que todo mundo pudesse opinar e administrando eventuais conflitos. E a experiência deu certo. "A gente conseguiu desenvolver um trabalho campeão, que deu um campeonato para a escola depois de 14 anos", lembra Bira. "O bi-

cho de oito cabeças engoliu muita gente", brinca.

Hoje em dia, a idéia de uma comissão de carnaval já não assusta tanto. "Na verdade, todas as escolas têm sua comissão", afirma Cid Carvalho. "Todo grande espetáculo é formado por várias pessoas e se os carnavalescos começassem a apresentar seus assistentes, a nossa comissão não seria vista como uma inovação. O que nós criticamos não é a figura do carnavalesco, mas sim a postura dele de querer assumir sozinho o mérito de todo o trabalho", explica. Fran-Sérgio tem a mesma opinião: "A equipe sempre existiu, mas só um carnavalesco aparecia, até que a direção da Beija-Flor resolveu dar esta oportunidade de todos nós assinarmos a obra." Shangai encerra a questão: "A Comissão de Carnaval é a forma mais moderna de se gerir, hoje, um trabalho de arte."

Do carnaval de 98, ano de sua estréia, até agora, a comissão já teve diferentes composições. Hoje, conta com seis integrantes: Cid Carvalho, Fran-Sérgio, Bira e Nel-

son Ricardo continuam no grupo, que em 99 teve a adesão de Carlos Fernandez, o Shangai. Para o carnaval deste ano, a escola conta ainda com a volta de Victor Santos, integrante da primeira comissão, que deixou a escola após o carnaval de 98. Ao longo desses cinco anos, o grupo se afinou, como explica Cid: "Hoje, nós já nos conhecemos muito mais e as discussões diminuíram a níveis mínimos. O primeiro ano foi de muito bate-boca, mas pouco a pouco construímos uma grande integração."

Um bom exemplo deste entrosamento é a divisão de tarefas. Quando a Comissão de Carnaval da Beija-Flor foi criada, a idéia era que todos fizessem de tudo. "É óbvio que isto não ia dar certo. Porque nem todo mundo entende como se modela uma roupa, como se recorta uma chapa de metal para transformá-la numa renda", conta Cid. E acrescenta: "As aptidões existem e nós respeitamos a particularidade de cada um... Os macaquinhos foram cada um pro seu galho." ■

A Comissão de Carnaval, quase completa: da esquerda para a direita, Victor Santos, Bira, Shangai, Cid Carvalho e Fran-Sérgio



Uma escola fazendo história

O desenhista Victor Santos, 32 anos, trocou o concreto pelas fantasias. Técnico em edificações, ele se rendeu à paixão pelo carnaval e integrou a primeira Comissão de Carnaval da Beija-Flor, em 98. Depois do desfile, saiu da escola. Ele e Paulo Fuhro foram para São Paulo e em dois anos tiraram a Águia de Ouro da obscuridade — a escola passou do 11º para o 4º lugar. Mas o amor falou mais alto e Victor voltou para a Beija-Flor, de novo como integrante da comissão.



Daniilo Tavares



Daniilo Tavares

Carlos Fernandez, o Shangai, tem 50 anos. Artista plástico autodidata, ele desenvolveu uma técnica própria em esculturas em couro e metal. "Faço um trabalho que as pessoas têm até dificuldade de perceber que é metal, pela leveza do resultado final", explica. Fora do Rio de Janeiro, Shangai passou por outras escolas e foi bicampeão do carnaval de Manaus e campeão em Porto Alegre. Mas garante que não existe lugar melhor para trabalhar do que Nilópolis. "Um barracão como o da Beija-Flor é uma dádiva. Temos um mecenas chamado Anizio Abrão David que é um dos últimos apaixonados pela arte dentro do carnaval."

Alagoano de Arapiraca, Cid Carvalho, 31 anos, teve Joãozinho Trinta como mestre nas artes do carnaval. Em 1989, ano em que chegou ao Rio, vindo de sua terra natal, ele foi direto para o barracão da Beija-Flor candidatar-se a uma vaga, mesmo sem ter experiência. Foi admitido e em pouco tempo já dominava o trabalho. Com a saída de Joãozinho, Cid foi para a Imperatriz Leopoldinense. No ano seguinte, estava na União da Ilha. Em 97 foi chamado por Laíla para voltar à Beija-Flor e integrar a Comissão de Carnaval.



Daniilo Tavares

Victor Santos

Cid Carvalho

Bira é o caçula da comissão, com apenas 25 anos. Formado em processamento de dados, estudou jazz, expressão corporal, maquiagem artística e computação gráfica. Em 1990 começou a estudar teatro, com Milton Cunha, que o levou, em 93, para a Beija-Flor. Paralelamente ao trabalho no carnaval, Bira continua se dedicando ao teatro, com a diretora

Cristiane Ferreira, na Cia. Teatral Amor e Arte, que se apresenta com frequência na Baixada Fluminense.



Danilo Tavares



Danilo Tavares

Formado em arquitetura, Fran Sérgio, hoje com 30 anos, desfila na Beija-Flor desde os oito. Ele nasceu e cresceu em Nilópolis, onde mora até hoje. Desde criança, sonhava em um dia trabalhar na escola, que pra ele "é o maior espetáculo popular da Terra". "E é da cidade onde nasci", orgulha-se Fran. Em 93, Fran começou a trabalhar no barracão, desenhando fantasias e alegorias. Seus conhecimentos na área da arquitetura o levaram a projetar os carros da escola.



Arquivo Beija-Flor

Carioca de Jacarepaguá, Nelson Ricardo estudou arquitetura e formou-se em artes cênicas pela Escola de Belas-Artes da UFRJ. Chegou à Beija-Flor graças a um convênio entre a Liesa e a universidade, que indicava alunos para estagiar nos barracões das escolas de samba. Mas antes de chegar a Nilópolis, Nelson já tinha passado por várias agremiações: Tradição, Salgueiro, Unidos da Ponte, Viradouro e União de Jacarepaguá, no Rio, e Unidos de São Miguel, em São Paulo.

A evolução do samba na Beija-Flor de Nilópolis

Marco Antonio Barbosa

De 1954 — ano do primeiro samba-enredo campeão, "Caçador de esmeraldas" — até hoje, latitudes e longitudes incomensuráveis foram alcançadas pela imaginação criadora dos compositores da Beija-Flor de Nilópolis. Dos tempos pioneiros do lendário Cabana, chegando aos temas que fazem sucesso atualmente na voz do puxador Neguinho da Beija-Flor, Nilópolis consolidou-se berço legítimo da evolução do samba-enredo carioca. Não foram poucas as criações dos compositores da escola que se tornaram clássicos do carnaval, cantadas e recantadas até hoje.

É claro que o samba-enredo mudou um bocado desde os anos 50 até aqui. O próprio "Caçador de esmeraldas", de Cabana, está bem distante do estilo de samba que hoje se canta na Marquês de Sapucaí. "Antigamente era tudo mais devagar, bem cadenciado. Parecia mais com a marcha-rancho do que com os sambas-enredo atuais", afirma Aluizio Ribeiro, presidente da Velha-Guarda da escola há 19 anos. E cita dois sambas antigos — "Eu sou de Nilópolis" (de Osório Lima) e "Caçador de esmeraldas" — para exemplificar. "Quem ouve essas músicas nem reconhece direito. Fica assim: 'Pô, esse ritmo tá diferente...'"

Gilson Castro, o Gilson Doutor, presidente da Ala de Compositores da Beija-Flor e ligado à escola há mais de 30 anos, tem sua explicação: "A grande mudança se deu em meados dos anos 70, e não só com a Beija-Flor, mas com todas as escolas. Os desfiles ficaram maiores, com mais componentes, e o ritmo de passagem na avenida teve de ser acelerado. Um samba mais cadenciado como os do Cabana dava para uma escola com três ou quatro carros alegóricos. Hoje em dia as escolas saem com sete, nove carros, tudo tem que ser mais rápido para não atrasar o desfile."

O compositor Ary de Souza, o popular Ary Carobinha — membro fundador da escola, desde a pioneira reunião de 1948 na qual foi escolhido o nome Beija-Flor — aponta um outro fator crucial: os temas dos enredos. "Antes todo o enredo era baseado em fatos da História do Brasil. Era muito mais bonito. Agora, que os enredos são de pura ficção, vale tudo... Imagine só, fazer um samba sobre 'O paraíso da loucura!", diz o compositor, referindo-se ao enredo do ano de 1979.

Realmente, do início da Beija-Flor até meados dos anos 70, a tradição demandava que as escolas de samba cantassem sobre temas históricos. Isso, para Carobinha, gerou alguns dos mais belos sambas da escola de Nilópolis. "Páginas de ouro da poesia brasileira" (1955), de Nilo, e "Regência trina" (1960), do Augusto de Almeida, são



Arquivo Beija-Flor

Entre bambas do samba, Cabana é o quarto (em pé, de boné), da esquerda para a direita

dois dos sambas mais bonitos já feitos pela Beija-Flor", defende Carobinha. Além desses compositores, nomes como Jajá, Osório Lima, Ary de Lima e o próprio Cabana são sempre citados entre os mais importantes da história da escola.

Afastado da Beija-Flor há cinco anos por problemas de saúde ("Não parece, mas isso de compor e defender samba é uma puxada muito grande"), Carobinha lembra que antigamente a qualidade dos sambas era muito mais alta. "Os compositores faziam música o ano todo para mostrar na quadra, e não apenas para disputar o carnaval", explica. Gilson Doutor também pensa assim: "Em termos de beleza, as composições de antigamente sempre serão as maiores. O samba mais cadenciado dá espaço para uma composição mais trabalhada, mais bonita." Além disso, segundo ele, os compositores tinham mais liberdade para criar. Hoje, como o tema do enredo é escolhido de antemão, o sambista fica limitado, "não tem mais a chance de mostrar um samba de terreiro, um partido alto na quadra".

O carnaval de 1976 pode ser apontado como divisor

de águas na escola, pois trouxe a renovação para o quadro de compositores e dispensou o tema histórico no enredo. Campeão em 1976 com "Sonhar com rei dá leão" e vencedor de sete outros concursos, Neguinho da Beija-Flor discorda de Carobinha e Gilson Doutor quanto à qualidade dos sambas-enredo atuais e lembra que nos últimos anos a escola de Nilópolis tem gerado bons sambas. "Tudo no mundo evolui, e acho, sem querer desmerecer as demais escolas, que os compositores da Beija-Flor progrediram mais do que os outros", diz Neguinho, citando Wilsinho Paz, Claudinho Inspiração e Pelé como bons talentos recentes. Já para Gilson Doutor, nomes como Amendoim e Vitor Hugo representam bem a nova geração, embora "nenhum deles chegue perto dos membros da Velha-Guarda que ainda estão ativos, como o Wilson Bombeiro ou o Ary Carobinha, por exemplo".

Na Beija-Flor pós-1976, Neguinho aponta dois sambas que considera fundamentais: "Ratos e urubus, larguem minha fantasia" (1989), o do Cristo mendigo, e "A criação do mundo na tradição nagô" (1978). Este, garante

Neguinho, "até lá fora é o samba que a galera mais gosta e conhece". Parceiro do puxador em "A criação do mundo...", Gilson Doutor considera esse samba, que já foi gravado pelo menos uma dúzia de vezes, "o maior sucesso da história da escola".

Mas afinal de contas, dos tempos de Cabana até hoje, a Beija-Flor conseguiu criar uma marca registrada, um estilo próprio de compor samba-enredo? "Não. E acho que isso não pode ser dito de nenhuma escola. Mesmo porque, hoje o compositor está aqui, amanhã ele troca de escola... Temos a nossa ala de compositores, mas ela é aberta a todos", diz Neguinho, se referindo à inovação introduzida há alguns anos pela Beija-Flor: a permissão para compositores não-afiliados à escola concorrerem com seus sambas. "O estilo de samba de cada escola é ditado pela harmonia e pela técnica da bateria", explica Gilson Doutor. "Você reconhece um samba da Mangueira quando ouve aquela cadência típica da bateria de lá. O mesmo acontece com a Beija-Flor."

Cabana, o pioneiro da Azul-e-Branco

Silvestre David dos Santos, o Cabana, é sinônimo de compositor para a Beija-Flor. Legítimo pioneiro, Cabana foi figura marcante não apenas na agremiação que ajudou a fundar, mas também na própria construção do moderno carnaval carioca. Passados 15 anos de sua morte, sua importância só faz crescer. E embora tenha deixado seu nome como compositor também em outras escolas, Cabana sempre será associado ao carnaval de Nilópolis.

Inscrito na história da agremiação como autor de seu primeiro samba-enredo — "Caçador de esmeraldas", de 1954 —, Cabana foi ainda um dos responsáveis pela criação da Beija-Flor como escola de samba propriamente dita: foi ele quem registrou, em 1953, o então bloco Associação Carnavalesca Beija-Flor na Confederação das Escolas de Samba para o desfile oficial de 1954, no segundo grupo. O resto é história: "Caçador de esmeraldas" levou a escola a seu primeiro título e Cabana transformou-se em símbolo da Ala de Compositores da Beija-Flor. "Ele tinha um estilo único, tanto de compor quanto de can-

tar. Era reconhecido em todo o Rio de Janeiro e com ele a Beija-Flor seguia junto", afirma Gilson Doutor.

Nascido a 22 de julho de 1924, no bairro da Saúde, Silvestre ganhou o apelido de Cabana logo que começou a compor, em meados dos anos 40. Mesmo não tendo participado da histórica reunião de dezembro de 1948, que criou a Associação Carnavalesca Beija-Flor, esteve sempre presente na evolução do então bloco de carnaval.

"Quem trouxe o Cabana para a escola foi Zairo Rodrigues, o Zairo Gogó de Ouro, o melhor crooner que a escola já teve", conta o compositor Ary Carobinha." Na época, o pioneiro compositor já defendia sambas nas escolas União Entre Nós, Deixa Malhar e Unidos da Barão de Petrópolis. "Acho que foi quando ele saía nessa escola do Rio Comprido, no final dos anos 40, que tomou a navalhada que lhe deixou uma cicatriz no rosto", recorda Carobinha.

O grande passo para a aparição do Grêmio Recreativo e Escola de Samba Beija-Flor foi dado por Cabana em pessoa. Em 1953, ele tomou a iniciativa de registrar a então Associação Carnavalesca como escola propriamente dita. Em seu primeiro carnaval na avenida (até então só desfilava em Nilópolis e adjacências), a Beija-Flor venceu o campeonato do segundo grupo.

Cabana era muito popular, conhecido em todas as agremiações e rodas de samba. "As músicas que ele fazia levavam o nome dele longe", diz Carobinha. Com suas boas relações entre os sambistas, Cabana trouxe para a escola

O compositor Ary Carobinha, ao lado do irmão, Aluizio Ribeiro, presidente da Velha-Guarda da Beija-Flor



compositores importantes como Osório Lima, Walter Bataqueiro e Ary de Lima. Mas ele não era só irreverência e bom papo, nem se restringia a escrever seus cultuados sambas. Trabalhava duro, participando de todas as etapas da confecção do desfile da Beija-Flor — da organização dos ensaios ao preparo das fantasias. "Até carro alegórico ele ajudava a montar", lembra Aluizio Ribeiro, presidente da Velha-Guarda da escola.

Depois de emplacar em 1962 o samba "Dia do Fico" — com o qual a Beija-Flor chegou ao segundo lugar do grupo principal do carnaval carioca —, Cabana amargou em 1964 o reverso da glória. Defendendo seu "Café, riqueza do Brasil", a escola de Nilópolis foi rebaixada para o terceiro grupo, o fundo do poço em sua história. Coincidência ou não, algum tempo depois o compositor se afastaria da Beija-Flor, partindo para a Portela.

Nos cinco anos que ficou na Portela, Cabana teve seu primeiro samba gravado ("Tal é o dia do batizado", para o carnaval de 1967), e firmou as duas principais parcerias de sua vida — Martinho da Vila e Norival Reis. Em 1973, afinal, retornou a Nilópolis, onde mais uma vez foi aclamado como figura histórica na escola. "Foi uma tremenda festa quando ele voltou. Apesar de ele ter feito belos sambas na Portela, a casa do Cabana sempre foi a Beija-Flor", afirma Aluizio.

Uma das últimas "aquisições" de Cabana para a Beija-Flor acabou sendo uma das mais populares também. Foi através do compositor que o puxador Neguinho da Beija-Flor, hoje verdadeiro símbolo da escola de Nilópolis, chegou à agremiação, em 1976. "O Cabana já me conhecia — na época eu cantava no bloco Leões do Iguazu — e me indicou para o Anizio (Abrão David). Ele me deu muita força", lembra Neguinho. O pé-quente do fundador funcionou: composto e defendido pelo próprio Neguinho, o samba "Sonhar com rei dá leão" levou a Beija-Flor a seu primeiro campeonato no grupo principal.

Após voltar à Beija-Flor, Cabana só venceu mais um concurso de samba-enredo. Tem gente que acha isso uma injustiça. "Quando ele voltou, as coisas não ficaram como eram antes. Na verdade, diziam que o estilo dele estava ultrapassado, não servia mais. Mas a boa música nunca fica ultrapassada", diz Gilson Doutor.

Cabana compôs seu último samba em 1986, uma parceria com Carlinhos Criação. Vitimado por um enfarte, morreu no dia 18 de dezembro, aos 62 anos. Seu corpo foi velado na quadra da escola, ao som de muito samba, como era seu desejo expresso. Ary Carobinha recorda, emocionado: "Foi uma grande roda de samba. A bateria chegou, e cantamos todos os sambas dele, a noite inteira." ■

CRISTAL

ELEITO O MELHOR SUPERMERCADO DO RIO

NILÓPOLIS

RUA ANTÔNIO JOSÉ BITTENCOURT, 429
CENTRO - NILÓPOLIS - RJ

EDSON PASSOS

EST. PRESIDENTE CASTELO BRANCO, 177
EDSON PASSOS - MESQUITA - RJ

A Beija-Flor, ala por ala

Tatiana Gandelman

Neste carnaval, a Beija-Flor reserva, em cada ala, no mínimo uma surpresa para o público. Especializada em ousadia, não é exagero denominá-la uma escola de vanguarda, cheia de coragem e dinamismo para promover mudanças, sempre bem-sucedidas — pelo menos, aos olhos da platéia, que não se cansa de aplaudi-la. Ala por ala, todos na Beija-Flor trabalham com amor, afincos e dedicação. Tanto suor derramado de cada presidente de ala, de cada componente, de cada funcionário do barracão é recompensado no exato instante em que a escola de Nilópolis entra, triunfante, na Sapucaí.

Arquivo Beija-Flor



Comissão de Frente

Balé e carnaval: mistura que dá samba

A primeira impressão é a que fica. Por isso, a Beija-Flor faz bonito quando a Comissão de Frente pisa na Sapucaí abrindo o espetáculo. Por trás de tanta competência está a bailarina Ghislaine Cavalcanti, 45 anos, há seis na escola de Nilópolis. Convidada pelo então carnavalesco da Beija-Flor, Milton Cunha, ela estreou como coreógrafa no carnaval em 1997, inovando e transformando o conceito de comissão de frente. "Comecei a introduzir a dança na coreografia, frisando sempre a técnica clássica e procurando realizar um trabalho de nível técnico e ao mesmo tempo emocional, voltado para o público", explica Ghislaine.

O grupo mantém a formação original, com 15 integrantes, todas bailarinas de formação clássica. Partindo desse princípio, Ghislaine aceitou o desafio de mesclar carnaval e balé, e provou que a fusão pode dar bom samba. "O balé clássico surgiu de danças folclóricas de regiões italianas e foi levado para a elite. Nossa proposta é justamente inverter esse papel e levá-lo de volta para o povo", propõe a coreógrafa. O segredo, segundo ela, é conciliar os ritmos até encontrar o ideal, com um resultado criativo.

Antigamente, a Velha-Guarda é que abria o desfile das escolas de samba. Mas a própria evolução do carnaval

foi impondo uma dinâmica maior na apresentação das escolas e estimulando mudanças na comissão de frente. Mudanças, às vezes, radicais, como foi o caso da Beija-Flor a partir da chegada de Ghislaine. Mas a inovação recebeu a aprovação do povo e, no carnaval 2001, rendeu à escola o Prêmio Tamborim de Ouro, do jornal O Dia.

Desempenhando mais do que nunca a função de "cartão de visita", a Comissão de Frente da Beija-Flor, com muito suor e determinação, tem superado as expectativas. "As meninas dançam do início ao fim. Nós trabalhamos duro até o último momento para estar em sincronia total com a bateria e evitar as mínimas falhas", revela a coreógrafa. (TG)



Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor
A comissão de frente em 2000, "Brasil, um coração que pulsa forte - pátria de todos ou terra de ninguém?"



Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor

Ghislaine no desfile do enredo "A saga de Agotime - Maria Mineira Naê"

Do mundo para a Beija-Flor

Formada pela Escola de Dança do Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 1973, de lá pra cá a trajetória artístico-profissional da carioca Ghislaine Cavalcanti tornou-se ainda mais consistente, incluindo cursos no London Royal Ballet e passagens pela companhia de Walt Disney — que percorria toda a Europa e a América Central fazendo shows de *divertissement* — e por companhias de teatro e de televisão em Madri, na Espanha. No Brasil, Ghislaine trabalhou com Caribé da Rocha, Vatusi e foi, durante 18 anos, professora da conceituada academia de balé clássico de Tatiana Leskova.

Destaques

Expoentes do luxo e da beleza na Beija-Flor

A marca registrada dos destaques da Beija-Flor está no luxo, riqueza, beleza e grandiosidade de suas fantasias. Mais uma vez saindo na frente no quesito inovação, desde 1998 seus componentes só desfilam em carros alegóricos. "Desde que o Laíla assumiu a direção do carnaval, ele foi reduzindo paulatinamente os destaques que saíam no chão e hoje eles só vão em cima dos carros", explica Ubiratan Silva, o Bira, integrante da Comissão de Carnaval da Beija-Flor. O motivo, segundo ele, é que muitas vezes os destaques que vinham no asfalto causavam "buracos" durante o desfile pela Sapucaí, prejudicando o bom andamento da escola, e conseqüentemente gerando perda de pontos. "Os destaques vêm em carros porque fazem parte do todo que é a alegoria. Ele é uma peça, tanto que não é julgado separadamente. A nota vai para o conjunto", explica.

Representando figuras que fazem parte do enredo, o carnaval de 2002 da Beija-Flor vai cruzar a avenida com 30 destaques masculinos e 11 femininos, distribuídos em oito carros, com alegorias que chegam a medir 12 metros. Ao longo dos anos, diversos personagens ilustres do samba já saíram como destaque da escola de Nilópolis. Em 1983, a cantora Clementina de Jesus ganhou o Estandarte de Ouro — quando a escola foi campeã com o enredo "A grande constelação das estrelas negras". Dois anos mais tarde foi a vez de Pinah ser premiada como a melhor na categoria, com o enredo "A Lapa de Adão e Eva". A atriz Cláudia Raia estreou no carnaval como destaque da Beija-Flor e, de lá para cá, vem defendendo a Azul-e-Branco todos os anos na Avenida.

Atualmente a Beija-Flor conta com desta-

ques como Fabíola Oliveira, que desde 1990 vem desfilando, todos os anos, no Abre-Alas da escola. "Adoro entrar na Sapucaí neste carro porque dá para ver a avenida inteira, livre, e no final ainda consigo apreciar uma boa parte do nosso desfile", diz empolgada. Para homenagear o sonho de voar, enredo deste ano, Fabíola abrirá o desfile com uma fantasia de borboleta, concebida pelo estilista Henrique Filho.

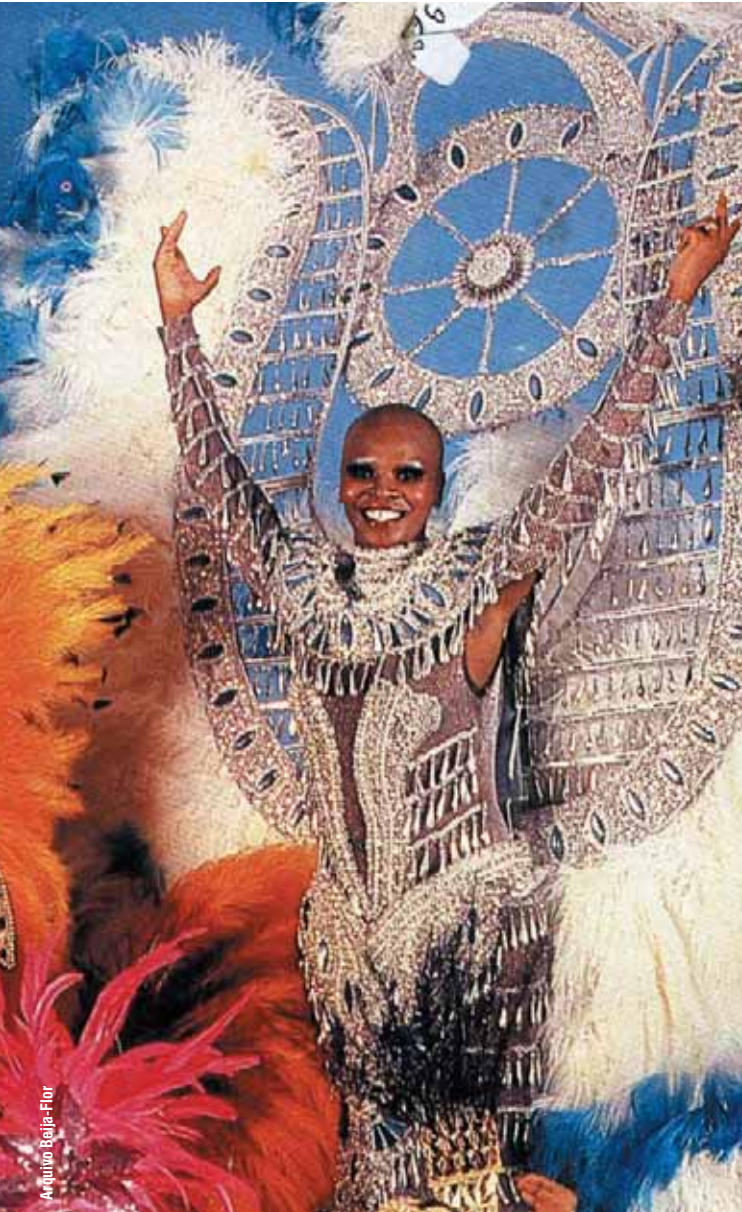
Sua estréia no carnaval carioca foi em 1989, último

O destaque José de Assis, que desfila há 25 anos na escola. Na página ao lado Fabíola Oliveira abrindo o desfile de 2000 no carro abre-alas



Arquivo Beija-Flor





Arquivo Beija-Flor



Arquivo Beija-Flor

Pinah (à esquerda), eterna musa da Beija-Flor, e a atriz Claudia Raia, que há 16 anos desfila como destaque na escola

ano do carnavalesco Joãozinho Trinta na escola. "Embora não tenha saído no abre-alas, aquele ano foi o mais importante, porque foi o meu primeiro na Beija-Flor. Eu, que nunca tinha assistido a um carnaval no Rio de Janeiro, já comecei desfilando como destaque. Foi tudo muito novo, muito especial e maravilhoso", relembra.

Na infância, ela costumava passar o carnaval na pacata cidade de São João Nepomuceno, interior de Minas Gerais, onde já demonstrava uma grande atração pelo samba. "Eu desfilava numa escola de samba bem pequenininha, que até hoje existe lá", conta Fabíola, que é casada há 13 anos com Anizio Abrão David.

O destaque José de Assis virá no quinto carro da escola e será o rei do Maracatu no carnaval deste ano. Sua primeira vez na Beija-Flor foi em 1977, ano de vitória com o enredo "Vovó e o rei da Saturnália na corte

egípcia". De lá para cá, mantém-se fiel à escola. "É maravilhoso, não dá para descrever a emoção. Eu amo o carnaval", diz. Reconhecido pela dedicação à Beija-Flor e pela beleza de suas fantasias, foi convidado por Joãozinho Trinta a subir num carro alegórico — na época, os destaques ainda desfilavam no chão.

José de Assis também representou a escola durante uma viagem da Beija-Flor à Riviera italiana. "Foi um prêmio que o Joãozinho me deu." Entre os muitos bons momentos de todos esses anos desfilando pela escola, ele recorda com emoção o carnaval de 1993 (enredo "Uni-duni-tê, a Beija-Flor escolheu você"), quando atravessou a avenida sobre uma alegoria de 10 metros de altura: "A minha fantasia era linda, eu era um Beija-Flor e estava no céu, por isso aquela altura toda." (TG)



**Apóia eventos
culturais e esportivos
e colabora com
obras sociais**

*Associação dos Administradores de Bingos
e Similares do Estado do Rio de Janeiro
Filiada à ABRABIN (Associação Brasileira de Bingos)*

Bateria

Tradição de nota 10

Quando os primeiros acordes da Bateria da Beija-Flor invadem a Sapucaí, a platéia entende porque ela tem a tradição de nota máxima. Os 246 componentes, num ritmo contagiante, dividem-se tocando 10 cuícas, dois pandeiros, 36 tamborins, 36 chocalhos, 12 surdos de marcação de primeira, 12 de segunda, 18 de terceira, 40 repiques e 80 caixas. "É necessário fazer uma distribuição ordenada dos instrumentos para que cada um deles emita o som ideal no ambiente. Primeiro vêm as cuícas e os pandeiros, seguidos pelos tamborins e os chocalhos, que dão a frequência média, as marcações nas laterais e no miolo, com as caixas e os repiques", ensina Paulinho de Pilares, mestre de bateria há 15 anos, na Beija-Flor desde 1998. Antes da chegada de Paulinho, mestre Plínio, que começou na Beija-Flor tocando surdo de terceira em 1972, comandava sozinho a bateria desde 1996. Com a união dos dois mestres, a intenção é fazer com que, a cada ano, a bateria se supere. "Para nós, o máximo hoje é pouco no ano que vem", garante Plínio.

"Ter dois mestres de bateria segue a nossa intenção de democratizar o comando das alas, dando espaço às pessoas que têm talento, em vez de formar 'donos' do carnaval. Passamos a valorizar as pessoas que sempre trabalharam conosco mas que nunca apareciam, como é o caso de mestre Plínio", explica Laíla, diretor Geral de Carnaval da Beija-Flor. Na prática, a troca de conhecimentos entre os dois mestres tem se revelado fundamental para um bom resultado, aliando conhecimento artístico, técnica e afinação de instrumentos.

A Bateria da Beija-Flor, que conta com cerca de 30 mulheres, já chegou a ir para a avenida com 350 componentes. Em nome da qualidade, reduziu-se a quantidade. "Não adianta colocar muita gente, se menos pessoas conseguem o mesmo efeito", diz mestre Paulinho. O segredo do ótimo desempenho, segundo ele, tem suas bases no amor e na dedicação. "O coleguismo tem de prevalecer acima de tudo. O ritmista toca com carinho e dedicação. É isso que traz um bom resultado na sua totalidade. Ninguém aqui é uma estrela, somos uma constelação", emociona-se. (TG)



Antônio Carlos/Arquivo Beija-Flor

Reinando absoluta

Há 27 anos ela é soberana na Beija-Flor de Nilópolis. Descoberta no Bloco do Vai Lá por Joãozinho Trinta, Laíla e os irmãos Anizio e Farid Abrão — que lhe deram seu famoso apelido — Sônia Capeta, 40 anos, começou aos 9 anos de idade como passista-mirim da escola e, pouco tempo depois, foi a campeã do concurso para Rainha da Bateria, função que exerce até hoje.

Após o carnaval de 2002, ela cede o trono a uma nova rainha e passa a defender a Beija-Flor como destaque. "Eu sei que vou sentir muitas saudades, mas quero experimentar uma nova fase na escola a partir do desfile do ano que vem", esclarece. Quando não está nos ensaios para o carnaval, Sônia, que tem três filhos — e dois netos! —, se dedica ao salão de cabeleireiro que montou em sua própria casa e ao trailer que inaugurou recentemente.

Para escolher a sucessora de Sônia Capeta, a Beija-Flor vai promover um concurso na comunidade.

Acima, a majestosa Sônia Capeta, na Passarela do Samba. Abaixo, os mestres Plínio e Paulinho ensaiando a bateria



Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor



Damilo Tavares



Henrique Matus/Arquivo Beija-Flor

A Ala das Baianas em "A saga de Agotime", enredo do desfile do ano passado



Henrique Matus/Arquivo Beija-Flor

As baianinhas, também em 2001

Baianas

Estrelas da comunidade

Desde que entrou para a Beija-Flor, em 1976, Hélio Antônio Borges sempre fez parte da Comissão de Carnaval. Mas há sete anos na função de presidente da Ala das Baianas, é com muito entusiasmo que fala da sua experiência à frente das 100 componentes do grupo. "Temos desfilado muito bem, tanto que no ano passado ganhamos o Prêmio Tamborim de Ouro, do jornal O Dia. E para este ano, estamos com maiores pretensões, porque as minhas baianas estão no ponto!", orgulha-se.

A perfeição que seu Hélio promete é fruto de muita dedicação. Mal acaba o carnaval, ele já convoca todas as baianas para a primeira reunião com vistas ao ano seguinte. "É para manter a união do grupo", ensina.

Abrangendo diferentes idades, a ala congrega baianas como dona Nadir, a mais velha do grupo e uma das fundadoras da Beija-Flor, e a jovem Cristina, de apenas 26 anos. "A idade não importa, o que vale é ser da comunidade ou, pelo menos, freqüentar a comunidade, ter uma ligação forte com a Beija-Flor", explica seu Hélio.

E para que a baianas aprendam os primeiros rodopios desde criança, o professor de educação física Aroldo Carlos da Silva criou, em 1992, a Ala das Baianinhas. "A idéia era montar uma ala com a criançada, que depois formaria uma ala jovem e, por fim, a de adultas", diz ele. Com cerca de 200 componentes, entre 13 e 18 anos, o projeto de Aroldo tem como objetivo manter as meninas ligadas à Beija-Flor. "É uma continuidade, porque muitas não podem pagar uma fantasia, e então, posteriormente, elas vão desfilar em alas da comunidade." (TG)

Passistas-mirins

Beija-Flor desde criancinha

O amor pelo carnaval vem de muito tempo, quando Edson Bittencourt, ou simplesmente Edinho, já rodopiava no Bloco Azul e Branco, em Nilópolis. A sugestão para fazer parte da Beija-Flor veio de João Sorriso, funcionário do barracão, quando o viu dançando no bloco. Hoje, 16 anos e muitos carnavais depois, sempre desfilando como passista, Edinho comanda os passistas-mirins da escola. No carnaval de 2002, a ala comemora o quinto aniversário com sucesso absoluto. "O Laíla, quando assumiu a Direção Geral de Carnaval da Beija-Flor, me chamou para ser o presidente e coordenar as crianças. Foi uma surpresa maravilhosa para mim. E até hoje estamos firmes e fortes, cada vez crescendo mais", conta, emocionado, o dançarino.

Atualmente, a Beija-Flor vai para a avenida com 18 passistas adultos e 70 mirins (20 meninos e 50 meninas), entre crianças e adolescentes. Muitos dos que começam a desfilar com Edinho saem do Passistas-Mirins, projeto da Beija-Flor coordenado por ele, que também é professor de samba para a comunidade. "Escolho aqueles que têm mais desenvoltura, que eu sei que darão conta do recado", diz ele, que já foi premiado como passista durante uma viagem da escola à Suíça e ganhou o Estandarte de Ouro, do

O presidente da ala dos passistas-mirins, Edinho, com o pequeno grande passista Lohan, de 4 anos



Arquivo Beija-Flor

jornal O Globo, como o melhor na categoria, no carnaval de 2000.

Os ensaios para o desfile acontecem durante todo o ano, com coreografia do próprio Edinho. "É sempre alguma coisa ligada à raiz do samba, abordando a malandragem, para os meninos, e algo que lembra a aquarela do Brasil, no caso das meninas", revela. Apesar de nova, a Ala dos Passistas-Mirins já vem dando bons frutos para a Beija-Flor: cinco meninas que começaram lá já desfilam com os passistas adultos. "Mas eu sempre friso que o mais importante para continuar é não perder o entusiasmo", lembra ele. E o critério para ser um bom passista-mirim? "Vontade", responde, sem titubear. (TG)



Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor

A Ala dos Passistas-Mirins, no ano de 2000, "Brasil, um coração que pulsa forte"

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Charme, elegância e muito samba no pé

Não há como resistir aos encantos de uma bela evolução do par mais charmoso do carnaval. Eles atravessam a avenida num bailado coordenado e, em meio a reverências ao pavilhão da escola e saudações ao público, têm a responsabilidade de garantir pontos importantes para a classificação da agremiação. São os casais de mestre-sala e porta-bandeira, que foram inspirados nos pares que saíram nos ranchos carnavalescos e, mais tarde, conquistaram importante destaque nas escolas de samba.

A responsabilidade é grande, mas eles têm dado conta do recado. Em comum, têm a paixão pela escola e o amor pelo trabalho. Desfilando juntos há 13 anos — desde 1995 pela Beija-Flor —, Cláudio de Souza, o Claudinho, e Selma de Matos Rocha, a Selminha Sorriso, formam o casal de mestre-sala e porta-bandeira mais famoso do carnaval (foto superior da página ao lado). A receita para tan-

to sucesso, segundo eles, é ter muita disciplina e capacidade de sonhar. "É preciso dedicação, entrosamento, harmonia e, na hora do trabalho, entrar com garra e determinação", ensina Claudinho. "Mas não

podemos esquecer de sonhar. Todas as conquistas começam movidas por um sonho", acrescenta Selminha.

Reconhecido pelo público como o par nota 10 das escolas de samba, Claudinho e Selminha ensaiam o ano inteiro para fazer bonito na hora de defender a Beija-Flor. "Criamos a nossa própria coreografia, que vamos aperfeiçoando no decorrer dos ensaios", explica Claudinho. Além do treinamento particular, o casal ainda frequenta os ensaios na quadra em Nilópolis, quando busca melhorar o entrosamento com os demais mestres-salas e porta-bandeiras que desfilam pela Beija-Flor: Eduardo/Janailce e Alan/Juliana, além do par mirim David e Priscila (foto à direita), que no desfile vem abrindo a ala das crianças. (TG)

A arte de sambar com beleza e graça

Um início muito difícil, como em qualquer grande empreendimento. Foi preciso sair em busca de aliados, conquistar o apoio de quem se dispusesse a investir num sonho, gente como as porta-bandeiras Irene da Portela, Soninha da Mocidade e Rita Terezinha Freitas, do Salgueiro. A esse grupo feminino se juntaram os mestres-salas Adilson da Mocidade e o grande Delegado, da Mangueira. Pronto. Estava dado o primeiro passo do projeto que desde 1990 inicia meninos e meninas na forma mais requintada de sambar a dois.

"Tudo que realizamos nesses 11 anos é fruto de trabalho feito com dedicação, amor, carinho e união, muita união", diz Manoel Dionísio, idealizador e diretor da Escola para Formação de Mestre-Sala e Porta-Bandeira. Atualmente, 356 aprendizes - entre crianças, adolescentes, adultos e idosos - assistem às aulas ministradas por oito casais de instrutores, dentre eles, Delegado, Sérgio Jamelão, da Império Serrano, e Edmundo Carijó, instrutor de postura e andamento.

De todas as agremiações que desfilam no carnaval carioca atualmente, apenas três escolas de samba — Mangueira, Tradição e Viradouro — não têm casais de mestre-sala e porta-bandeira formados pelo projeto.



Arquivo Beija-Flor

Mestre Delegado, da Mangueira, prepara novos mestres-salas



Henrique Matus/Arquivo Beija-Flor



Henrique Matus/Arquivo Beija-Flor

Velha-Guarda

A memória viva do samba

Memória viva de toda escola de samba, a Velha-Guarda merece toda honra e respeito. Através de seus componentes, mantém uma estreita relação com a comunidade, e suas histórias — sejam elas verdades ou lendas — são guardadas, buriladas e repassadas de geração

para geração, num processo contínuo de enriquecimento do imaginário do universo do samba.

O presidente da Ala da Velha-Guarda da Beija-Flor, Aluizio Ribeiro Luciano, faz parte desta trajetória. Desde 1957 acompanhando a escola, começou saindo na bateria, oriundo dos

blocos de Olinda, região de Nilópolis onde nasceu e foi criado. "O diretor da bateria me viu nos blocos de Olinda e me chamou para fazer parte", explica.

Aluizio passou por diversas alas antes de chegar à Velha-Guarda. Há 19 anos, foi convidado por Nelson Abrão David, ex-presidente da Beija-Flor, para assumir o comando da ala. "Aceitei na hora", revela. Atualmente formada por 64 componentes, a Velha-Guarda exige alguns pré-requisitos de seus candidatos a integrante. "É necessário conhecer bem a escola, sair desde garoto em outras alas. Por isso todos nós aqui somos bem crescidinhos", brinca.

A única exceção é Hugo, de 19 anos, que sai na Velha-Guarda da Beija-Flor desde os 9. "O sonho dele, mesmo sendo tão jovem, sempre foi sair na Velha-Guarda. E isso foi uma promessa que eu fiz para o avô dele, e que fiz questão de cumprir", esclarece Aluizio. "E olha que ele samba muito bem!", acrescenta.

Pixinguinha e Donga fundaram a Guarda Velha, mais tarde chamada Velha-Guarda, que se apresentava em cassinos e boates. A intenção era manter viva as raízes da música popular brasileira, do mesmo modo que, nas escolas de samba, a Velha-Guarda significa a preservação da cultura de cada agremiação. (TG) ■

A sempre elegante Velha-Guarda da Beija-Flor saudando o público



Antônio Carlos/Arquivo Beija-Flor



Antônio Carlos/Arquivo Beija-Flor

Pinah

“A cinderela negra que ao príncipe encantou”

Claudia Pinheiro

Março de 1978. Para homenagear príncipe Charles, que visita o Rio a convite do então prefeito Marcos Tamoio, a Beija-Flor improvisa uma apresentação no Palácio da Cidade. Da sacada, ao lado do prefeito e de outras autoridades, o herdeiro do trono britânico acompanha a evolução da escola com grande interesse, embora sem trair a proverbial fleuma britânica. Mas eis que surge na pista a fulgurante Pinah — negra, 1,80m, esbelta, cabeça raspada, sorriso largo e perfeito: o supra-sumo da elegância e da sensualidade nos desfiles das escolas de samba. Foi demais para Charles.

"De repente, vi um cara de terno vindo na minha direção, todo desengonçado, dançando charleston em pleno samba. Mas ele sorriu, me estendeu a mão... Quando me dei conta de quem se tratava, Joãozinho Trinta já havia aberto uma roda para eu sambar com o príncipe" — conta Pinah, lembrando o acontecimento que a transformou em tema de reportagens e capa de revistas em todo o mundo.

Nascida Maria da Penha Ferreira, em Muriaé, Minas Gerais, Pinah foi criada no Rio de Janeiro e, atualmente, mora em São Paulo. Na Beija-Flor, vem saindo há 25 carnavais, nos 14 primeiros como destaque. De 1989 para cá, porém, tem desfilado apenas como integrante da diretoria. "Achei que era hora de dar oportunidade para a nova geração", explica. E acrescenta: "É possível fazer muito pela escola



Pinah encantou o príncipe Charles numa apresentação da Beija-Flor no Palácio da Cidade, em 1978

sem ter que estar, necessariamente, num carro alegórico."

Prova do tanto que Pinah já fez pela Beija-Flor é a homenagem que lhe foi prestada por Neguinho da Beija-Flor e Nego na letra de "A grande constelação das estrelas negras", samba-enredo de 1983. "Quer coisa melhor do que ser homenageada pela sua escola?" — pergunta, emocionada. "Imagine: passar na avenida com todo mundo cantando o seu nome... Não tem nem como definir. Você quer chorar, quer sorrir e não quer nada ao mesmo tempo", define, com a precisão de sua espontaneidade.

O envolvimento com a Beija-Flor se deu nos anos 70. Pinah fazia moda e desfilava para o estilista Armando Nogueira quando conheceu Luiz Claudio Ribeiro, que a levou para desfilhar na Em Cima da Hora e no Salgueiro. No Salgueiro conheceu Jéssus Henrique, que a apresentou a Joãozinho Trinta, o carnavalesco da escola na época.

No auge do sucesso, em 1982, Pinah se casou com o empresário de origem árabe Elias Ayoub, e se mudou para São Paulo: "São 20 anos de casamento. E com o mesmo marido", brinca. O casal tem uma filha, Claudia, de 10 anos, que desde os seis sai na Beija-Flor, pela qual é, segundo a mãe, apaixonada: "Fala pra ela de outra escola pra você ver!"

Atualmente, Pinah Ayoub divide seus dias entre a filha, o marido e a administração da loja Palácio das Plumas — uma das maiores empresas de artigos de carnaval do país. Ainda assim, encontra tempo para acompanhar, lá de São Paulo, a preparação da Beija-Flor para o carnaval. E sempre que pode, vem ao Rio para estar mais a par dos preparativos: "Acompanho passo a passo o que está acontecendo na escola. Quero saber de tudo." ■

Alô, Neguinho, a família Beija-Flor te ama!

Tatiana Gandelman

“**A**lô, Anizio, a família Beija-Flor te ama!” É com esses versos que Luiz Antônio Feliciano Marcondes, o Neguinho da Beija-Flor, anuncia, há religiosos 27 anos, a entrada da escola de Nilópolis na Passarela do Samba. Nascido em Vila Isabel e criado em Nova Iguaçu, ele começou cantando no bloco Leão de Iguaçu, em 1971. Quatro anos depois, o então presidente da Ala dos Compositores, Silvestre David dos Santos, o legendário Cabana, o convidou para fazer parte do grupo. “O Anizio (Abrão David) já me conhecia desde criança, sabia da minha fama no bloco e me chamou para fazer parte da Beija-Flor”, conta Neguinho. Desde então, permaneceu absolutamente fiel à escola. “Sou o único puxador de samba que nunca trocou de agremiação”, gaba-se.

Como compositor, Neguinho começou na Beija-Flor no mesmo ano da estréia como puxador: 1975. E, no ano seguinte, já pôde comemorar o campeonato com seu samba-enredo “Sonhar com rei dá leão”. Depois deste, outros sambas o consagraram como grande intérprete e letrista, destacando-se o que fez em parceria com Gilson Doutor e Mazinho, “A criação do

mundo na tradição nagô”, de 1978, e o que compôs com Nego, “A grande constelação das estrelas negras”, de 1983, anos em que a Beija-Flor foi campeã.

Entre tantos momentos de glória, Neguinho guarda algumas lembranças que marcaram sua trajetória. “O meu primeiro ano, quando a escola foi campeã com um samba de minha autoria, ‘Sonhar com rei...’; o carnaval de 1986, ano do enredo ‘O mundo é uma bola’, em que só choveu para a Beija-Flor; e o Cristo mendigo, em 1989,



que rendeu vários prêmios para a escola, são passagens inesquecíveis na minha vida", relembra. A amizade com Anizio também é motivo de orgulho para o cantor, que assim define sua ligação com o presidente de honra da Beija-Flor: "Ele é meu pai, meu filho, meu irmão e meu amigo."

Fora do carnaval, Neguinho lançou recentemente o 21º CD de sua carreira, intitulado "Vinte e cinco anos de fé e raiz". Filho de um integrante da Orquestra Tabajara, Benedito Marcondes, ele cresceu ouvindo música. Aos 10 anos de idade, cantando músicas de Jamelão, ganhou seu primeiro prêmio musical: duas latas de goiabada. Ao longo de sua carreira, as "latas de goiabada" foram se multiplicando e se tornando cada vez mais "deliciosas", com destaque para o Prêmio Sharp de melhor cantor de samba. Na galeria dos ídolos de Neguinho da Beija-Flor, Jamelão é acompanhado por um time de respeito: Orlando Dias, Nat King Cole, Ray Charles, Agnaldo Timóteo, Haroldo Melodia (da União da Ilha), Tim Maia e Djavan. ■



Da mesa de apuração, Neguinho dá a boa notícia: Beija-Flor campeã em 1998

Os Puxadores

Vocação, trabalho e... muito gogó!

Puxar samba não é trabalho para qualquer um. Exige um algo mais que nem mesmo os puxadores sabem definir. O certo é que não é nada fácil cantar, ou melhor, "puxar" uma escola de samba na avenida, pois a voz tem que competir o tempo todo com o poderoso batuque da bateria. Haja gogó.

Jorginho, Bira e Gilson Bacana ajudam Neguinho a levar o samba da Beija-Flor na passarela e — literalmente — puxam a escola para o sucesso. Nascidos e criados em Nilópolis, os três, assim como Neguinho, são fiéis à escola que amam.

O trio concorda que a vocação deve estar no sangue. Mas o trabalho árduo também colabora, é claro, para o bom desempenho. Os ensaios acontecem três vezes por semana — segundas, quintas e domingos —, desde que é feita a escolha do samba-enredo até o dia do desfile. Por isso, cantar durante quase 90 minutos na avenida "é normal", como resume Bira.

Ubirajara Soares, o Bira, é o mais velho dos puxadores da Beija-Flor. Tem 58 anos e há 26 acompanha Neguinho na puxada durante os desfiles. Bira, que já integrou a bate-



Os puxadores
Gilson Bacana,
Bira e Jorginho

ria da escola, há cerca de 20 anos faz parte também da ala dos compositores.

Jorge Elias Franques Leite, mais conhecido como Jorginho, tem 40 anos e desde 1987 é puxador de samba na Beija-Flor. Em parceria com Bira e outros compositores, já teve dois sambas-enredo escolhidos para representar a escola: "Todo mundo nasceu nu", em 1990, e "Bidu Sayão e o canto cristal", em 1995.

Gilson Carlos da Conceição, o Gilson Bacana, é o caçula do grupo. Tem 23 anos e desde os 7 está na escola de Nilópolis. "Já fui mestre-sala e passista-mirim, mas meu sonho sempre foi cantar", confessa. Para manter a voz clara e potente durante todo o desfile, Bacana dá a receita: "Fazer gargarejo com romã e mastigar muito gengibre." (CP)

Anizio Abrão David

A mão que toca o samba e a comunidade

Isabella Eckstein

Presidente de honra de uma das mais bem-sucedidas agremiações carnavalescas do Brasil, Aniz Abrão David — popularmente conhecido como Anizio — é uma pessoa muito querida em Nilópolis, cidade onde nasceu e cresceu e que, junto com sua família, muito ajudou a desenvolver. De origem humilde, lutou bastante para chegar à situação confortável em que vive hoje e poder colaborar ainda mais com os que necessitam.

Na Avenida, esse sambista de raiz, aos 64 anos de idade e 30 de carnaval, ainda acompanha cada detalhe do desfile da sua Beija-Flor com a energia e a empolgação de um principiante. E a reação do público, que todo ano o aplaude e grita seu nome em delírio, reafirma para esse homem de alma grande que tudo realmente vale a pena.





O jovem Anizio,
então com 17 anos

Sétimo filho de uma família de dez irmãos, muito cedo Anizio conheceu o lado difícil da vida. Ainda menino, vendia laranja em campos de futebol, bala na porta dos cinemas e engraxava sapatos para ajudar no orçamento da casa. Aos 10 anos, a exemplo dos irmãos mais velhos, passou a ajudar o pai a transportar o material comprado no Centro do Rio de Janeiro para ser revendido no armário da família em Nilópolis. "Durante muito tempo, peguei o trem na Central do Brasil carregando enormes rolos de lã na cabeça", lembra ele, que acabou tendo que largar os estudos no quarto ano primário. Ainda assim, Anizio afirma que teve uma infância tranquila: "Jogava bola, rodava pião, soltava pipa... tudo o que as outras crianças faziam."

Impulso à Beija-Flor

Já nessa ocasião, uma das coisas que mais gostava de fazer era ouvir samba. Cresceu torcendo pela Estação Primeira de Mangueira, onde fez grandes amigos e algumas festinhas de aniversário dos filhos mais velhos. Isso na época em que a Beija-Flor não passava de uma escola pequena e sem expressão. E foi a partir de um show da Verde-e-Rosa numa praça de Nilópolis — realizado por iniciativa dele, Anizio — que a escola de samba de sua cidade ganhou impulso para se desenvolver: "Levamos sete ônibus cheios com o pesso-

al da Mangueira e foi um verdadeiro carnaval na praça. Esse acontecimento, sem dúvida, incentivou a comunidade nilopolitana a valorizar a escola da região."

E foi, de fato, o que aconteceu. Mas a Beija-Flor só passou realmente a ganhar projeção, até se transformar na grande potência do carnaval que é hoje, quando Anizio, que já havia sido presidente da escola no período de 1967 a 68, retornou ao comando da agremiação ao lado de seu irmão Nelson, em 1972. De lá para cá, muitas alegrias e nenhuma decepção, garante Anizio. "Nunca tive problemas na escola, até porque o que temos na Beija-Flor são pessoas que vestem a camisa mesmo: o Neguinho é um filho nosso, a Sônia Capeta, uma filha que ajudamos a criar, a Selminha e o Claudinho brigam pela escola como se tivessem sido criados lá dentro e o Laíla faz tudo pela Beija-Flor. Isso sem contar com a comunidade, que nunca negou fogo — entra com raça e encara qualquer dificuldade, como foi em 1986, quando desfilamos debaixo de chuva, com água no joelho", justifica.

Velório com festa

Outro que também é sempre lembrado com muito carinho por Anizio é o falecido compositor Silvestre David dos Santos, o Cabana. "Era muito amigo meu e sempre me dizia que quando morresse não queria nada além de um samba na quadra. Quando ele morreu, conversei com a família dele sobre esse desejo e fizemos um *gurufim* na quadra, ou seja, um velório com festa. Cantamos a noite inteira e entramos no cemitério lembrando os muitos sambas geniais que ele fez. Quando o pessoal esquecia a letra, perguntava para mim que eu sabia", conta Anizio.

E foi por essa época, ao presenciar o cantor e compositor Martinho da Vila recorrendo à memória musical de Anizio, que o radialista Adelzon Alves desfez um grande mal-entendido: "Eu vivia chamando o Anizio de sambeiro porque acreditava que seu envolvimento com a escola fosse meramente por interesse político. Naquele dia, ele deu uma grande demonstração de sensibilidade, percepção e respeito à cultura popular do país, à qual ele está muito mais vinculado do que eu imaginava. Foi aí que eu percebi o autêntico sambista que ele é", redimiou-se Adelzon em entrevista concedida ao também radialista Hilton Abi Riham.



Robson Barreto

Anizio e a esposa, Fabíola Oliveira, com quem está casado há 13 anos

Trajetória no carnaval

Em mais de 30 anos de carnaval, Anizio construiu mais do que uma trajetória vitoriosa na história do carnaval. Elevar a Beija-Flor à categoria de uma das principais agremiações carnavalescas do país foi pouco perto do que ele fez para o município e a comunidade de Nilópolis. "Sem a família Abrão, a Beija-Flor não seria o que é hoje. Poucas escolas de samba têm esse trabalho social tão forte e dão tantas oportunidades à sua comunidade. E o Anizio é uma figura muito importante para a escola. Quando se fala em Beija-Flor em quem você pensa? Nele", ressalta Pinah, a 'cinderela negra' que conquistou fama internacional como destaque da escola.

Também para as demais agremiações carnavalescas, Anizio fez importantes conquistas durante o período de 1985 a 87, quando presidiu a Liga Independente das Escolas de Samba: resgatou os direitos dos compositores de samba-enredo, liberando-os do pagamento de taxas ao Escritório Central de Arrecadação e Distribuição de Direitos Autorais (Ecad), conseguiu maior autonomia com relação ao governo e fez o primeiro contrato para transmissão dos desfiles pela televisão. Até então, as emissoras nada pagavam.



Daniilo Tavares



Arquivo/Agência O Dia



Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor

Gabriel, filho caçula de Anizio, na festa de Natal do ano passado, na quadra da Beija-Flor — O ex-mangueirense Anizio abraça o intérprete da Verde-e-Rosa Jamelão na apuração do carnaval de 1976, no João Caetano — Anizio e Anderson na avenida em 1999

Por sua generosidade e pela maneira franca de agir, é natural que tenha feito muitos amigos e conquistado a admiração de diversas pessoas ao longo dos anos. "O Anizio foi uma pessoa muito importante na minha vida profissional e um grande amigo do meu falecido pai. Nós fizemos alguns shows na quadra da Beija-Flor quando a escola subiu para o Primeiro Grupo e o Anizio, que sempre teve esse coração de querer ajudar as pessoas, soube que eu estava para gravar um disco. Foi quando ele me apresentou a um compositor da escola de quem gostava muito, o Savinho. Eu gravei a música e foi um grande sucesso", lembra o compositor Jorginho do Império, filho de Mano Décio da Viola, um dos fundadores da Império Serrano, escola madrinha da Beija-Flor.

O pesquisador de carnaval e diretor Cultural da Liesa, Hiram Araújo, pede licença poética para ressaltar as qualidades do amigo: "Anizio é hoje a principal figura representativa dos patronos dirigentes das escolas de samba. Anizio lembra Natal, na personalidade, no carisma e na qualidade de benfeitor. Anizio tem chispa no raciocínio (acende de imediato), como Natal também tinha. Em quaisquer circunstâncias, as mais desfavoráveis, suas respostas vêm sempre de imediato. E são demolidoras, porque inteligentes. Por isso, impõe respeito e admiração. Em Nilópolis, Anizio é um rei, como Natal foi em Madureira, uma espécie de Daimon, um bruxo sempre transformando a vida dos pobres para melhor."

Quatro filhos, três netos

Religioso e devoto de São Jorge, Anizio tem uma ligação muito forte com a família, que o tem como patriarca. "Devo tudo o que tenho hoje a ele, que pagou meus estudos, me incentivou na faculdade e me deu o empurrão para entrar na política", reconhece o caçula Farid, presidente Administrativo da Beija-Flor e atual prefeito de Nilópolis.

Pai de quatro filhos e avô de três netos, Anizio está casado há 13 anos com Fabíola Oliveira, com quem teve Gabriel, hoje com quatro anos. Em 2000, o caçula fez sua estréia na Passarela do Samba na ala da diretoria e deu provas de que o amor à Beija-Flor está no sangue: "Ele diz que é o presidente da escola e foi o primeiro daqui de casa a aprender o samba de 2002", diverte-se Fabíola. Formada em jornalismo e em direito, ela dedica-se integralmente à família. "Emendei uma faculdade na outra e foram quase dez anos de sacrifício para todos nós. O Anizio me ajudou demais com o Gabriel e deixou de fazer diversas coisas por eu não poder estar junto. Agora estou retribuindo, muito feliz com essa opção", garante.

Um exemplo a ser seguido

Do primeiro casamento, com Eliana Müller David, nasceram Anizinho, empresário do ramo de construção civil, Anderson, ator, e Aline, estudante de moda. Anizio também é um verdadeiro pai para Leandro, filho de um grande amigo seu que morreu quando o menino tinha apenas 10 anos. De Anderson, vieram os primeiros netos: Priscila, Thaís e Thiago.

Pai dedicado e muito presente, Anizio é, para os filhos, mais que um amigo, um exemplo a ser seguido. O desabafo de Anderson resume o sentimento de toda a família: "Sinto muito orgulho dele. E cada vez mais, a cada ano que passa, agradeço a Deus por ser filho de quem eu sou. É uma pessoa que nunca pensa só em si, mas no todo. Isso é uma coisa que sempre serviu para a minha vida. Quando perdemos nossa mãe, ele foi pai e mãe, e a família se tornou ainda mais unida. Jamais a gente vai deixar esse cara na mão, assim como a gente tem certeza de que ele jamais nos deixará na mão." ■



Agência O Globo

Anizio saúda o público durante o memorável desfile de 1989, com o enredo "Ratos e urubus, larguem minha fantasia"

NILÓPOLIS

VOLTANDO A CRESCER, APESAR

Depois do caos deixado como indesejável herança pelas duas últimas Administrações municipais, a cujo fato se acrescenta uma injustificável discriminação pelo atual Governo estadual, o município de Nilópolis volta a crescer.

Todo aquele quadro caótico amplamente noticiado pela Imprensa, como o hospital municipal em estado de abandono e fechado à população, enquanto que, em todas as ruas do município, espalhavam-se centenas de toneladas de lixo não recolhido, expondo, assim, toda a população que não teria a quem recorrer, tal quadro, que era muito mais dramático do que estes dois exemplos, ficou para trás, assim como ficou o século vinte.

Iniciado o novo Governo municipal, logo vieram as medidas de saneamento financeiro junto ao Governo federal, honrando compromissos com a Caixa Econômica Federal (FGTS), INSS, sendo feitos os pagamentos devidos, dentre outros compromissos. Conseqüentemente, ao contrário do que acontecia na "Era do Caos", o município volta a credenciar-se para o recebimento de importantes recursos financeiros. Chega ao fim a vergonha do descrédito e do calote. Passam a imperar, sim, as diretrizes da responsabilidade, da transparência, do respeito ao contribuinte e ao cidadão, de uma forma geral.

Dando cumprimento ao seu programa de metas de ação governamental o **Compromisso de Governo** - o Governo municipal vem agindo sistematicamente em todas as frentes. Por exemplo, nas primeiras 48 horas de governo, o hospital municipal foi reaberto atendendo hoje 1.000 por dia e tendo 120 leitos ocupados, sem contar com o atendimento nos postos de saúde; o Programa Saúde da Família, com o apoio do Governo federal, está sendo implementado; estão em andamento o Programa de Assistência Integrada da Saúde da Mulher, Criança e Adolescente e o Programa de Carência Alimentar; também está em pleno desenvolvimento o Programa de Combate ao Diabetes e à Tuberculose; com o lema "Nilópolis Tem Remédio", está em funcionamento o Programa de Farmácia Básica. Ainda na área da Saúde pública, foram reformados os postos de saúde e, já no início de 2002, estará sendo cumprido o compromisso do funcionamento do Posto de Saúde 24 Horas. Criou-se, logo no início do Governo, o Centro de Apoio Psico-Social CAPS e a Casa da Terceira Idade. A frota de ambulâncias foi renovada, dispondo agora de veículos seguros e confortáveis.

Com especial destaque, a Educação pública municipal experimenta um avanço nunca visto. Por exemplo, Nilópolis passou a representar o estado do Rio de Janeiro, quando, a convite do Ministério da Educação, foram escolhidas,

em São Paulo, em colegiado, as obras literárias a serem oferecidas aos alunos da 4ª série do Ensino Fundamental, no próximo ano letivo. A este respeito, é oportuno lembrar que Nilópolis sofria críticas, em anos anteriores, por sua permanente ausência às reuniões da UNDIME União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. Hoje, o atual secretário municipal de Educação é membro da diretoria da UNDIME e representa todo o estado do Rio de Janeiro em um Colegiado Nacional do MEC.

Após a reforma em todas as escolas municipais, passaram a entrar em execução importantes programas, muitos dos quais preocupados com o futuro dos alunos. É o caso do Programa "Escola do Futuro Trabalhador", instituído em parceria com o Ministério da Educação. Foi criada a Brigada Mirim, pequenos defensores da Natureza. O ensino experimenta oportuna reformulação com a implantação dos ciclos. Implantou-se o Programa TransFORMAR, nossos jovens lendo, escrevendo e trabalhando. Com o Projeto Escola Legal, a ação governamental busca em casa os alunos faltosos. Com o apoio do Governo federal, implantou-se, com total êxito, o Programa Bolsa-Escola. A capacitação para o trabalho é outro destaque na pauta da Educação, com o apoio do Ministério do



HOJE

Assim como as outras escolas municipais, a E.M. José D'Alessandro está reformada e pintada.



ANTES



HOJE

Canal do Rio Peri-Peri saneado, urbanizado e calçado



ANTES



HOJE

Trav. Jackson Natalino com suas obras de saneamento básico em andamento



ANTES

POLOIS

DE UMA TAL DISCRIMINAÇÃO.

Trabalho. Em parceria com o SENAC, o ano de 2002 começará com a profissionalização de mil alunos da rede municipal.

A limpeza urbana, em permanente atuação em todo o município, faz de Nilópolis hoje um exemplo nesta área. A segurança pública recebe o apoio da Prefeitura, com a construção da cabina que abriga força policial militar no Distrito de Olinda, acesso direto ao município do Rio de Janeiro. Segurança 24 horas, com o trabalho de 12 policiais, em revezamento. A defesa Civil do município criou e está em funcionamento o Sistema 199, também funcionando 24 horas por dia. Nilópolis conta com 2300 agentes voluntários da Defesa Civil, resultado de um importante curso organizado pelo Corpo de Bombeiros Militares da Região Serrana.

Na área da Cultura, foi extinta, logo nos primeiros dias de Governo, a cobrança da taxa de matrícula nas escolas de música, dança e capoeira. Hoje, todos os cursos e oficinas de cultura são completamente gratuitos.

A sinalização de trânsito, que foi deixada caótica, foi totalmente renovada, com a instalação de novos semáforos.

Foi criada a Secretaria Municipal de Trabalho, Ação Social e Promoção Humana, para dar cumprimento ao Compromisso de Governo e, assim,

implementar ações inegavelmente necessárias.

O Meio Ambiente tem hoje pasta própria para desenvolver as suas prioridades.

A secretaria municipal de Administração e Recursos Humanos prepara as bases para o concurso público, dando fim à burla à Constituição Federal, irregularidade que se perpetrou pelos últimos dois governos municipais. Ainda nesta área, estão rigorosamente em dia todos os pagamentos ao funcionalismo municipal.

Criou-se a Controladoria Geral. O Plano Plurianual e a Lei de Diretrizes Orçamentárias foram objeto da mais alta dedicação, por parte da Secretaria de Planejamento e Coordenação e da Fazenda, com a assessoria do IBAM.

A legislação municipal tem sofrido alterações, de modo a também se adequar aos inescapáveis ditames da Lei de Responsabilidade Fiscal. Nesta área, destaca-se a ação da Procuradoria Geral.

Finalmente, chegará ao fim um dos mais inquietantes problemas que a inércia do Governo do estado impõe à população nilopolitana, através da CEDAE. Com a construção do novo reservatório de água, ao custo de 3,5 milhões de reais, com recursos do Governo federal, a falta d'água vai deixar de existir.

O esporte ganha impulso, com a construção de seis quadras poliesportivas nas

escolas da rede municipal, também com a parceria do Governo federal.

Enchentes são combatidas, com a recuperação das tubulações nos principais focos geradores do problema.

Esta é uma síntese dos primeiros doze meses de um Governo que assumiu com a população um compromisso de tirar o município do caos e fazê-lo voltar a crescer, em todas as áreas. E isto não tem sido difícil. O princípio inescapável será sempre o cumprimento da Lei e o respeito ao cidadão. Assim, com o apoio dos contribuintes, que têm honrado os seus compromissos junto ao erário municipal, possibilitando o aumento na arrecadação e, conseqüentemente, também a elevação nos índices da qualidade de vida, estamos passando uma borracha na "Era do Caos", que parecia ter as suas próprias leis, uma das quais, a da auto-destruição. Inquestionavelmente, temos a honra de estarmos cumprindo a nossa palavra, o nosso compromisso com o nosso povo e, assim, fazendo, de fato, Nilópolis voltar a crescer.

Crescendo, com a parceria direta e consciente do seu povo, este município vai também apagar uma tal discriminação do Governo estadual, que se afastou e silenciou após as eleições municipais do ano passado. ■



HOJE

Cabina da PM construída na Pça. Manoel Joaquim Casemiro (divisa com Rio de Janeiro). Nilópolis com mais segurança



HOJE

Funcionários da SEMSERP devidamente uniformizados no pátio da secretaria que agora, está pavimentado, limpo e digno



HOJE

Da mesma maneira que os outros Postos do Município, o Posto de Saúde do Gabral está reformado e pintado.



ANTES



ANTES



ANTES

Ajudar o próximo

Uma tradição passada de geração a geração

Desde que eram crianças, Anizio Abrão David e seus irmãos se habituaram a ver os pais, seu Abrão e dona Julia, dividindo o pouco que tinham com pessoas ainda menos favorecidas. Sem esperar nada em troca, a família fez desse gesto natural uma tradição que tem sido passada de geração a geração.

Hoje, sob a bandeira da Beija-Flor de Nilópolis, Anizio ajuda centenas de crianças e adolescentes de Nilópolis e adjacências a construírem um futuro melhor. Fora de lá, porém, poucas pessoas, têm conhecimento desse trabalho social tão importante. "Não me preocupo em alardear o que faço. Acho que o que é feito de coração não precisa ser divulgado", diz ele, que banca sozinho — sem nunca ter recebido qualquer patrocínio de empresas privadas ou

incentivo do governo — a manutenção de uma creche, um educandário, um centro profissionalizante, uma escolinha de natação e outra de balé, além de promover, anualmente, grandes festas de Cosme e Damião e de Natal para a comunidade.

Realização de um antigo sonho de Anizio, a Creche Julia Abrão David começou a funcionar em maio de 1980 com 60 menores. Hoje, são atendidas, diariamente, 257 crianças de 6 meses a 6 anos, que recebem quatro refeições diárias, uniformes e assistência médica e odontológica. Todos esses benefícios também são oferecidos aos alunos do Educandário Abrão David, que foi criado em 1987 com o objetivo de dar continuidade ao trabalho iniciado na creche. Desde



Anizio na festa de Cosme e Damião e no Natal de 2001. Uma das turmas da escolinha de balé. Saúde na creche e no educandário onde o atendimento odontológico é gratuito

então, ao completar seis anos, a criança é automaticamente matriculada no educandário, que proporciona ensino do CA à oitava série, com aulas de inglês, francês e cursos profissionalizantes a 970 alunos por ano. No total, mais de 18 mil pessoas já foram beneficiadas pelas duas instituições.

Maria de Lourdes Goulart, diretora Administrativa da creche e do educandário, se orgulha de fazer parte dessa história: "É uma felicidade muito grande ajudar a quem precisa, ainda mais quando vemos que já estamos recebendo os filhos de nossos ex-alunos. A cada dia eu me realizo nessa obra da família Abrão David", diz, emocionada.

Em funcionamento na antiga quadra da Beija-Flor, o Centro de Apoio Comunitário (CAC) leva o nome de Nelson Abrão David, idealizador do projeto. "Implantamos esse projeto social com o objetivo de qualificar o adolescente para o mercado de trabalho e muitos de nossos alunos já saem daqui empregados", conta o professor de educação física Aroldo Carlos da Silva. Através de convênios com o Senai e o Senac, o CAC oferece cursos profissionalizantes de administração, informática, bombeiro hidráulico, inglês, espanhol, artesanato e pintura, entre outros. "Em 2001, formamos 480 alunos", diz Aroldo, satisfeito.

A área esportiva merece atenção especial por parte do presidente Administrativo da Beija-Flor e ex-dirigente do Fluminense, Farid Abrão, que já organizou diversos torneios de futebol na cidade. No Parque Aquático Nelson Abrão David, são oferecidas aulas de natação para as crianças e de hidroginástica aos adultos. A capoeira é outra atividade que a garotada adora. Há 11 anos, Mestre Besouro ensina a arte desse jogo a crianças e adolescentes na quadra da escola de samba, por onde já pas-

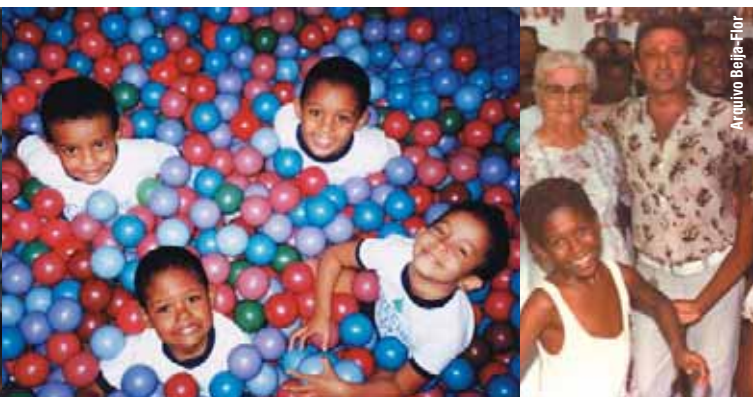
saram mais de 1.200 alunos. "A Beija-Flor estimula o lado social, está preocupada em evitar que a criança vá para a marginalidade e em oferecer a ela uma atividade saudável. Fico muito feliz por poder colaborar para a formação desses cidadãos e agradeço a oportunidade a seu Farid e seu Anizio, que sempre me ajudaram muito", diz Mestre Besouro.

A novidade em 2001 ficou por conta da criação de uma escolinha de balé. Desde outubro, a bailarina de formação internacional e coreógrafa da Comissão de Frente da Beija-Flor, Ghislaine Cavalcanti, está ensinando a arte do balé a crianças e adolescentes da comunidade de Nilópolis divididas em turmas conforme a faixa etária, que vai de 4 a 17 anos.

Além de todo esse trabalho social, Anizio faz questão de comemorar de maneira especial pelo menos duas datas: no dia de São Cosme e São Damião e por ocasião do Natal, são realizadas grandes festas na quadra da escola, com farta distribuição de brinquedos, roupas e alimentos para aproximadamente 10 mil pessoas da comunidade. Em 2001, a festa de Natal, que acontece há 15 anos, reuniu cerca de 15 mil moradores das áreas mais carentes de Nilópolis. Em meio a muito algodão-doce, pipoca e cachorro-quente, foram doadas mais de mil bicicletas à criançada, que também teve a oportunidade de assistir à bela apresentação do Coral das Meninas Cantoras de Petrópolis. Incansável, Anizio é sempre o primeiro a chegar e o último a sair das festas — a de São Cosme e Damião já é realizada há 40 anos — e faz questão de distribuir os presentes pessoalmente. E quando perguntam se ele não gostaria de parar um pouco para descansar, a resposta vem na ponta da língua: "Estou cansado, mas o gosto é bom", diz, satisfeito. (IE) ■



Anizio e as crianças da creche na década de 80



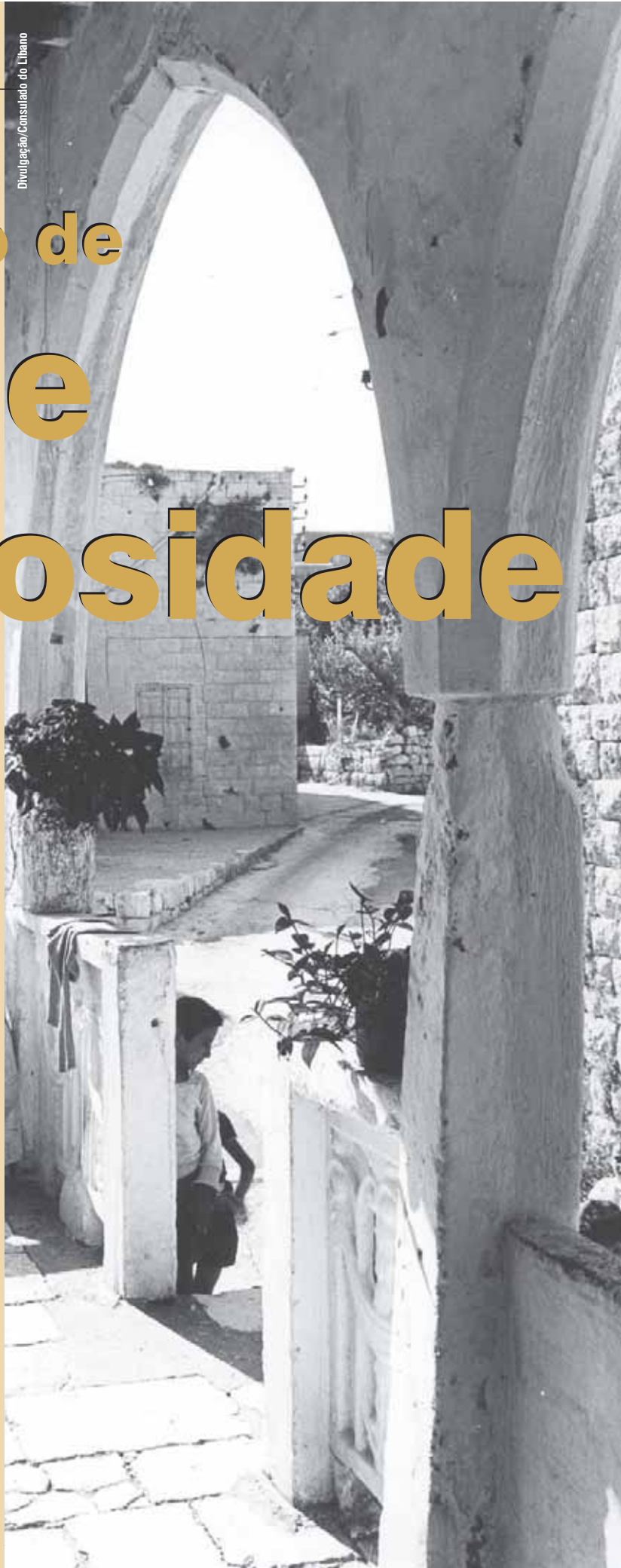
Alegria na creche. D. Julia com o filho Nelson, em visita à instituição que leva seu nome

Um exemplo de união e generosidade

Isabella Eckstein

Com o fim da I Guerra Mundial e a queda do Império Otomano, milhares de libaneses — em sua maioria pequenos lavradores — começaram a abandonar suas terras e partiram em busca de melhores condições de vida. Em navios, rumaram, sobretudo, para países das Américas do Sul e do Norte. Nessa ocasião, o Brasil recebeu um dos maiores fluxos de imigração provenientes do Líbano: cerca de cinco mil pessoas por ano.

Foi dessa maneira que, em meados da década de 20, aportaram no cais do Rio de Janeiro os casais Julia e Abrão David e Regina e Davi Sessim. "Eles vieram sem um documento, trazendo apenas alguns objetos pessoais e cartões de identificação contendo só o nome e foram morar em Ricardo de Albuquerque, próximo à Baixada Fluminense", conta Anizio.





Festa de aniversário na casa da família Abrão David, em 1949

Julia e Abrão vieram para o Brasil com, respectivamente, 12 e 14 anos, e já eram casados. Passaram grandes dificuldades até conseguirem se estabelecer. No Líbano, Abrão colhia azeitonas e trabalhava em pedreiras na pequena região onde moravam. Analfabetos e sem recursos, vieram em busca de dias melhores e não pouparam esforços para alcançar esse objetivo. "Sempre com o apoio da minha mãe, que era uma mulher muito forte, meu pai começou a comprar renda, elástico e outros artigos de armarinho, para revender. Como mascate, ia a pé de Ricardo de Albuquerque a Nova Iguaçu. Não foi nada fácil, pois eles ainda tiveram que superar o fato de estarem num país de cultura e língua completamente estranhas para eles", observa Farid, o filho mais novo.

Bom em negócios, em dois anos Abrão estaria levando Julia e o filho Jacob para Nilópolis,

onde abriu um pequeno armarinho na rua Mirandela, 34. Na casa nos fundos da loja, nasceram os outros filhos: Miguel, Maria, Nicinha, Jorge, Aniz (nome de batismo de Anizio), Nelson, David e Farid. Dinah, a primeira filha do casal, morreu com dois anos de idade.

Nesse ambiente simples e de muita união, os filhos aprenderam a dar valor ao trabalho e, cedo, já ajudavam o pai. Dona Julia, uma verdadeira matriarca, distribuía comida aos pobres, tomava conta de crianças da região quando as mães iam para o trabalho e gostava de receber os vizinhos aos domingos para o almoço. Se o prato era o tradicional quibe frito árabe, sua maior especialidade, a casa ficava ainda mais cheia. Aos poucos, à custa de muito esforço, a família foi prosperando e, assim, colaborando para mudar os rumos da cidade que tão bem os acolhera.

Essa retribuição viria por diferentes caminhos. Miguel, Jacob, Farid e os primos Jorge David e Simão Sessim

escolheram a política, sempre a defender os interesses de Nilópolis. Anizio e Nelsinho encheram os nilopolitanos de orgulho e auto-estima ao transformarem a escola de samba da região em referência do carnaval carioca, tanto em nível nacional como internacional. E além de tornar a cidade mundialmente conhecida, a Beija-Flor, pelas mãos de Anizio, passou a desenvolver um amplo projeto social, dando oportunidade de estudo e criando chance de emprego para milhares de filhos da comunidade. "Essa foi uma prova de gratidão que nossos pais nos ensinaram a dar, pois foi aqui em Nilópolis que nós, assim como eles, crescemos e conquistamos o que temos", afirma Farid.

Filho de Regina e Davi Sessim, o deputado federal Simão Sessim começou a carreira política como prefeito de Nilópolis em 1972. Logo após o cumprimento do mandato, foi eleito para representar os interesses do município na Câmara dos Deputados, em Brasília, papel que desempenha até hoje. Diretor da Beija-Flor, ele credita boa parte de seu sucesso profissional à escola de samba: "Ela teve uma influência muito grande na minha primeira eleição e continuou sendo importante nos resultados que obtive posteriormente", afirma. A relação com os primos não poderia ser mais próxima: "Somos como irmãos. Perdi minha mãe quando tinha 9 anos e fui praticamente criado pela tia Julia, junto com meus primos".

Hoje, a terceira geração da família, começa a levar adiante os projetos iniciados por seus avós e pais. Ricardo Abrão, filho de Farid, prepara-se para seguir os passos do pai, de quem é chefe de gabinete na Prefeitura de Nilópolis. Formado em direito, ele será candidato a deputado estadual nas próximas eleições: "Sempre vivi nesse meio e pretendo dar continuidade ao trabalho social que minha família vem desenvolvendo. Quero ser a voz da cidade na Assembléia Legislativa", diz ele, que tem total apoio do pai. "Ele é jovem e sabe que terá de abdicar de muitas coisas e que vai viver momentos críticos e de glória. Sempre digo isso, mas ele é consciente, determinado e está preparado para assumir essa responsabilidade", garante Farid.

No alto, dona Julia, a matriarca da família Abrão David, e o filho Farid. Em seguida, Nelson David acompanhando a apuração do carnaval, em 1962. E, por último, o deputado federal Simão Sessim defendendo o Rio de Janeiro e Nilópolis em Brasília



Ator e diretor de teatro e televisão, Anderson Müller faz o possível para conciliar a carreira com o carnaval. Aliás, o segundo filho de Anizio foi o responsável por um dos momentos mais emocionantes da história da Beija-Flor na Avenida, quando, em 2000, dirigiu um espetáculo dentro de um carro alegórico: "Foi um trabalho maravilhoso, feito com pessoas da comunidade representando tripulantes de um navio negreiro num carro de cinco andares. Colocamos 30 negros nas velas fazendo uma coreografia lenta imitando o vento. Essa marcação contrastava com a do samba, que é mais ritmada. Isso foi um choque. No segundo plano, fizemos um porão, onde aconteciam coisas ruins, as mortes. E o terceiro plano era a imagem do mar com todos os orixás, que era a forma deles poderem tirar a mágoa, a dor... Por onde passávamos, fazíamos a platéia chorar. Isso não tem explicação, nem emoção que se compare. O maior teatro do mundo se chama Marquês de Sapucaí. Lá é fácil fazer o público levantar e sorrir, mas é muito difícil fazê-lo chorar", avalia, emocionado.

Como filho de peixe, peixinho é, e neto de peixe, peixinho também deve ser, Nelson Alexandre Sennas David é tão encantado com a Beija-Flor quanto seu avô, José Rodrigues Sennas, primeiro presidente da escola, e seu pai, Nelson Abrão David, também ex-presidente da agremiação. A mãe, Marlene Sennas — ex-passista, ex-porta-bandeira e ex-destaque da Beija-Flor —, só faz confirmar o sangue 100% azul-e-branco do filho. "Eu e Nelson nos conhecemos num samba e quando meu pai morreu, ele prometeu, diante do caixão, que tomaria conta da Beija-Flor. Hoje, nosso filho mantém o nome das duas famílias na escola", conta Marlene, com orgulho. Produtor musical, Nelsinho — como também era chamado seu pai — é vice-presidente da Beija-Flor e desempenha uma função das mais nobres na Passarela do Samba: "Sou eu quem apresenta o primeiro casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira ao público e aos jurados. Para mim, não tem coisa melhor. É uma honra." ■

De cima para baixo, a nova geração da família: Ricardo Abrão, que começa a dar os primeiros passos na política e é vice-presidente Social e Recreativo da Beija-Flor; Anderson Müller, que faz o possível para conciliar a carreira de ator com o carnaval; e Nelsinho David, produtor musical e vice-presidente da escola



CONRAD

RESORT & CASINO PUNTA DEL ESTE

PEDE PASSAGEM PARA SAUDAR A BEIJA-FLOR

A final, a Beija-Flor de Nilópolis é a Escola de samba mais
criativa, moderna, arrojada,
emocionante, autêntica, descontraída,
ousada, simpática, generosa,
irreverente, vibrante, contagiante,
alegre, divertida, feliz!

A Escola de Samba de todos nós!
Campeoníssima no Uruguai!
Beija-Flor - uma escola da nossa vida!



Conrad Resort & Casino Punta del Este. Tel.: (598 42) 49 1111 e-mail: conradpde@conrad.com.uy



Representante em Brasil: INTERMUNDI

São Paulo: (11) 3842 0044 - Rio de Janeiro: (21) 2531 2063

Porto Alegre: (51) 3311 2959 - Brasília: (61) 366 1262 - 922 1064

Santa Catarina: (51) 3312 2352 - Goiás: (62) 251 0272 - 223 0641



No jogo de nossas emoções,
a sorte é ponto de partida e de chegada!

Entre eles, existe um
universo especial, repleto de maravilhas!

Como o momento mágico de abrir alas
e os nossos corações para homenagear a

BEIJA - FLOR

Jorge Serna
Vice Presidente y Gerente General
Conrad Resort & Casino Punta del Este

Carlos Mangold
Director de Player Development

Sebastián Schneck
Director de Operaciones del Casino

Claudio Ferrari
Director del Casino

Silvina Luna
Directora de Marketing

E a equipe da Intermundi

Roberto Vianna Pinto
Rio de Janeiro

Daisy Camasmie
Sao Paulo

Vania Souza
Brasilia

Felipe Alves
Porto Alegre e Santa Catarina

Ricardo Namen
Goias

A origem do carnaval e as escolas de samba

Denise Carla

Muito se tem discutido sobre a origem do carnaval. Só para se ter uma idéia, há quem o situe há 10 mil anos a. C., nos festejos rurais, quando homens, mulheres e crianças cobriam os rostos, pintavam e adornavam os corpos e se reuniam durante o verão para promoverem danças com o objetivo de afastar os demônios da má colheita ou simplesmente para comemorar o retorno ao trabalho nos campos. Há também quem credite sua origem à evolução e à sobrevivência do culto à deusa Ísis e ao touro Ápis (entre os egípcios) ou à deusa Herta (entre os teutões); aos festejos em honra de Dionísios (na Grécia) ou às Bacanais (celebração romana pelo retorno do sol e começo da primavera, durante os meses de fevereiro e março), e até mesmo às festas dos "inocentes" e dos "doidos" (na Idade Média), que após sucessivos processos de deformação e abrandamento, teriam sido responsáveis pelo surgimento dos mais famosos carnavais dos tempos modernos, como os de Nice, Paris, Veneza, Roma, Nápoles, Florença, Colônia e Munique.

Alguns autores afirmam que o carnaval já era encontrado na Antiguidade Clássica, e até mesmo na Pré-Clássica, com suas danças barulhen-



Arquivo Nacional

tas, máscaras e licenciosidades. Na Idade Média, a Igreja Católica, se não adotou o carnaval, chegou a tolerá-lo. No século XV, o papa Paulo II até permitiu que se realizasse na Via Lata (rua fronteiriça a seu palácio) o carnaval romano, com suas corridas de cavalos, carros alegóricos, batalhas de confete, feéricas luminárias de tocos de vela (*molcoletti*), corrida de corcundas e lançamento de ovos. Da Alta Idade Média, ficaram os registros das célebres Danças Macabras, quando homens e mulheres desfilavam perante a Morte — que ouvia, impassível, as queixas dos desfilantes e depois lhes descarregava a foice.

No Brasil, ao contrário do que ocorreu em outros países, o carnaval se caracterizou acima de tudo como uma manifestação do delírio coletivo, do desabafo popular e do humor ingênuo das multidões que saíam às ruas para cantar suas alegrias, como se observou durante anos nos blocos dos "sujos" e nos grupos de mascarados. Tempos depois, no entanto, o carnaval brasileiro perdeu, em parte, esse cunho popular e adquiriu um sentido grupal, aristocrático e clubístico, com bailes suntuosos e reservados apenas às classes socioeconomicamente mais favorecidas.

Do Brasil Colonial até a Primeira República, o carnaval teve como principal manifestação o "entrudo" (do latim intróito, entrada), trazido de Portugal por volta de 1600. Era, de início, uma brincadeira violenta (como foi retratado por Debret), em que os participantes utilizavam água, gema de ovo, farinha-do-reino, fuligem, cal, alvaiade e vermelhão, que empapavam — e, muitas vezes, queimavam, intoxicavam e até cegavam — as pessoas. Mais tarde o entrudo assumiu formas de maior graça e leveza, substituindo todos os elementos anteriores por limões-de-cheiro, borrachas com água perfumada e bisnagas (precursoras dos lança-perfumes).

Em 1848 surgiu o Zé Pereira. Apesar de alguns autores o considerarem de origem relativamente incerta, há quem afirme que este personagem foi o cidadão português José Nogueira de Azevedo Paredes, um sapateiro que decidiu sair à rua durante os dias de folia tocando um bombo (hoje conhecido como surdo). Extinto no começo do século XX, o Zé Pereira teve como sucessores as cuicas, os tamborins, os pandeiros, as frigideiras, etc. Há até quem diga que através desta manifestação surgiram os blocos de rua, já que o povo o acompanhava por onde ele passasse.

Até o aparecimento das primeiras escolas de samba, e seu conseqüente predomínio como manifestação popular,

a maior atenção do carnaval de rua foi o desfile dos préstitos, das chamadas Sociedades, o que ocorreu pela primeira vez em 1855. O desfile de carros alegóricos teve seu início naquele ano com o surgimento do Congresso de Sumidades Carnavalescas, primeira das Grandes Sociedades no carnaval carioca. Em seguida vieram outras associações como a União Veneziana, os Zuavos Carnavalescos e a Euterpe Comercial, de onde se originaram os Tenentes do Diabo. Essas sociedades desfilavam ao som de ópera com alegorias, fantasias luxuosas, críticas e sátiras ao governo e espirituosos pufes (uma espécie de desafio guerreiro, composto em versos, que as sociedades lançavam uma às outras) e adotavam como temas os acontecimentos mais em evidência na época.

No começo de 1900 a rua do Ouvidor era o ponto máximo do carnaval da cidade, mas a partir de 1907 as atenções voltaram-se para a Avenida Central (Rio Branco, a partir de 1912), que tornou-se o palco nobre do carnaval carioca e por onde desfilaram as grandes sociedades, os ranchos carnavalescos e o corso.

Em meados do século XX, os blocos e os cordões, núcleos que originaram os ranchos e as escolas de samba, entraram em declínio. O espírito daquele período chegou ao clímax em blocos como o Bafo da Onça e o Cacique de Ramos, assim como sobrevive através da primeira música especialmente composta para o carnaval, mais precisamente para o Cordão Rosa de Ouro: a marchinha "Ô abre alas!" (1899), de Chiquinha Gonzaga.

A Deixa Falar, do bairro do Estácio, é considerada, historicamente, a primeira escola de samba do Rio de Janeiro. Fundada no dia 12 de agosto de 1928, reuniu "bambas" do samba como Ismael Silva, Alcebíades Barcelos (Bide) e Nilton Bastos. No entanto, há quem afirme que a agremiação foi, na realidade, um bloco carnavalesco e, mais tarde, rancho. O título de escola de samba teria sido conquistado por ter sido fundada por sambistas considerados "professores do novo tipo de samba". Ismael Silva, em depoimento ao radialista Hilton Abi Riham no ano de 1975, falou sobre a origem da Deixa Falar: "Os outros bairros tinham agrupamentos carnavalescos e nós criamos o agrupamento organizado com quinhentas, mil pessoas. Isso era Escola de Samba." Depois vieram a Estação Primeira de Mangueira, a Unidos da Tijuca e tantas outras.

O surgimento de várias agremiações acabou desper-

tando a idéia de uma disputa entre elas. Foi o jornalista e diretor do jornal "Mundo Sportivo", Mário Filho (a quem também são atribuídos a criação da crônica esportiva moderna no Brasil e a idéia de construir-se o Estádio do Maracanã, que acabou recebendo seu nome), quem criou, em 1932, o primeiro desfile das escolas de samba, realizado na Praça Onze. A repercussão foi tão grande que no ano seguinte o desfile passou a fazer parte do programa oficial do carnaval.

Em 1934, as agremiações se apresentaram no Campo de Santana, em homenagem ao prefeito Pedro Ernesto, e decidiram fundar a União das Escolas de Samba. Naquele mesmo ano surgiu o primeiro Rei Momo, chamado na ocasião de "carne e osso" pelo fato de estar representado por uma pessoa e não mais por um boneco de papelão.

Em 1935 as escolas de samba foram oficialmente reconhecidas e tiveram que legalizar sua situação na Delegacia de Costumes e Diversões, passando a receber subvenção da Prefeitura. A partir daí, surgiram várias entidades com o objetivo de organizar ainda mais os desfiles como a União Geral das Escolas de Samba, a Federação das Escolas de Samba e a União Cívica das Escolas de Samba. Em 1952, com a fusão da Federação e da União Cívica, deu-se origem à Associação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (AESCRJ).

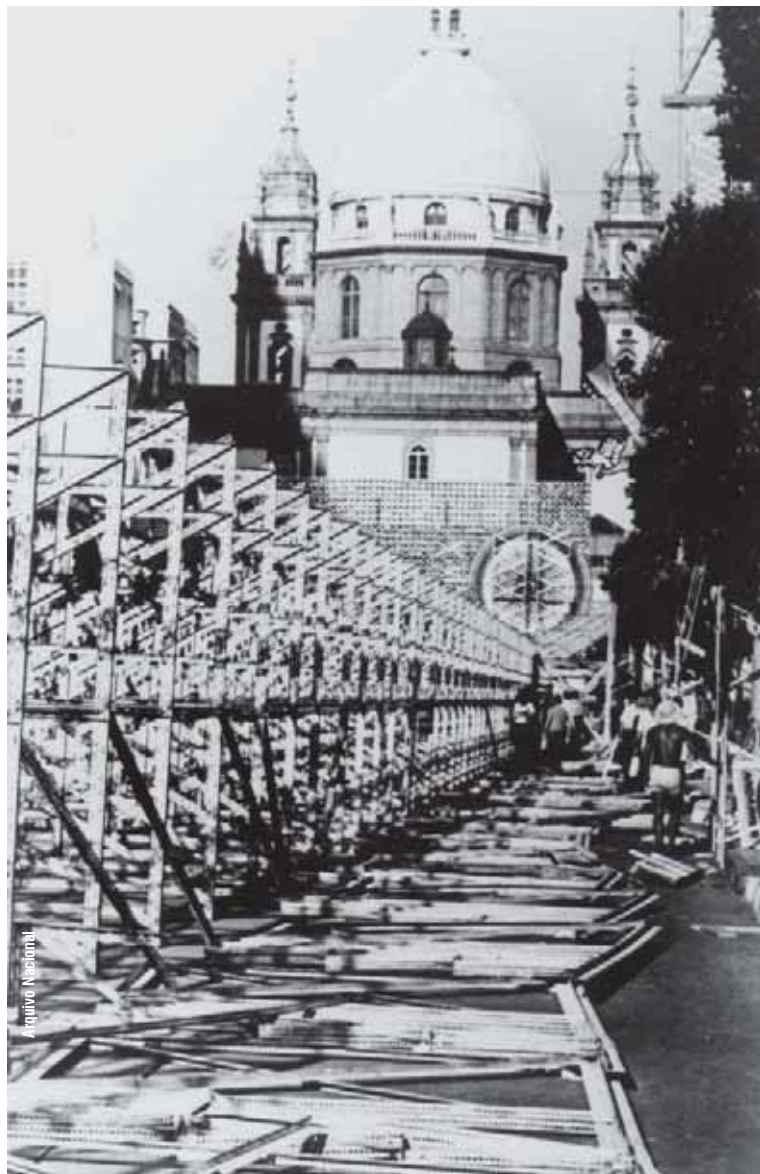
Em 1960, Fernando Pamplona e sua equipe — Dirceu e Marie Louise Nery, Arlindo Rodrigues e Nilton Sá — iniciaram no Salgueiro um trabalho que revolucionou a estética dos carnavais das escolas de samba com o enredo Quilombo dos Palmares. No ano seguinte, a Mangueira também inovou e levou para a Avenida amplificadores para sonorizar o samba cantado por Jamelão.

Em 1962, a construção de arquibancadas na Avenida Rio Branco e a venda de ingressos ao público deram início a um processo de comercialização irreversível. No ano seguinte, o desfile foi transferido para a Avenida Presidente Vargas, atingindo o auge do romantismo. O lançamento do primeiro LP de sambas-enredo, em 1968, marcou o surgimento do investimento artístico no espetáculo e a "invasão" do ritmo nos salões. Em 1975, a Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro S/A — Riotur —, criada três anos antes, estabeleceu um novo critério de pagamento às agremiações carnavalescas, que passaram a assinar um contrato de prestação de serviços. A partir de 1976, a

Beija-Flor quebrou a hegemonia das "quatro grandes" (Portela, Mangueira, Império e Salgueiro) e conquistou um tricampeonato.

As escolas de samba desfilaram em vários palcos, cujas estruturas (as arquibancadas, em especial) eram montadas e desmontadas a cada ano. A falta de um local específico fez com as apresentações migrassem para vários pontos do Centro do Rio: Praça Onze, Candelária, Mangue e avenidas Rio Branco, Presidente Vargas, Presidente Antônio Carlos, Graça Aranha e rua Marquês de Sapucaí. Embora cada um desses locais tenha ambientado momentos importantes da história e do crescimento do carnaval carioca, foi justamente a evolução dos desfiles que requisitou uma infra-estrutura à altura do espetáculo: um palco fixo por onde pudessem passar as escolas de samba, as grandes estrelas do nosso carnaval.

O monta-e-desmonta na Avenida Presidente Vargas, com a Candelária ao fundo





O Bloco do Boi, no banho a fantasia na Freguesia, nos anos 60

A Avenida dos Desfiles, popularmente chamada de Sambódromo, hoje por lei denominada Passarela do Samba, foi projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer e fica localizada no coração da cidade, na rua Marquês de Sapucaí. Construída em apenas 120 dias, sua estrutura reúne números bastante expressivos: são 700 metros de extensão por 13,5 de largura, capacidade para receber quase 60 mil pessoas por dia, cerca de 300 banheiros e 35 bares. A criação desse local definitivo para os desfiles das escolas de samba, idéia defendida pelos sambistas, tornou-se realidade no dia 2 de março de 1984, ano em que também teve início uma nova era na história do carnaval carioca com a fundação da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (Liesa). As 10 maiores agremiações desligaram-se da Associação das Escolas de Samba e passaram a fazer parte dessa nova entidade sob a denominação de Grupo Especial. A partir daquele ano, a Liesa passou a ser responsável por toda a parte artística do desfile deste grupo, cabendo à Riotur os procedimentos legais para a sua realização. As demais escolas continuaram subordinadas à Associação das Escolas de Samba e, conseqüentemente, à Riotur.

A criação da Liesa partiu da iniciativa de Ailton Guimarães Jorge (Vila Isabel), Anizio Abrão David (Beija-Flor),

Djalma Santos (Mangureira), Luizinho Drumond (Imperatriz Leopoldinense), Miltão do Salgueiro e Carlinhos Maracanã (Portela), com o aval de Castor de Andrade (Mocidade Independente de Padre Miguel). A ata de fundação é datada de 24 de julho de 1984, e daquela reunião participaram os presidentes do Salgueiro, Beija-Flor, Mocidade Independente, Mangureira, Vila Isabel, Portela, Caprichosos de Pilares, Imperatriz Leopoldinense, Império Serrano e União da Ilha. Foram presidentes da Liesa: Castor de Andrade, Anizio Abrão David, Paulo de Almeida, Jorge Luiz Castanheira, Djalma Arruda e Ailton Guimarães.

Sob a organização da Liesa, o desfile das escolas de samba alcançou um outro patamar. Várias foram as mudanças e as conquistas das escolas de samba, o que, em conseqüência, engrandeceu o carnaval carioca. (*Leia mais sobre a Liesa na página 66.*)

A máxima de que o carnaval é o maior espetáculo da terra não é lugar-comum, é fato. O desfile das escolas de samba cresceu, e muito! E para acompanhar essa evolução os responsáveis pelo carnaval acertaram em cheio quando abriram os olhos e as mentes e decidiram valorizar, ainda mais, a concepção desse evento. Os sambistas agradecem: agora o samba não agoniza e, conseqüentemente, não morre. ■

O saudosismo e a escola de samba

Sérgio Cabral

Ouvindo, um dia desses, o depoimento ao Museu da Imagem e do Som do genial instrumentista Jacob do Bandolim, realizado em fevereiro de 1967, chamou-me a atenção a sua afirmação de que, já naquela época, não havia mais escola de samba: "O que há atualmente é show. Um show muito bonito, mas show. Não é mais escola de samba", disse ele. O curioso é que, hoje, às vésperas do carnaval de 2002, encontraremos certamente um crítico a dizer que a escola de samba mesmo, a verdadeira, era aquela de 1967, e que hoje é show.

É que, cá entre nós, o carnaval — e a escola de samba, em particular — é um campo fértil de saudosismo.

As pessoas não percebem que, atrás da sua opinião sobre o tema, o que existe, quase sempre, é uma imensa saudade da sua juventude, dos seus 18 anos. O carnaval paga o pato porque é uma forte referência das várias etapas de nossas vidas (um samba de antigamente sempre lembra alguma coisa, não é verdade?). Mas os saudosistas de todas as épocas têm razão pelo menos num detalhe: o carnaval e as escolas de samba mudaram muito com o tempo. Eu, por exemplo, prefiro as escolas do tempo em que o samba, em todos os seus aspectos — a composição, o canto, o ritmo e a dança —, era o mais importante. Reconheço, porém, que cada um tem o direito a escolher a sua época preferida e

até gostar de todas as épocas. Tenho amigos que basta falar de escola de samba para ficarem emocionados.

O saudoso compositor Alvaiade, da Portela, numa entrevista que me concedeu, contou que, num dos pri-

A Rainha do Carnaval de 1956



Arquivo Nacional

meiros desfiles da escola, no início dos anos 30, no tempo em que as escolas se apresentavam na Praça Onze, Rufino, o tesoureiro, ficou assustado quando verificou que teria que pagar 90 passagens para os componentes que iriam pegar o trem na estação de Dona Clara com destino à Central do Brasil. "Meu Deus! Isso não é uma escola de samba, é um rancho.

Nunca vi tanta gente numa escola de samba!" (Na época, os ranchos carnavalescos tinham muito mais projeção do que as escolas de samba.) Depois disso, quando queriam chamar a atenção para a grandiosidade do desfile das escolas, os jornais diziam que havia algumas com mais de 100 integrantes! (O ponto de exclamação reforçava a importância da revelação estarrecidora.)

Nos sete anos consecutivos em que foi campeã, de 1941 a 1947, a Portela apresentou várias novidades, valorizando as fantasias, as alegorias e começando a inovar na própria dança do samba. Quando o Império Serrano desfilou pela primeira vez, no carnaval de 1948, trouxe várias surpresas, como o timbre metálico da bateria, o mestre-sala e a porta-bandeira desfilando no meio da escola, e não no início como todas as rivais, e apresentando fantasias luxuosas, que viriam, mais tarde, a ser identificadas como destaques. Na década de 1950, com o desfile passando a atrair um público de classe média, as escolas passaram a preocupar-se com o próprio visual. As grandes escolas saíram em busca dos figurinistas de teatro. Houve um ano em que a Portela entregou a execução do seu enredo a Chianca de Garcia, o diretor teatral português radicado no Brasil. As escolas chegaram ao ponto



Arquivo Nacional

Carnaval de rua, na Avenida Rio Branco, em 1969

de trocar as bordadeiras do morro na confecção das suas bandeiras (um quesito, na época) pela produção acética e industrial da empresa conhecida como Arnaldo das Faixas.

Uma das mais profundas mudanças no visual das escolas de samba, porém, ocorreu no carnaval de 1960, quando a Acadêmicos do Salgueiro teve o seu enredo "Palmares" elaborado por Fernando Pamplona e Arlindo Rodrigues. O luxo foi trocado pela criatividade. Querendo imitar a linha do Salgueiro, as demais escolas cometeram inúmeros equívocos nos anos seguintes, até que descobriram o óbvio: entregaram seus enredos aos jovens integrantes da equipe de Pamplona e Arlindo. E foi um desses jovens, Joãozinho Trinta, que acabou fazendo a definitiva revolução estética nas escolas de samba. Várias inovações apresentadas pela Beija-Flor no tricampeonato de 1976, 77 e 78 foram incorporadas pelas demais escolas e permanecem até hoje. Aliás, por falar em Beija-Flor, é bom que se diga que coube a ela a mais importante novidade dos últimos anos, que foi entregar a uma equipe — e não a uma pessoa apenas — a responsabilidade de elaboração do enredo. A impressão que tenho é que, com tal decisão, ocorreu uma redução de vedetismo em favor do aumento da eficiência. ■

Liesa

Os 18 anos de uma senhora associação

Claudia Pinheiro

Ela poderia ser apenas mais uma das muitas entidades que a partir de 1933 se sucederam na organização do desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro. E deveria, neste ano em que completa 18 carnavais, estar celebrando sua maioridade, não fosse ela uma senhora iniciativa, já madura e bem-sucedida desde o primeiro desfile que organizou, em 1985.

A criação da Liga Independente das Escolas de Samba — Liesa — significou a redenção das grandes escolas e a revitalização do carnaval carioca. Dirigida por gente do samba desde que foi fundada, em julho de 1984, seu sucesso é consequência natural da adoção de medidas objetivas que vêm promovendo o fortalecimento das agremiações, a grandeza do espetáculo e um maior respeito ao público, entre outras conquistas. Hoje, por exemplo, ao contrário do que acontecia até o carnaval de 1984, o desfile tem hora certa para começar e terminar. Já as escolas, que antes desfilavam em troca de minguas verbas repassadas pela Riotur — empresa municipal que administra o carnaval carioca —, passaram a ter participação em toda a arre-





Ailton Guimarães Jorge,
presidente da Liesa

cadação do espetáculo, desde a venda dos ingressos até os direitos de transmissão dos desfiles para o Brasil e exterior, passando pelo merchandising da Avenida e pela vendagem do CD dos sambas-enredo. "As escolas ganhavam uma gorjeta pela gravação do samba, até que nós acordamos e tratamos de criar a nossa própria gravadora", conta Ailton Guimarães

Jorge, o Capitão Guimarães, que em abril do ano passado reassumiu a presidência da Liesa, cargo que já ocupara de 1987 a 1993.

A atuação da liga proporcionou também inúmeros benefícios indiretos, uma vez que os lucros repassados às escolas possibilitaram, por exemplo, que elas passassem a bancar o carnaval de milhares de pessoas da comunidade que não têm recursos para comprar sua fantasia. A reestruturação da arrecadação do direito autoral dos sambas-enredo foi outra importante conquista da Liesa, obtida no período 1986/1987, sob a presidência de Anizio Abrão David. "De todas as realizações de Anizio à frente da liga, talvez a maior de todas seja a agilização da liberação do direito do compositor", afirma o atual presidente da Liesa. "Antes, quando o recolhimento era feito pelo Ecad, o dinheiro que chegava às mãos do sambista não comprava nem um quilo de feijão. Atualmente, ele pode até comprar uma casinha", compara.

A importância do desfile das escolas de samba organizado pela Liesa pode ser medida em números. No carnaval de 2001, nos dois dias de desfile do Grupo Especial, um público total em torno de 126 mil pagantes pôde vibrar com a passagem de aproximadamente 55 mil pessoas que representavam as 14 escolas na Passarela do Samba. "O número de desfilantes tem sido praticamente a metade do número de espectadores", destaca o Capitão Guimarães, com justificado orgulho. Afinal, que outro espetáculo sobre a face da Terra consegue, além de reunir tanta gente, apresentar essa relação de um protagonista para cada dois espectadores e ainda ser tão bem-sucedido? ■

Desfile será mais longo e sem notas descartadas

A fim de aumentar a competitividade e melhorar a qualidade do espetáculo, a Liesa estabeleceu uma série de alterações no regulamento do Desfile de Carnaval do Grupo Especial. Eis as principais mudanças para as escolas de samba que vão desfilar no domingo, 10 de fevereiro, e segunda-feira, 11 de fevereiro:

Tempo de desfile

Aumentou de 80 para 85 minutos o tempo máximo de apresentação de cada escola. Também o tempo mínimo foi ampliado, passando para 70 minutos. Haverá penalidade de um ponto para cada minuto que exceder o tempo máximo ou que faltar para atingir o tempo mínimo.

Julgadores

O número de julgadores será mantido em 40 (quatro por quesito), porém não haverá mais o descarte de notas.

Notas

Cada julgador concederá notas dentre 7 e 10 pontos. Além disso, a Liga adotará notas fracionadas em décimos. Ou seja, a escola de samba campeã do carnaval poderá chegar à vitória por um décimo de diferença. Exemplo: 8,7 contra 8,6.

Acesso e rebaixamento

Apenas a 14ª colocada do Grupo Especial será rebaixada para o Grupo de Acesso A. Com isso, também uma única escola do Grupo de Acesso A — a campeã — passará a integrar o Grupo Especial.

Merchandising

Ficam proibidas a distribuição de peças publicitárias ou a apresentação de qualquer tipo de propaganda comercial no enredo, alegorias, adereços, alas, destaques e no samba-enredo. A penalidade será de menos dois pontos para cada infração.

A atual diretoria da Liesa

Presidente: Ailton Guimarães Jorge
Vice-presidente: Jorge Luiz Castanheira Alexandre
Secretário: Wagner Tavares de Araújo
Tesoureiro: Américo Siqueira Filho
Diretor Comercial: Hélio Costa da Mota
Diretor Jurídico: Nelson de Almeida
Diretor de Carnaval: Elmo José dos Santos
Diretor de Patrimônio: Zacarias de Oliveira
Diretor Cultural: Hiram Araújo
Diretor Social: Jorge Perlingeiro
Presidente do Conselho Deliberativo: Anizio Abrão David
Vice-presidente do Conselho: Carlos Teixeira Martins



Sorte e diversão todos os dias!

Petrópolis

Rua do Imperador, 734 — Centro — **Petrópolis** — Rio de Janeiro Tels.: (24) 2245-4162/2243-0620



A praia mais badalada da cidade!

Luxo Conforto Modernidade
Especialmente para sua diversão!



Bar e restaurante



Manobreiros à sua disposição



Av. Sernambetiba, 4700 — Barra da Tijuca — Tel/Fax: (21) 3385-2561

**BINGO
TIJUCA**

**Sempre uma
nova diversão!**



BINGO TIJUCA

R. Conde de Bonfin, 475 - Tijuca - Rio de Janeiro - Tel: 21 2288-4480

**Aqui você já ganha
quando chega.**



Estacionamento grátis. grátis.

**Ar condicionado - Segurança
Atendimento personalizado**

Barra Bingo

Av. das Américas, 2000 — Barra da Tijuca

Rio de Janeiro — RJ — CEP 22640-101

Tel/Fax: (21) 2439-8484

Beija-Flor

de todos os tempos

Claudia Pinheiro

Em números — frios, impiedosos números —, a trajetória da Beija-Flor não chega a perfazer meia centena de carnavais. Da estréia na avenida, em 1954, até este carnaval que já aí está, são exatamente 49 desfiles. Porém, o que essa nilopolitana quase cinqüentona tem de história!... É de fundir os chips da mais moderna máquina de calcular.

Em outras seções desta revista, o leitor pode desfrutar de um sem-número de relatos, testemunhos, opiniões e análises sobre os mais variados fatos ligados à história da Beija-Flor. Aqui, no entanto, a palavra cede lugar à imagem — que, mágica, se multiplica na evocação de diferentes instantes da trajetória não menos mágica da escola de Nilópolis.

São imagens que falam por si, mas também entre si, numa triangulação — alusiva, talvez, a algum tricampeonato... — que evolui, página a página, nas coreografias do desfile sugerido pelas variações espaciais e cromáticas da programação visual de Renata Pinheiro. O texto, matéria-prima indispensável para a grande maioria dos profissionais envolvidos nesse projeto, aqui se restringe ao registro — direto, seco — do título do enredo, da colocação da escola, do nome do carnavalesco, do puxador e do(s) autor(es) do samba, ano após ano, de 1954 a 2001.

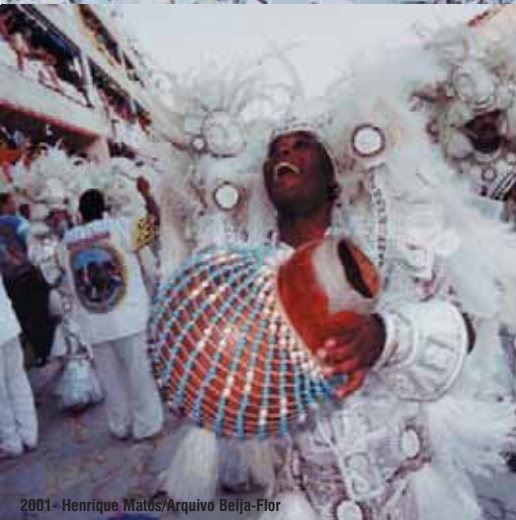
Que os deuses do carnaval nos perdoem, mas esta foi a maneira que encontramos para expressar o prazer e a honra que é nos sentirmos parte, mínima que seja, dessa infinita e luminosa trajetória que no tempo vai ousando traçar o Grêmio Recreativo e Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis.



2001 - Henrique Matos/Arquivo Beja-Flor



2001 - Henrique Matos/Arquivo Beja-Flor



2001 - Henrique Matos/Arquivo Beja-Flor

1955: "Páginas de ouro da poesia brasileira"

Colocação: 6º Lugar — Grupo I

Autoria: Nilo

Compositor: Osório de Lima

Local de Desfile: Avenida Presidente Vargas

Presidente da Escola: José Rodrigues Sennas

1954: "O caçador de esmeraldas"

Colocação: 1º Lugar — Grupo II

Autoria: Cabana

Compositor: Osório de Lima

Local de Desfile: Praça XI

Presidente da Escola: José Rodrigues Sennas

1956: "O gaúcho"

Colocação: 10º Lugar — Grupo I

Autoria: Nilo

Compositor: Cabana

Local de Desfile: Avenida Presidente Vargas

Presidente da Escola: José Rodrigues Sennas



2001 - Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor

1957: "Riquezas áureas do Brasil"

Colocação: 7º Lugar — Grupo I

Autoria: Augusto de Almeida

Compositor: Cabana

Local de Desfile: Avenida Rio Branco

Presidente da Escola: José Rodrigues Sennas



2000 - Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor

1958: "Exaltação às forças armadas"

Colocação: 10º Lugar — Grupo I

Autoria: Benedito dos Santos

Compositor: Vacele

Local de Desfile: Avenida Rio Branco

Presidente da Escola: José Rodrigues Sennas



2000 - Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor

1959: "Copa do mundo"

Colocação: 9º Lugar — Grupo I

Autoria: Augusto de Almeida

Compositor: Pardal

Local de Desfile: Avenida Rio Branco

Presidente da Escola: José Rodrigues Sennas

1960: "Regência Trina"

Colocação: 10º Lugar — Grupo I

Autoria: Augusto de Almeida

Compositor: Cabana

Local de Desfile: Avenida Rio Branco

Presidente da Escola: José Rodrigues Sennas



2000 - Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor

1961: "Homenagem a Brasília"

Colocação: 8º Lugar — Grupo I

Autoria: Josefá

Compositor: Cabana

Local de Desfile: Praça XI

Presidente da Escola: José Rodrigues Sennas



2000 - Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor

1962: "Dia do Fico"

Colocação: 2º Lugar — Grupo I

Autoria: Cabana

Compositor: Cabana

Local de Desfile: Avenida Presidente Vargas

Presidente da Escola: José Rodrigues Sennas



2000 - Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor

1963: "O Guarani"

Colocação: 10º Lugar — Grupo I

Autoria: Josefá

Compositor: Cabana

Local de Desfile: Candelária

Presidente da Escola: Alberto Emiliano da Silva

1964: "Café, riqueza do Brasil"

Colocação: 12º Lugar — Grupo II

Autoria: Cabana

Compositor: Cabana

Local de Desfile: Avenida Rio Branco

Presidente da Escola: Helles Ferreira da Silva

1965: "Lei do Ventre Livre"

Colocação: 3º Lugar — Grupo III

Autoria: Cabana

Compositor: Nicanor de Oliveira — Timbó

Local de Desfile: Praça XI

Presidente da Escola: Arthur Severiano Pinto



2000 - Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor



2000 - Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor



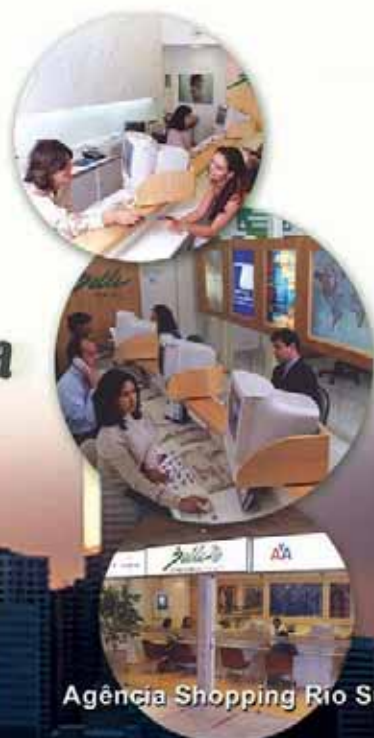
1999 - Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor

Belle



TOURS

Você sonha, a Belle Tours realiza



Agência Cassino Atlântico — Matriz

Av. Atlântica, nº 4.240 Lojas 323 e 324

Copacabana — Rio de Janeiro

RJ — Cep: 22070-002

Tel.: 2523-1242 Fax: 2287-6693

e-mail: belletours@belletours.com.br

Agência Barra Shopping

Av. das Américas, nº 4.666

Loja 208 Nível Américas

Barra da Tijuca — Rio de Janeiro

RJ — Cep: 22640-102

Tel.: 2431-9629 Fax: 2431-9995

e-mail: belletours@belletours.com.br

Agência Shopping Rio Sul

R. Lauro Muller, nº 116 p/ 101 Parte A 10

Botafogo — Rio de Janeiro

RJ — Cep: 22290-160

Tel.: 2541-6747 Fax: 2275-5046

e-mail: belletours@belletours.com.br



Av. Atlântica, 4240 — Loja 221
Shopping Cassino Alântico
Cep: 22070-002 — Rio de Janeiro

Tel.: (55 21) 2522-0141
Fax: (55 21) 2521-4997
e-mail: lainoturismo@aol.com



1999 - Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor



2000 - Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor



2000 - Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor

1966: "Fatos que culminaram com a Independência do Brasil"

Colocação: 4º Lugar — Grupo III

Autoria: Augusto de Almeida

Compositores: Timbó e Jair

Local de Desfile: Praça XI

Presidente da Escola: Heitor Silva

1967: "A queda da monarquia"

Colocação: 2º Lugar — Grupo III

Autoria: Augusto de Almeida

Compositor: Anézio

Local de Desfile: Praça XI

Presidente da Escola: Heitor Silva

1968: "Exaltação a José de Alencar"

Colocação: 9º Lugar — Grupo II

Autoria: Anézio

Compositor: Anézio

Local de Desfile: Avenida Rio Branco

Presidente da Escola: Anizio Abrão David

1969: "Paquete do exílio"

Colocação: 9º Lugar — Grupo II

Autoria: Cabana

Compositor: Ivancué

Local de Desfile: Avenida Rio Branco

Presidente da Escola: Heitor Silva



2000 - Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor

1970: "Rio, quatro séculos de glória"

Colocação: 6º Lugar — Grupo II

Autoria: Abílio

Compositor: Walter de Oliveira

Local de Desfile: Avenida Presidente Antônio Carlos

Presidente da Escola: Heitor Silva



1970 - Arquivo/Agência O Dia

1971: "Carnaval, sublime ilusão "

Colocação: 7º Lugar — Grupo II

Autoria: Abílio

Compositor: Walter de Oliveira

Local de Desfile: Avenida Presidente Antônio Carlos

Presidente da Escola: Heitor Silva



2000 - Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor

1972: "Bahia dos meus amores"

Colocação: 6º Lugar — Grupo II

Autoria: Abílio

Compositores: Isaias Pereira e Sebastião Adilson

Intérprete(s): Sílvio

Local de Desfile: Avenida Presidente Antônio Carlos

Presidente da Escola: Heitor Silva



2000 - Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor

1973: "Educação para o desenvolvimento"

Colocação: 2º Lugar — Grupo II

Autoria: Manuel Antônio Barroso

Compositores: César e Darvin

Local de Desfile: Avenida Presidente Antônio Carlos

Presidente da Escola: Nelson Abrão David



2000 - Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor



1974 - Arquivo/Agência O Dia

1974: "Brasil ano 2000"

Colocação: 7º Lugar — Grupo I

Autoria: Manuel Antônio Barroso

Compositores: Walter de Oliveira e João Rosa

Intérprete: Zamba

Local de Desfile: Avenida Presidente Antônio Carlos

Presidente da Escola: Nelson Abrão David

1975: "O grande decênio"

Colocação: 7^o Lugar — Grupo I

Autoria: Manuel Antônio Barroso

Compositor: Bira Quinho

Intérprete: Bira Quinho

Local de Desfile: Avenida Presidente Antônio Carlos

Presidente da Escola: Nelson Abrão David



2000 - Henrique Maboni/Arquivo Beija-Flor

1976: "Sonhar com rei dá leão"

Colocação: 1^o Lugar — Grupo I

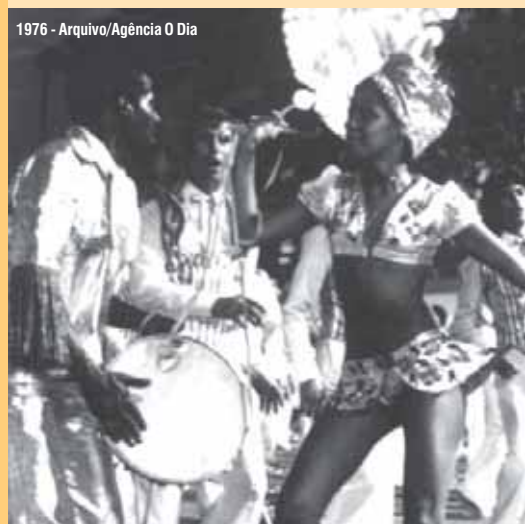
Autoria: Joãosinho Trinta

Compositor: Neguinho da Beija-Flor

Intérpretes: Neguinho da Beija-Flor e Zamba

Local de Desfile: Mangue

Presidente da Escola: Nelson Abrão David



1976 - Arquivo/Agência O Dia

1977: "Vovó e o rei da Saturnália na corte egípciana"

Colocação: 1^o Lugar — Grupo I

Autoria: Joãosinho Trinta

Compositores: Savinho e Luciano

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Avenida Presidente Vargas

Presidente da Escola: Nelson Abrão David



1977 - Arquivo/Agência O Dia

Viaje com a **Narcisa
Tamborindeguy**

www.narcisa.com.br

apoio cultural

CRISTAL

ELEITO O MELHOR SUPERMERCADO DO RIO



Artigos para:

**Carnaval - Noivas - Festas
Armarinhos - Tecidos em geral
Especializada em penas**

O melhor preço do Brasil!

Babado da Folia

R. Buenos Aires, 300 - Centro

Rio de Janeiro - RJ / CEP 20061-001

Tel/Fax: 21 2224-0516 Tel: 21 2507-0598

www.babadodafolia.com.br - e-mail: babado@olimpo.com.br

BINGO CAFÉ DO GOL

RIO DE JANEIRO

Avenida do Pepê, 1596 - Barra da Tijuca - Aberto a partir das 14 horas.



PEDRINHO do cavaco

Pedro do Vale Bernardo.

É considerado hoje um fenômeno da Música Popular Brasileira, começou sua carreira aos 6 anos tocando vários instrumentos, mas o seu maior companheiro é o cavaco, por isso o nome "Pedrinho do Cavaco". Hoje aos 10 anos é reconhecido por várias instituições da música. O "novo fenômeno" já participou dos principais programas da televisão brasileira ao lado de grandes artistas como Alcione, Beth Carvalho, Leci Brandão, Emilio Santiago, Chico Buarque, Alexandre Pires e muitos outros. Na Avenida, defendeu a verde e rosa G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira em 1999 e 2000 ao lado de Jamelão no carro de som. "Pedrinho do Cavaco", o Futuro é Seu.

Fale com Pedrinho do Cavaco
Contato: (0xx21) 2269-3541 / 9999-7730 - Nélsom
<http://www.pedrinhodocavaco.com.br>
e-mail: pedrinho@pedrinhodocavaco.com.br

apoio cultural

CRISTAL
ELEITO O MELHOR SUPERMERCADO DO RIO

1978: "A criação do mundo na tradição nagô"

Colocação: 1º Lugar — Grupo I

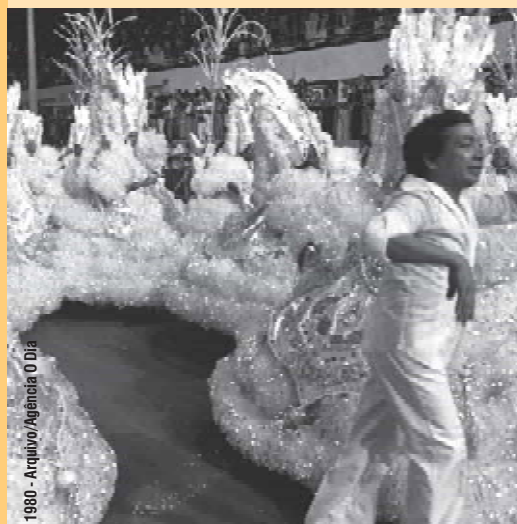
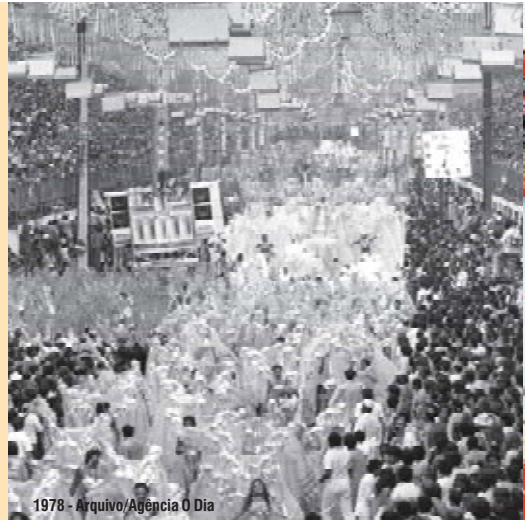
Autoria: Joãozinho Trinta

Compositores: Neguinho da Beija-Flor, Gilson Doutor e Mazinho

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Avenida Marquês de Sapucaí

Presidente da Escola: Nelson Abrão David



1979: "O paraíso da loucura"

Colocação: 2º Lugar — Grupo I

Autoria: Joãozinho Trinta

Compositores: Savinho, Luciano e Walter de Oliveira

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Avenida Marquês de Sapucaí

Presidente da Escola: Nelson Abrão David

1980: "O sol da meia-noite: uma viagem ao país das maravilhas"

Colocação: 1º Lugar — Grupo I

Autoria: Joãozinho Trinta

Compositores: Zé do Maranhão, Wilson Bombeiro e Aluizio

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Avenida Marquês de Sapucaí

Presidente da Escola: Nelson Abrão David



1981: "Carnaval do Brasil, a oitava das sete maravilhas do mundo"

Colocação: 2º Lugar — Grupo I

Autoria: Joãosinho Trinta

Compositores: Neguinho da Beija-Flor, Dicro e Picolé

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Avenida Marquês de Sapucaí

Presidente da Escola: Nelson Abrão David

1982: "O olho azul da serpente"

Colocação: 2º Lugar — Grupo I

Autoria: Joãosinho Trinta

Compositores: Wilson Bombeiro, Carlinhos Bagunça e Joel Menezes

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Avenida Marquês de Sapucaí

Presidente da Escola: Nelson Abrão David



1983: "A grande constelação das estrelas negras"

Colocação: 1º Lugar — Grupo I

Autoria: Joãosinho Trinta

Compositores: Neguinho da Beija-Flor e Nego

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Avenida Marquês de Sapucaí

Presidente da Escola: Nelson Abrão David

1984: "Um gigante em berço esplendido"

Colocação: 3º Lugar — Grupo I

Autoria: Joãozinho Trinta

Compositores: Neguinho da Beija-Flor e Nego

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Passarela do Samba

Presidente da Escola: Farid Abrão David

1985: "A Lapa de Adão e Eva"

Colocação: 2º Lugar — Grupo I

Autoria: Joãozinho Trinta

Compositores: Zé do Cavaco, Carlinhos Bagunça, Carnaval, H.O. e Patrício

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Passarela do Samba

Presidente da Escola: Farid Abrão David

1986: "O mundo é uma bola"

Colocação: 2º Lugar — Grupo I

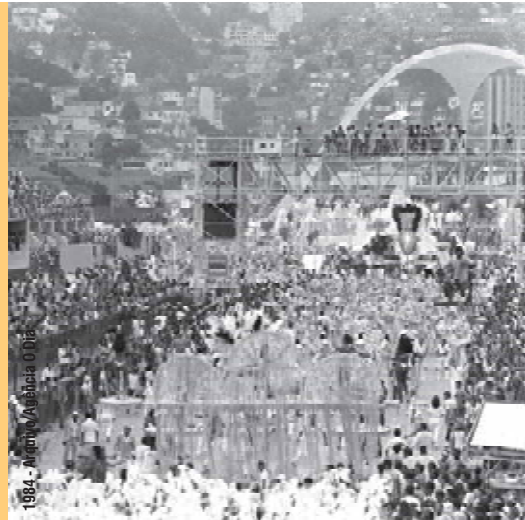
Autoria: Joãozinho Trinta

Compositores: Betinho e Jorge Canuto

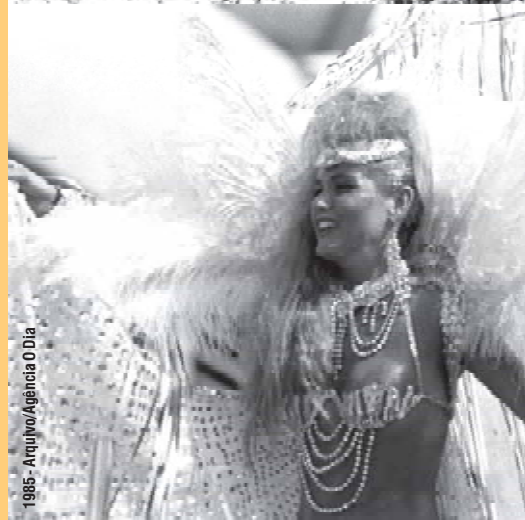
Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Passarela do Samba

Presidente da Escola: Farid Abrão David



1984 - Arquivo/Agência O Dia



1985 - Arquivo/Agência O Dia



1989 - Antônio Carlos/Arquivo Beija-Flor

1987: "As mágicas luzes da ribalta"

Colocação: 4º Lugar — Grupo I

Autoria: Joãosinho Trinta

Compositores: Mazinho e Gilson Doutor

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Passarela do Samba

Presidente da Escola: Anizio Abrão David



1989 - Antônio Carlos/Arquivo Beija-Flor

1988: "Sou negro, do Egito à liberdade"

Colocação: 3º Lugar — Grupo I

Autoria: Joãosinho Trinta

Compositores: Ivancué, Cláudio Inspiração, Marcelo Guimarães e Aluizio Santos

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Passarela do Samba

Presidente da Escola: Anizio Abrão David

1989: "Ratos e urubus, larguem minha fantasia"

Colocação: 2º Lugar - Grupo I

Autoria: Joãosinho Trinta

Compositores: Betinho, Glyvaldo, Zé Maria e Osmar

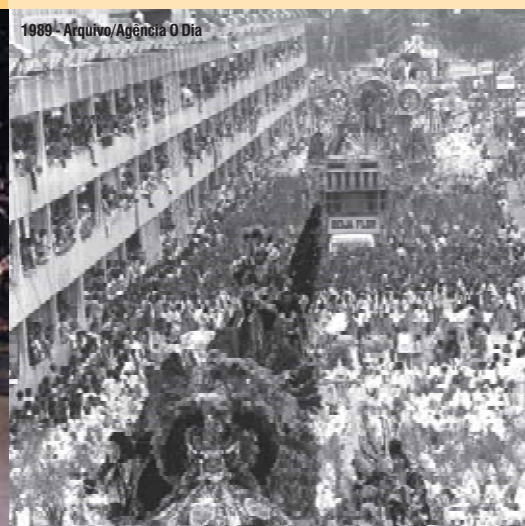
Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Passarela do Samba

Presidente da Escola: Anizio Abrão David



1989 - Antônio Carlos/Arquivo Beija-Flor



1989 - Arquivo/Agência O Dia

1990: "Todo mundo nasceu nu"

Colocação: 2º Lugar — Grupo Especial

Autoria: Joãozinho Trinta

Compositores: Betinho, Jorginho, Bira e Aparecida

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Passarela do Samba

Presidente da Escola: Anizio Abrão David

1991: "Alice no Brasil das maravilhas"

Colocação: 4º Lugar — Grupo Especial

Autoria: Joãozinho Trinta

Compositores: Pelé, Cláudio Inspiração, Tonho Magrinho e Paulo Roberto

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Passarela do Samba

Presidente da Escola: Nelson Abrão David



1992: "Há um ponto de luz na imensidão"

Colocação: 7º Lugar — Grupo Especial

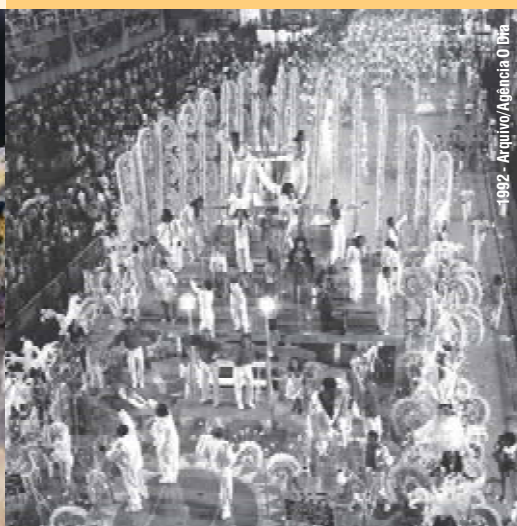
Autoria: Joãozinho Trinta

Compositores: Dinoel Sampaio, Itinho e Neguinho da Beija-Flor

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Passarela do Samba

Presidente da Escola: Luiz Carlos Duarte Baptista



1993: "Uni-Duni-Tê, a Beija-Flor escolheu você"

Colocação: 3º Lugar — Grupo Especial

Autoria: Maria Augusta

Compositores: Wilson Bombeiro, Edeor de Paula e Sérgio Fonseca

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Passarela do Samba

Presidente da Escola: Luiz Carlos Duarte Baptista



1994: "Margaret Mee, a dama das bromélias"

Colocação: 5º Lugar — Grupo Especial

Autoria: Milton Cunha

Compositores: Arnaldo Matheus, J. Santos e Almir Moreira

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Passarela do Samba

Presidente da Escola: Farid Abrão David

1995: "Bidu Sayão e o canto cristal"

Colocação: 3º Lugar — Grupo Especial

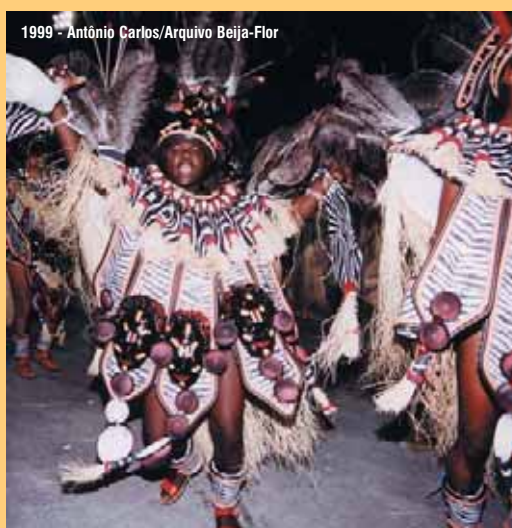
Autoria: Milton Cunha

Compositores: Bira, Zé Carlos do Cavaco, Tião Barbudo, Dequinha Pottiêr e Jorginho

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Passarela do Samba

Presidente da Escola: Farid Abrão David



1996: "Aurora do povo brasileiro"

Colocação: 3º Lugar — Grupo Especial

Autoria: Milton Cunha

Compositor: Miro Barbosa

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Passarela do Samba

Presidente da Escola: Farid Abrão David



1999 - Antônio Carlos/Arquivo Beija-Flor

1997: "A Beija-Flor é festa na Sapucaí"

Colocação: 4º Lugar — Grupo Especial

Autoria: Milton Cunha

Compositores: Wilson Bombeiro, J. Santos, Arnaldo Matheus e Almir Sereno

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Passarela do Samba

Presidente da Escola: Farid Abrão David



1999 - Antônio Carlos/Arquivo Beija-Flor

1998: "O mundo místico dos caruanas nas águas do Patu Anu"

Colocação: 1º Lugar — Grupo Especial

Autoria: Comissão de Carnaval: Fran-Sérgio, Ubiratan Silva, Cid Carvalho, Nelson Ricardo, Amarildo Mello, Vitor Santos e Paulo Führo

Compositores: Alencar de Oliveira, Wilsinho Paz, Noel Costa, Baby e Marcão

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Passarela do Samba

Presidente da Escola: Farid Abrão David



1999 - Antônio Carlos/Arquivo Beija-Flor

1999: "Araxá, lugar alto onde primeiro se avista o sol"

Colocação: 2º Lugar — Grupo Especial

Autoria: Comissão de Carnaval — Fran-Sérgio, Ubiratan Silva, Cid Carvalho, Nelson Ricardo, Shangai

Compositores: Wilsinho Paz e Noel Costa

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Passarela do Samba

Presidente da Escola: Farid Abrão David



1999 - Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor

2000: "Brasil, um coração que pulsa forte. Pátria de todos ou terra de ninguém?"

Colocação: 2º lugar — Grupo Especial

Autoria: Comissão de Carnaval — Fran-Sérgio, Ubiratan Silva, Cid Carvalho, Nelson Ricardo, Shangai

Compositores: Igor Leal e Amendoim da Beija-Flor

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Passarela do Samba

Presidente da Escola: Farid Abrão David



2000 - Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor

2001: "A saga de Agotime - Maria Mineira Naê"

Colocação: 2º lugar — Grupo Especial

Autoria: Comissão de Carnaval — Fran-Sérgio, Ubiratan Silva, Cid Carvalho, Nelson Ricardo, Shangai

Compositores: Déo, Caruso, Cleber e Osmar

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Local de Desfile: Passarela do Samba

Presidente da Escola: Farid Abrão David



2001 - Henrique Matos/Arquivo Beija-Flor

Carnaval / 2002

O Palácio das Plumas comemora 25 anos.
Está de cara nova e você
é o nosso convidado.

**Sambistas, Carnavalescos,
Lojistas e Amigos,
Confirmam!**

Artigos exclusivos e Preços Especiais.
Queremos atendê-lo sempre e melhor.

Consulte-nos



Voando nas asas do beija-flor

Em 2002, a Beija-Flor de Nilópolis contará na Passarela do Samba lendas e verdades sobre a incansável busca do homem pela realização do sonho de voar. Com o enredo "O Brasil dá o ar de sua graça — de Ícaro a Ruben Berta, o ímpeto de voar", a escola fará uma grande homenagem a personalidades que escreveram seus nomes na história da humanidade por não terem medido esforços para alcançar o dom apenas concedido aos pássaros.

Nomes como Leonardo da Vinci, Santos Dumont e Ruben Berta serão reverenciados ao passo que mitos como o de Ícaro e o dos tapetes mágicos levarão o público a viajar nas asas da imaginação. Sempre inovadora, a escola promete surpresas e muita alegria na avenida, com o luxo e a imponência que lhe são tão peculiares.

A Beija-Flor será a sétima agremiação a entrar no Sambódromo no domingo 10 de fevereiro, encerrando o primeiro dia do Desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial. Para apresentar seu enredo, a escola contará com cerca de 3.600 componentes e oito carros alegóricos. Mais presente do que nunca, a comunidade estará distribuída em 20 alas. Abaixo, a letra do samba-enredo da Beija-Flor:

"O Brasil dá o ar de sua graça - de Ícaro a Ruben Berta, o ímpeto de voar."

Autores: Wilsinho Paz, Elcy, Gil das Flores, Alexandre Moraes, Tamir, Igor Leal e Tom Tom

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Meu Beija-flor espacial ô ô
Cruzou o espaço sideral ô ô
Fez do meu sonho
Realidade neste carnaval Bis

Meu Beija-flor espacial ô ô
Cruzou o espaço sideral ô ô
Fez do meu sonho
Realidade neste carnaval

Num toque divinal do criador
Surgem passarinhos a bailar
Com elegância e beleza
Inspiração que fez o homem voar
Na mitologia construiu
Asas de cera para a liberdade
Rumo ao Oriente sobre tapetes
Conheceu histórias milenares
Reluz no renascimento a profecia

Que o grande cisne voaria
E o mundo se encantaria.

Vai, vai balão
Leve o meu sonho prá imensidão
Sou brasileiro, pioneiro
Grande "Pai da Aviação"
Oh! Glória Bis

Glória a um gaúcho sonhador
Fez da moderna aviação
A integração nacional
No seu desejo profundo
Este cidadão do mundo
Lutou pela igualdade social
O homem conquista seu desejo afinal
Com a força do guerreiro
Alcança a lua
E clama pela paz universal.

Os compositores do samba-enredo de 2002



Os preparativos

Para ter condições de apresentar em pouco mais de uma hora de desfile o grandioso espetáculo que todos os anos encanta o público no Sambódromo, a Beija-Flor começa a trabalhar cedo. Terminado um carnaval, o pessoal da escola tem de 15 a 30 dias de descanso e logo em seguida volta a pegar no batente, com a desmontagem dos carros e as pesquisas para a escolha do enredo seguinte. São meses e meses de dedicação e muito trabalho. Quanto mais se aproxima o carnaval, mais acelerado é o ritmo nos barracões de Nilópolis e da Zona Portuária do Rio de Janeiro. O número de funcionários, que inicialmente fica em torno de 40, no final do ano costuma saltar para 250. Pela escola, todo sacrifício é válido: dobrar turnos, trabalhar nos finais de semanas e resistir a noites mal dormidas. No final, com o sorriso estampado no rosto, a Família Beija-Flor é recompensada pelo sempre majestoso e impecável carnaval que a escola leva para a Avenida.

O começo de tudo

Como acontece todos os anos, o desfile da Beija-Flor nasce do trabalho da Comissão de Carnaval, com a discussão para a escolha do enredo. Todos se reúnem e partem para a pesquisa do tema em bibliotecas, arquivos ou na Internet. Com a sinopse pronta, o desfile começa a ser desenhado: como vão ser os setores, as alas. Bira e Victor atacam nas fantasias, que mais tarde serão transformadas em realidade por Cid e sua equipe. São os protótipos, modelos que serão reproduzidos para vestir a escola na avenida. Nélon tem papel fundamental na área da pesquisa e este ano está encarregado de fazer a revisão das alas, conferindo se o protótipo está sendo fielmente seguido. Fran-Sérgio faz a planta baixa dos carros, desenha toda a estrutura e é o responsável pela sua montagem bruta, para que eles recebam as alegorias. Shangai faz mágica. "Costumo dizer que ele faz bordado em metal. Ele pega a chapa e transforma em renda. Você nem acredita", conta Bira, admirado.

A escolha do samba

Realizada em diversas etapas, a escolha do samba-enredo é um dos momentos mais emocionantes do pré-desfile. Quadra lotada, torcida organizada, lá vão os competidores defender suas obras, que devem ser



Acima, Shangai e a equipe de serralheria transformando metais em obras de arte. Abaixo, a quadra lotada na noite da escolha do samba-enredo



fiéis ao tema e ao mesmo tempo empolgar componentes e público.

Para o carnaval deste ano, a Beija-Flor foi a última escola do Grupo Especial a definir o samba-enredo, só escolhido no dia 18 de outubro de 2001. Antes da decisão — que contou com a presença de atores, músicos, jogadores de futebol e diretores da Rede Globo e da Varig, entre outros —, os casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira e os passistas-mirins da escola fizeram uma demonstração daquilo que vão fazer na Avenida. Integrantes de diversas agremiações do Rio de Janeiro, como Mangueira, São Clemente, Salgueiro e Imperatriz deram um belo exemplo de confraternização e respeito ao cantarem sambas de suas escolas. Pela Beija-Flor, Neginho relembrou alguns dos sambas mais importantes e fez o público delirar.

Mas, em noite de disputa acirrada, quem venceu foi a comunidade, que lotou a quadra da escola e fez um belo espetáculo. Com faixas, bandeiras e balões de gás azuis e brancos, a torcida incentivou os concorrentes e cantou junto com os competidores. Para felicidade geral da nação nilopolitana, o samba escolhido pelos jurados foi fundido a outro, preferido pela comunidade. Aproveitou-se o melhor de cada um, e todos saíram ganhando, principalmente a Beija-Flor.

Os ensaios

Desde que foi escolhido o samba-enredo de 2002, a Beija-Flor tem realizado ensaios periódicos em sua quadra, na Praça Wallace Paes Leme, 1025. Às quartas, a partir das 20h, acontecem os ensaios técnicos, restritos aos componentes, quando eles treinam exatamente aquilo que deverão apresentar na avenida. Participam desde as bailarinas da Comissão de Frente até as alas das Baianas e da Velha-Guarda, além dos casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira. Às quintas-feiras, são realizados os ensaios abertos ao público, que começam às 21h e não têm hora para acabar.

A partir do primeiro domingo de janeiro, começam a acontecer os ensaios de rua em diversos bairros de Nilópolis. E, finalmente, na última quinta-feira antes do carnaval, a escola faz seu ensaio geral, de onde sai pronta para encarar o desfile do Grupo Especial.



O casal mais simpático da avenida: Selminha Sorriso e Claudinho, em apresentação durante a escolha do samba



A poderosa rainha Sônia Capeta entre integrantes da bateria. Abaixo, durante ensaio da escola, Eduardo e Janailce, 2º casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira



O barracão

Os grandes artistas do carnaval da Beija-Flor, que transformam materiais como o isopor em obras de arte e pedaços de pano em belíssimas fantasias, estão divididos em dois barracões: um no Rio e outro em Nilópolis.

Sob a responsabilidade de Laila, diretor Geral de Carnaval da Beija-Flor, o barracão do Rio é a matriz, onde são feitos os trabalhos mais pesados, como os carros alegóricos, adereços, montagem de fantasias, protótipos e as alegorias maiores. Lá encontramos especialistas nas mais diversas funções: ferreiros, carpinteiros, vidraceiros, serralheiros, pintores e escultores, entre outros.

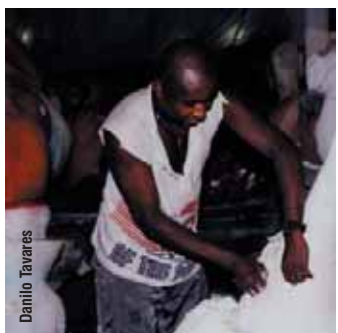
Em Nilópolis, o barracão funciona como um ateliê, onde são confeccionadas 400 fantasias de cinco alas da comunidade, além de vários adereços. São cinco costureiras, duas auxiliares, uma modelista e 27 aderecistas coordenados por Edson Bertholini, um apaixonado pela Beija-Flor que acompanha a escola desde 1985, quando desfilou pela primeira vez.

Conheça a seguir alguns dos artesãos que fazem o carnaval da Beija-Flor a cada ano mais bonito.



Saramandaia

Responsável pela parte administrativo-financeira dos barracões do Rio e de Nilópolis, Luiz Augusto Ferreira Almeida, mais conhecido como Saramandaia, é quem compra todo o material utilizado nas fantasias, carros alegóricos e adereços. Ele começou na Beija-Flor em 1974, a convite de Nelsinho Abrão David, como aderecista e participando da montagem de carros. "Hoje estou mais no setor administrativo, mas faço o que tiver que fazer para ajudar. Meu negócio é resolver".



Sorriso

João Reis de Souza Silva, o Sorriso, começou muito cedo na Beija-Flor. Aos 15 anos, procurou Joãosinho Trinta e falou que gostaria de aprender algum trabalho no barracão da escola. "O João me deu esta chance", recorda, feliz. Começou como aderecista, em 1980, mas há nove anos trabalha com empastelação, na parte de escultura. Sorriso, que sempre morou em Nilópolis, tem certeza de que neste carnaval a Beija-Flor vem com tudo. "Estamos a todo o vapor, trabalhando sempre mentalizados na nota 10. Vamos entrar na avenida para já sairmos campeões".



Jayme Bahia

Aos 19 anos, Jayme Bahia chegou de Salvador e elegeu Nilópolis como sua cidade maravilhosa. Em 1958, começou a trabalhar com a Beija-Flor, no setor de carpintaria, construindo os carros alegóricos. "Naquela época os carros eram todos feitos de madeira. Depois de prontos, colocávamos em cima do caminhão da Prefeitura para serem levados até a Praça Onze", relembra. Atualmente com 71 anos, seu Jayme continua trabalhando duro para ver sua escola brilhar na Sapucaí todos os anos. "Dá muito trabalho mas, no final, vale a pena. É uma maravilha ver a Beija-Flor na Avenida".



Jayme Português

Aos 68 anos, é com modéstia que Jayme Português fala do ofício que sempre exerceu, talvez sem ter noção da importância do seu trabalho para o sucesso da escola. "Sou um simples carpinteiro", diz. Morador de Vilar dos Teles, não vê a hora de prestigiar sua escola no próximo carnaval. Enquanto o dia não chega, seu Jayme acompanha passo a passo os preparativos para o desfile de 2002. "A cada dia que passa está tudo mais lindo na Beija-Flor", orgulha-se.



Baiano

Na Bahia ele trabalhava como laminador fazendo bugres e lanchas. Quando chegou ao Rio de Janeiro, há 12 anos, José Jorge Guedes Soares ganhou o apelido de Baiano e um emprego na Beija-Flor, para trabalhar com fibra de vidro, na parte de reprodução, onde está até hoje. "Cheguei no Rio sem emprego, e soube por um amigo que já trabalhava na escola, o Banana, que estavam precisando de laminador", conta. O trabalho no barracão dura cerca de oito meses e, no dia do desfile, Baiano monta e desmonta os carros. "Só quando vejo a Beija-Flor na avenida é que entendo como todo nosso esforço é válido", revela.



Edinho

Depois de passar alguns anos trabalhando para presidentes das várias alas em seu próprio ateliê, Edson Bertholini, o Edinho, passou a integrar o barracão de Nilópolis em 1993, a convite de Milton Cunha, então carnavalesco da escola. Edinho desfilou na Beija-Flor pela primeira vez em 1985 e, em 87, tornou-se destaque: "O carnaval é a maior diversão da minha vida, e a Beija-Flor, a minha paixão", derrete-se. "Atualmente, respiro carnaval 24 horas por dia. Quando não estou no barracão, estou em casa trabalhando na confecção da minha fantasia, que este ano será um cisne negro", completa.



Dinângela

Aderecista da Beija-Flor desde os 15 anos de idade, Dinângela Escarlata, aos 7 já acompanhava a mãe, então costureira da escola, para apreciar as atividades no barracão. Hoje, aos 35 anos, considera o amor à profissão o mais importante para manter o entusiasmo depois de 20 anos de trabalho, e não poupa elogios à equipe do barracão de Nilópolis. "Nosso pessoal é muito bom e nosso chefe não é só chefe, é também um amigo", diz ela, referindo-se ao coordenador Edson Bertholini. "Somos como uma orquestra: um grupo trabalhando em harmonia, com um grande regente".



Zezé

Ela começou na Beija-Flor há 17 anos como cozinheira e, há dez, desempenha a função de costureira. "Quando entrei para a escola, já sabia costurar. Então, quando surgiu a oportunidade, mudei meu ofício, e nele estou até hoje", conta Maria José Pacheco. Trabalhando na confecção das fantasias o dia inteiro durante cerca de seis meses por ano, Zezé não reclama da demanda. "Trabalhamos duro, mas está tudo muito bonito, lindíssimo, e é isso que importa", diz a costureira, que todo ano desfila como apoio na Ala das Baianas. "A Beija-Flor promete para a festa deste ano", garante. (IE e TG) ■

Varig e Beija-Flor voando juntas

Roberto Macedo

Patrocinar o desfile de uma grande escola de samba do carnaval do Rio de Janeiro é mais do que simplesmente participar da maior festa popular do planeta. É, pela grandiosidade do espetáculo e por seu poder de comunicação, um excelente investimento. São números inigualáveis: são milhares de pessoas envolvidas diretamente com os dois dias de espetáculo; centenas de emissoras de rádio e de televisão transmitindo o show, ao vivo, para todo o mundo. Cada gesto, cada movimento, cada imagem é repetida milhões de vezes ao redor de todo o planeta.

Enfim, a apresentação dessas agremiações pela passarela projetada por Oscar Niemeyer transformou-se, nos últimos anos, numa eficaz e eficiente ferramenta de marketing, cada vez mais disputada e utilizada por grandes empresas nacionais e internacionais em estratégias para aumento de vendas e promoção de imagem e produtos nos mercados do país e do exterior. Um evento que representa — para as empresas que se valem dele — um investimento irrisório quando comparado aos custos dos veículos da mídia convencional.

A Varig decidiu atrelar seu nome e sua mar-

ca ao desfile da Beija-Flor, uma das grandes campeãs do carnaval carioca e, assim, exibir-se para milhões e milhões de pessoas no Brasil e no exterior. No desfile de 2002, a escola cantará um enredo que é a própria história da aviação comercial brasileira, trazendo para a Marquês de Sapucaí as mesmas cores da Varig, e cantando a trajetória de Ruben Berta, patrono e pioneiro da maior empresa aérea do país.

No entanto, para que o retorno pretendido seja alcançado, não basta o patrocínio: é preciso envolver algumas áreas da empresa no desenvolvimento de uma série de ações paralelas. Algumas delas já estão em andamento, como, por exemplo, a decoração da quadra e do barracão da escola com *banners* alusivos à parceria Varig e Beija-Flor. E também a distribuição de camisetas com a marca da empresa entre a comunidade da cidade de Nilópolis, onde está localizada a escola.

Roberto Macedo
é vice-presidente
Comercial da Varig



Quem foi Ruben Berta?

Filho de Martin Felix Berta e Helena Maria Lenz, Ruben Martin Berta nasceu em Porto Alegre em 5 de novembro de 1907.

A infância e a adolescência seguiram o padrão das famílias da modesta classe média porto-alegrense, de origem alemã e luterana. No início de 1927, já freqüentava o curso de medicina quando, por necessidade do sustento familiar, resolveu atender a um curioso anúncio de emprego. Não era uma proposta de trabalho comum, igual às que todos os dias saíam nos jornais, para algum escritório comercial ou de nova indústria da capital gaúcha, mas de colocação em uma companhia de aviação comercial em implantação, a Empresa de Viação Aérea Rio-Grandense S.A.

A novidade não atraiu muitos candidatos para a entrevista. Dentre os poucos que apareceram, o jovem Berta foi o escolhido. Aos 19 anos, tornou-se o primeiro funcionário registrado da Varig. Segundo testemunho de seu entrevistador, Otto Meyer, fundador e diretor-gerente da com-

panhia, Berta nada lhe perguntou sobre salário, tarefas ou extensão da jornada de trabalho. Apenas aceitou o emprego — e o desafio.

A empatia parece ter sido imediata, e certamente recíproca, entre Berta e a empresa. Atração pelo pioneirismo do empreendimento ou pelo velho fascínio humano de voar? As duas coisas, provavelmente. Começava aí uma saga que Ruben Berta e a Varig viveriam juntos por 40 anos.

Foram anos de um aprendizado silencioso e fecundo, que o prepararam para assumir o comando da empresa à época da Segunda Guerra Mundial e fazê-la decolar no pós-guerra. Como principal dirigente da Varig desde o final de 1941 — em razão da renúncia de Otto Meyer —, Berta liga definitivamente sua vida pessoal e profissional à da companhia. ■

Fundação Ruben Berta, um sistema de gestão

João Correia

Em 1945, surge a Fundação dos Funcionários da Varig, por iniciativa do então presidente da empresa, Ruben Martin Berta, com uma estrutura e finalidade inéditas no país: prover benefícios sociais àqueles funcionários e familiares, preferencialmente com recursos advindos da lucratividade da empresa. Para isso, Berta convenceu os acionistas a doarem 50% das ações da empresa para a recém-criada instituição, mais uma dotação em dinheiro próxima ao valor dessas ações, para que a entidade pudesse entrar em operação. Ao longo dos anos, aumentou essa participação acionária até controlar 87% do capital votante da empresa.

A estrutura elaborada por Berta foi a de um verdadeiro estado: todos os funcionários e aposentados da Varig são filiados à fundação, assim como os funcionários da própria instituição. Aqueles que completam 10 anos de serviço podem concorrer a uma cadeira no Colégio Deliberante, órgão máximo da entidade.

Ao longo dos 53 anos da fundação — que assumiu o

nome de Ruben Berta em 1966 —, o Colégio Deliberante elegeu os presidentes da Varig, enquanto estes acumularam o cargo com a presidência da instituição. Há poucos anos, o Colégio Deliberante elegeu o primeiro Conselho de Curadores, uma espécie de "senado" da fundação, como foi preconizado por Berta ainda em 1966. Sua função é indicar os membros do Conselho de Administração da Varig e de outras empresas em que a fundação tenha participação acionária.

A experiência socializante da Fundação Ruben Berta é a mais bem-sucedida de que se tem notícia no Brasil. Em vez de repartir as ações da empresa — e seus lucros ou prejuízos — com os empregados da Varig, a fundação socializa esses resultados. Os dividendos que recebe são revertidos aos filiados da empresa na forma de benefícios sociais.



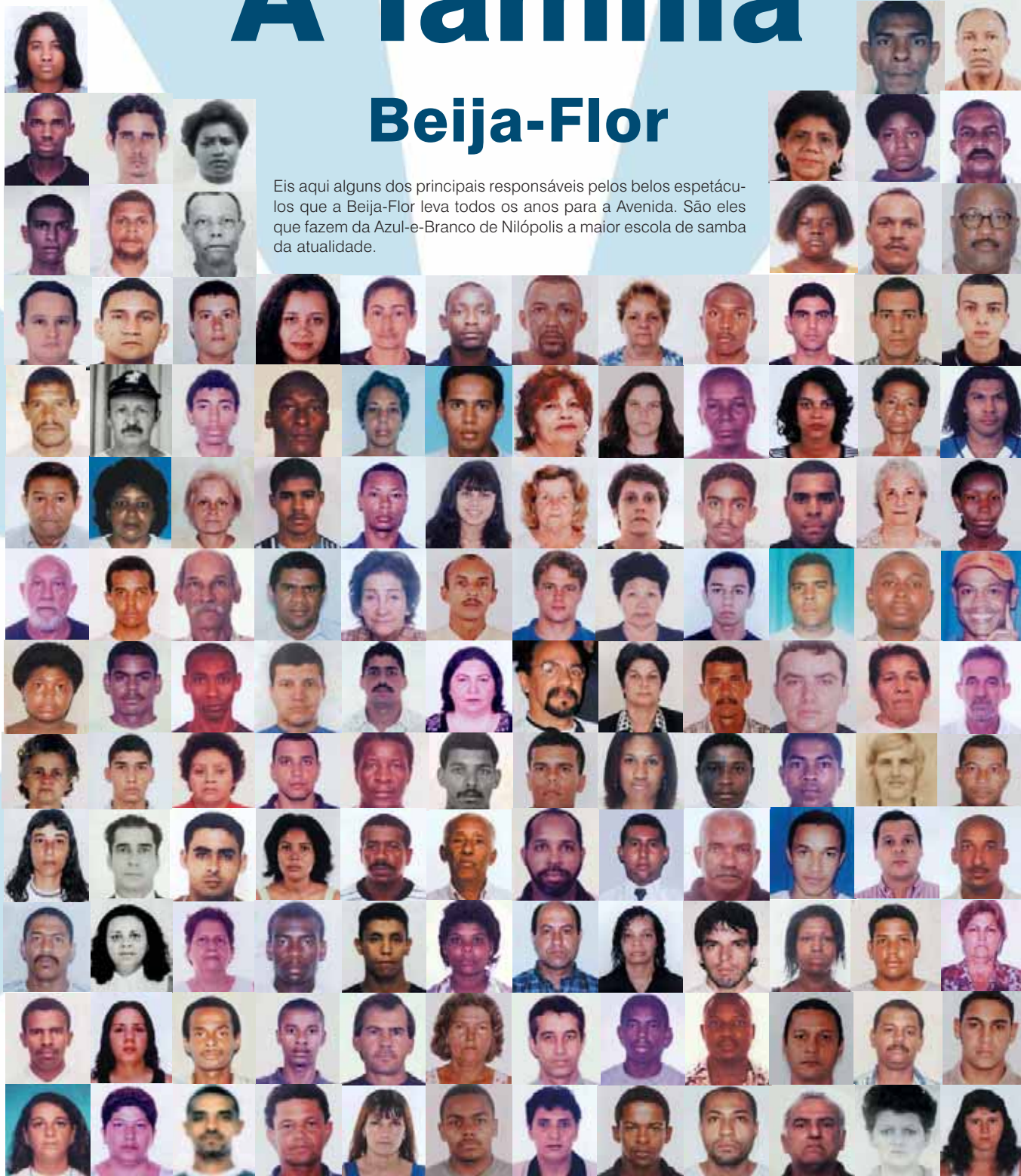
João Correia
é diretor executivo
da Fundação Ruben Berta

Divulgação

A família

Beija-Flor

Eis aqui alguns dos principais responsáveis pelos belos espetáculos que a Beija-Flor leva todos os anos para a Avenida. São eles que fazem da Azul-e-Branco de Nilópolis a maior escola de samba da atualidade.



GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA BEIJA-FLORE DE NILÓPOLIS

Presidente de Honra: Anizio Abrão David - Presidente Administrativo: Farid Abrão David - Vice-presidente: Nelson Sennas David - VP de Administração e Finanças: Luiz Augusto Ferreira de Almeida - VP de Patrimônio: Carlos Adalberto Rodrigues - Diretor de Patrimônio: Noel Foligno - VP Social e Recreativo: Ricardo Abrão - Diretor Social e Recreativo: Armando de Souza - VP Jurídico: Gilson de Castro - VP de Esportes: Marcos Fernandes Costa da Silva - VP de Comunicação e Divulgação: Antonio Carlos da Costa - VP Cultural e Artístico: José Aparecido de Carvalho - VP de Carnaval: Luiz Fernando Ribeiro do Carmo - VP Feminina e de Assistência Social: Débora Rosa Cruz Costa - Diretor de Administração e Finanças: Pedro Cardoso de Almeida.



Azul Maria

*Bom gosto, qualidade e arte
em moda feminina.*



Tel.: (21) 2695-5033

**BEIJA-FLOR,
DECOLAGEM
AUTORIZADA.**



A VARIG tem orgulho de apoiar uma das maiores escolas de samba do Brasil, a Beija-Flor de Nilópolis. É a companhia aérea que mais entende de Brasil, participando de uma das maiores manifestações culturais do país.



VARIG *Brasil*

A STAR ALLIANCE MEMBER 